



Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto com vista à obtenção do 2º ciclo de estudos conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março e do Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro.

Orientadora: Professora Mariana Amaral da Cunha

Mariana Ribeiro
Porto, 23 setembro de 2011

Ficha de Catalogação

Ribeiro, M.P.S (2011). *Relatório de Estágio Profissional*. Porto: M. Ribeiro. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção de Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto na Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO FÍSICA, ESTÁGIO PROFISSIONAL, PROFESSOR, REFLEXÃO, FORMAÇÃO INICIAL.

AGRADECIMENTOS

À minha Orientadora Mariana Amaral da Cunha, pelos seus ensinamentos, disponibilidade, apoio, compreensão e auxílio prestado ao longo deste ano letivo.

Ao Professor Cooperante António Portela pelo incentivo, dedicação e franqueza das suas palavras exercendo um enorme contributo no meu desenvolvimento profissional.

Ao meu pai pela partilha de conhecimentos e de palavras inspiradoras que enfatizaram o meu percurso e me ajudaram a progredir.

Ao meu irmão André pela sua cooperação na formatação do documento.

A toda a minha família pela paciência, tolerância e carinho nos momentos de angústia.

À Inês pela ajuda nos momentos em que me senti perdida.

À Escola Secundária/2,3 de Águas Santas e concretamente aos elementos da Direção pela colaboração na minha recolha de informações sobre a Escola.

A todos aqueles que acreditaram em mim e me ajudaram a chegar até aqui o meu sincero

Obrigada!

ÍNDICE GERAL

RESUMO.....	XIII
ABSTRACT.....	XV
ABREVIATURAS.....	XVII
1.INTRODUÇÃO.....	XIX
2. ENQUADRAMENTO PESSOAL.....	- 3 -
2.1. Eu e a Minha História.....	- 9 -
2.2 As Minhas expectativas em relação ao Estágio Profissional	- 15 -
3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL.....	- 19 -
3.1 Contexto Legal, Institucional e Funcional do Estágio Profissional	- 21 -
3.1.1 Contexto Legal e Institucional.....	- 21 -
3.1.2. Enquadramento Funcional.....	- 23 -
3.1.2.1 A Escola Secundária/2,3 de Águas Santas	- 24 -
3.1.2.2. O Primeiro Impacto.....	- 25 -
3.2 Ser Professor	- 27 -
4. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL.....	- 31 -
4.1 ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM. -	33 -
4.1.1 Uma turma em que as raparigas estão sempre em maioria	- 33 -
4.1.1.1 Em busca de um caminho seguro para a minha Turma.....	- 34 -
4.1.2 Contributos de uma experiência prática anterior para reagir ao olhar desafiador da turma... ..	- 37 -
4.1.2.1 A implementação de rotinas para uma gestão eficaz da aula e a conquista do controlo e autonomia da turma... ..	- 39 -
4.1.2.2 A influência da apresentação do conteúdo na progressão dos Alunos	- 44 -
4.1.2.2.1 Qualidade do Feedback versus Progressão dos Alunos..	- 46 -
4.1.3 A DIFERENCIAÇÃO dos alunos na busca da UNIDADE	- 50 -
4.1.4 A aposta no CLIMA de aula	- 53 -
4.1.4.1 A minha relação com a Turma e suas individualidades.....	- 54 -
4.1.4.2 Corresponder às expectativas de uma turma motivada.....	- 58 -

4.1.4.2.1 A Dança como estratégia de motivação para as aulas de Ginástica	- 59 -
4.1.4.2.2 O Modelo de Educação Desportiva (MED) como fonte de aprendizagem e socialização na minha turma	- 61 -
4.1.5 As dificuldades em avaliar	- 65 -
4.1.5.1 A utilização de meios audiovisuais como auxílio na tarefa de avaliação	- 68 -
4.1.6 O contributo da observação de aulas para a evolução das minhas sessões.....	- 69 -
4.2 PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA	- 71 -
4.2.1 A descoberta do papel do Diretor de Turma (DT).....	- 71 -
4.2.2 A minha participação e relação com a Comunidade.....	- 72 -
4.2.3 Promover relações entre a comunidade na expressão da sua criatividade – I Sarau AESCAS-	- 76 -
4.2.4 “As interações sociais e relacionais dos diversos “atores” escolares, bem como o grau de satisfação face à gestão e ao clima que se vive atualmente na escola de ES/2,3 de Águas Santas, após as recentes alterações físicas e organizativas que ocorreram na mesma”.....	- 77 -
4.3 DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL	- 101 -
4.3.1 Do projeto (PFI) à sua concretização (Relatório de Estágio)	- 101 -
4.3.2 Da passagem de Aluna a Professora	- 101 -
4.3.3 Aprender a refletir	- 102 -
4.3.4 A observação e o recurso visual para o Meu desenvolvimento profissional.....	- 104 -
5. CONCLUSÕES E PERSPETIVAS PARA O FUTURO	- 105 -
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	- 111 -
ANEXOS	i

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Corredores da Escola Nova	- 87 -
Figura 2 - Cantina da Escola Nova.....	- 88 -
Figura 3 - Polivalente da Escola Antiga.....	- 88 -
Figura 4 - Biblioteca da Escola Nova	- 90 -
Figura 5 - Biblioteca da Escola Antiga.....	- 90 -
Figura 6 - Campo de jogos	- 91 -
Figura 7 - Sala de ginástica.....	- 91 -
Figura 8 - Pavilhão Gimnodesportivo	- 91 -
Figura 9 - Escola Antiga	- 98 -
Figura 10 - Escola Nova.....	- 98 -

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Resultados da análise das entrevistas	- 85 -
--	--------

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1: Ficha de Observação da aula adaptada pelo Núcleo de Estágio.....	iii
Anexo 2: Guião das Entrevistas.....	iv
Anexo 3: Transcrição das Entrevista.....	vii

RESUMO

A elaboração do presente documento insere-se no âmbito do Estágio Profissional (EP), inserido no plano de estudos da Faculdade de Desporto e Universidade do Porto (FADEUP), no 2.º ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre, no Ensino Básico e Secundário. Este tem como propósito refletir sobre as vivências decorridas na Escola Secundária/2,3 de Águas Santas no ano letivo 2010/2011, através de uma perspetiva biográfica, ecológica e desenvolvimentista de todo o processo.

Este documento encontra-se organizado em cinco momentos, sendo o primeiro o de *“Introdução”* ao mesmo; o segundo alusivo ao *“Enquadramento Pessoal”*, integrando as vivências e experiências académicas e desportivas e as expectativas iniciais relativamente ao EP; o terceiro relativo ao *“Enquadramento da Prática Profissional”*, incluindo o primeiro impacto com esta realidade e uma reflexão acerca da temática “Ser Professor”. O quarto momento denominado *“Realização da Prática Profissional”*, incide sobre as quatro áreas de desempenho referidas no regulamento de EP da FADEUP, integrando os diferentes temas segundo uma estrutura dinâmica e flexível. Neste momento é ainda apresentando o estudo de investigação-ação, o qual resultou do meu processo de integração e relação com a Comunidade, incidindo sobre os efeitos das alterações físicas e organizativas da Escola nas interações sociais e relacionais dos diversos “atores” escolares, do qual pude constatar, entre outras coisas, que as características de um estabelecimento de ensino poderão inspirar a criação de uma vida coletiva, uma vida de encontros, de discussões, de cooperação, ou, isolarão cada grupo tornando-os independentes uns dos outros. O quinto momento, o qual marca o final desta análise retrospectiva, surge como a súmula dos momentos anteriores sendo dedicado às *“Conclusões e Perspetivas para o Futuro”*.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO FÍSICA, ESTÁGIO PROFISSIONAL, PROFESSOR, REFLEXÃO, FORMAÇÃO INICIAL.

ABSTRACT

The making of this document falls under a professional teacher training scope, inserted into a study plan of the Faculty of Sport and the University of Porto (FADEUP), in the 2nd cycle of studies leading to Master's degree in Elementary and Secondary Education. Its aim is to reflect on the experiences that took place in Águas Santas Elementary/High School, under the professional practicum in the 2010/2011 academic year, through a biographical, ecological and developmental perspective of the whole process.

This document is structured in five chapters. The first being the "Introduction"; the second, an allusion to the "Personal Framework" by integrating the academic and sporting experiences with the initial expectations regarding the practicum; the third related to the "Professional Practice Framework", including the initial impact with this reality and a reflection upon the theme of "being a teacher". The fourth topic called "Realization of Professional Practice", focuses on four areas of performance referred in the FADEUP professional teacher training regulation, integrating different subjects according to a dynamic and flexible structure. It is also presented a action-research study, which resulted from my integration and relation with the community, focusing on the effects of physical and organizational changes of the school in the social and relational interactions of the various school 'actors', in which I could conclude, among other things, that the characteristics of an educational establishment may inspire the creation of a collective life, a life of meetings, discussions, cooperation, or may isolate each group making them independent of each other. The fifth topic, which marks the end of this retrospective analysis, emerges as the sum up of the previous moments in being devoted to "Conclusions and Future Perspectives".

KEYWORDS: PHYSICAL EDUCATION PROFESSIONAL TEACHER TRAINING, TEACHER, REFLECTION, INITIAL TRAINING.

ABREVIATURAS

AESCAS- Agrupamento de Escolas de Águas Santas

DC- Desporto coletivo

DT- Diretor de Turma

EE- Estudante-estagiário

EF- Educação Física

EP- Estágio Profissional

FADEUP- Faculdade de Desporto Universidade do Porto

MEC- Modelo de Estrutura e Conhecimento

MED- Modelo de Educação Desportiva

PE- Professor estagiário

PEE- Projeto Educativo de Escola

PFI- Projeto de Formação Individual

UT- Unidade Temática

1.INTRODUÇÃO

“Entrar no mundo profissional implica abandonar alguma segurança feita de apoios sucessivos, decidir sozinho e ter de enfrentar desafios que obrigam a crescer” (Couto, 1998,p. 90).

O Estágio surge como um momento de aplicação crítica, criteriosa e reflexiva dos vários conhecimentos para que o estudante estagiário (EE) aceda a uma didática pessoal, que se apresenta como uma fase de preparação para a futura docência. Este marca o início de uma nova fase revestida por um conjunto de desafios e dificuldades resultantes da aproximação ao campo de atuação profissional. De acordo com Amaral et al (1996, p. 94) esta é uma oportunidade para o professor iniciante “ experimentar e pôr em prática os seus próprios esquemas conceptuais, refletindo sobre os resultados obtidos e reformulando constantemente a sua atuação”, desenvolvendo assim uma prática reflexiva, a qual será a mediadora de todo este processo. Neste sentido surge a pertinência de uma autoavaliação constante para a tomada de consciência das potencialidades e dificuldades do professor de modo a corrigir e a melhorar as suas práticas pedagógicas, e assim se poder tornar num “agente de mudança de si próprio, dos outros e da sociedade” (Amaral et al, 1996, p.94). A prática reflexiva surge desta forma como um processo inerente à condição de docente devendo acompanhá-lo do início ao final da sua carreira, sendo o Relatório de Estágio o refletir das experiências e vivências no âmbito desta prática orientada.

A concretização deste documento surge no âmbito do Estágio Profissional (EP), conducente ao grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto e Universidade do Porto, o qual decorreu na Escola Secundária/2, 3 de Águas Santas, num núcleo de estágio constituído por três elementos, coordenado pelo Professor Cooperante da Escola e orientado pela Professora Orientadora da FADEUP. O presente EP tem como objetivo apresentar uma perspetiva crítica sobre o processo de “aprender a ensinar” dada a necessidade, durante a prática, de transpor a posição de aluno para professor, na condução e mediação do processo de ensino-aprendizagem de uma turma de 11º ano do Ensino Secundário. Este afigura-se como uma preleção do primeiro contacto

com o contexto real de ensino, o qual fomenta o processo de desenvolvimento do EE ao lhe mostrar novos caminhos para o seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Relativamente à conceção deste documento, apresenta-se organizado em cinco momentos de análise. Num primeiro momento é realizada uma “*Introdução*” ao mesmo, seguindo-se a realização de um “*Enquadramento Pessoal*”, o qual surge para contar “A minha História”, retratando as diferentes vivências e experiências académicas e desportivas que me fizeram chegar até aqui, sendo ainda reveladas as minhas expectativas iniciais em relação ao EP, considerando ser o foco para o entendimento dos momentos seguintes. No terceiro momento é realizado o “*Enquadramento da Prática Profissional*”, sendo apresentado o contexto legal, institucional e funcional do EP, bem como o primeiro impacto no contacto com esta realidade. É ainda abordada a temática do “Ser Professor”, como resposta ao “choque” com a realidade. O quarto momento tendo em conta o Regulamento do EP da FADEUP incide sobre as quatro áreas de desempenho: Área 1- *Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem*; Área 2- *Participação na Escola*; Área 3- *Relação com a Comunidade* e Área 4- *Desenvolvimento Profissional*, integrando as diferentes temáticas de acordo com uma estrutura dinâmica e flexível. Assim, na Área 1 decorrerá a análise da minha ação no âmbito da docência, explicitando frequentemente episódios de reflexão sobre a ação para a enunciação das diferentes decisões e atuações. As Áreas 2 e 3 apresentam-se aglutinadas, sendo realizada uma reflexão crítica sobre a minha integração e interação com a Comunidade Educativa no âmbito do EP. Surge ainda neste capítulo a pertinência da apresentação do estudo de investigação-ação, visto remeter para um problema identificado na Comunidade, onde pretendi compreender de que forma as interações sociais e relacionais dos diversos “atores” escolares, bem como o seu grau de satisfação, podem ser influenciados pelas alterações físicas e organizativas que ocorrem numa Escola. Na área 4 serão apresentadas algumas temáticas que contribuíram para o meu desenvolvimento profissional bem como para a construção de uma identidade profissional.

Por fim, o quinto momento, e o qual marca o desfecho desta análise retrospectiva, surge como a súmula dos momentos anteriores sendo dedicado às “*Conclusões*” e a apresentação de “*Perspetivas para o Futuro*”.

2. ENQUADRAMENTO PESSOAL

2.1. Eu e a Minha História

O sonho é a pior das cocaínas, porque é a mais natural de todas. Assim se insinua nos hábitos com a facilidade que uma das outras não tem, se prova sem se querer, como um veneno dado (..)"

(Fernando Pessoa, in 'Livro do Desassossego')

A vida é comandada pelos sonhos, os quais nos incitam a seguir diferentes rumos. Inevitavelmente que o contexto em que crescemos e as experiências que possuímos são fonte de inspiração para os nossos sonhos, sendo a história de cada um e a minha história em particular, um reflexo daquilo que sou hoje, e do que poderei vir a ser no futuro. É como que se tratasse de um sonho que irei recordar um pouco da minha história e daquilo que me fez chegar até aqui!

Foi em abril de 1987, e no dia em que o País comemora a conquista da liberdade que, no Porto, mais propriamente na maternidade de Massarelos, apareceu a Mariana para revolucionar a vida dos seus pais. Era eu, e contam eles que desde cedo sempre fui muito irrequieta. Dizem também que aos cinco meses já gatinhava, aos nove já dava os meus primeiros passos e aos dezasseis meses, de fralda e rádio na mão, parece que esses passos já eram dançados, deixando escapar alguns movimentos rítmicos em terras transmontanas, local onde também vivi grandes aventuras. Realmente nunca fui pessoa de perder muito tempo parada. Também não admira, com um pai professor de Educação Física (EF) e de dança e uma mãe bailarina e ex-aluna deste professor, tal comportamento já seria de esperar.

Desde sempre o meu seio familiar me deu a conhecer o desporto e me permitiu experimentá-lo das mais diferentes formas. Desde muito nova, ainda que de uma forma lúdica, vivenciei com regularidade atividades físicas e desportivas sem qualquer tipo de influência, até que de forma espontânea e natural descobri que esse seria um espaço que me atraía e onde eu poderia construir uma identidade. A atividade física, a dança e a música estiveram sempre presentes na minha vida, desde as brincadeiras de rua com o meu irmão e vizinhos, os espetáculos de dança para a família e ainda os concertos

de música para as pessoas da aldeia, onde frequentemente ia passar dias de lazer com a minha família.

Recordo com bastante clareza os momentos que vivi na escola primária, a forma como esperava ansiosamente pela hora do recreio para poder correr, saltar, fazer jogos com os meus colegas que muitas vezes se transformavam em danças que fazíamos ao ritmo das nossas canções. Foi assim que surgiu uma coreografia em que eu tive grande ação criativa, ensaiando os meus colegas, como se fosse uma professora, o que nos levou a participar num concurso das escolas primárias e a conseguir o primeiro lugar. Sem nunca menosprezar todas as aprendizagens da sala de aula, esse “bichinho” da dança, do desporto e da música nunca deixou de me acompanhar ao longo dos vários anos. Assim, no 9º ano vim estudar para perto de casa, a Escola Secundária de Águas Santas, onde recentemente fui estagiária. Foi nesta escola que comecei a sonhar mais alto, principalmente no décimo ano de escolaridade, ano em que ingressei na turma de desporto onde me senti “com a minha gente”. Desde cedo soube qual a área que queria seguir e quando integrei nesta turma, esta certeza tornou-se ainda mais clara. Além da habitual EF tinha também aulas de desporto, o que para mim era ótimo, pois tinha mais horas da disciplina que eu mais gostava e mais uma classificação alta para a média. Durante o meu percurso escolar, esta sempre foi a disciplina em que me destaquei, apesar de gostar também de outras como o português, filosofia e psicologia. A matemática foi no entanto aquela que mais “contas me obrigou a fazer...”

Porque nem sempre os sonhos são belos, tornando-se por vezes pesadelos, passei a contrariedade de, apesar de ter terminado o secundário com uma média que me permitiria entrar na Faculdade dos meus sonhos, não reuni completamente os requisitos necessários para aquilo pretendia naquele ano. Assim, passei o meu ano de caloiria na Escola Superior de Educação do Porto, onde sendo aluna da variante de EF, vivi grandes experiências e construí novas amizades. Apesar de nunca ser minha intenção realizar a minha formação nesta instituição, considero que essa passagem foi muito proveitosa para mim. Tive disciplinas das quais gostei bastante, como a música, a

expressão dramática e a prática pedagógica, as quais se tornaram importantes para a minha formação, e hoje me ajudam diariamente,. Foi ainda nesta instituição que tive a oportunidade de conhecer o professor que mais me marcou até hoje, Alcino Manuel Matos Vilar. Um professor da disciplina de Prática Pedagógica que, pela sua presença, forma de comunicar, apresentar as matérias, partilhar experiências e aconselhar, conseguia naturalmente captar a nossa atenção. Eram aulas onde, por vezes, me escapava uma gargalhada devido ao clima de aprendizagem que o professor nos proporcionava, e à ligação que este criava entre a teoria e a sua experiência prática, contando-nos algumas das suas histórias que me faziam refletir e me conquistavam. Era nestas aulas que eu pensava “ um dia também quero ser assim...”.

O facto de nesta disciplina termos realizado um pequeno estágio pedagógico na escola EB2/3 de S. João de Deus, foi para mim uma experiência marcante, a qual me permitiu contactar com crianças bastante complicadas, quer a nível do seu comportamento e relacionamento, bem como das suas dificuldades de aprendizagem, mostrando-me um pouco da realidade de uma escola que se insere num bairro como este. Apesar de todas as dificuldades e dos problemas que rodeavam diariamente aquela escola, sentia-me revigorada quando as crianças, “empoleiradas” nas grades da escola e aguardando a nossa chegada, transbordavam uma enorme alegria quando nos viam a aproximar. Crianças que necessitavam de carinho e atenção viam em nós a possibilidade de conseguir algum desse afeto. Lembro-me perfeitamente da alegria que causei a uma aluna de etnia cigana, que com dez anos de idade, ainda se encontrava na primeira classe, quando numa das aulas em que colaborava, lhe ensinei a ver as horas no seu relógio. É algo que mesmo que insignificante, ainda hoje me recordo e me faz pensar como é importante a nossa profissão, como é importante que não confinemos a nossa ação às matérias que temos que lecionar, como é importante estarmos atentos e despertos aos problemas e motivações destas crianças, como é importante que estas nos sintam como alguém que as pode ajudar, porque conseguir o brilho no olhar dos nossos alunos é tão ou mais importante que todas as matérias que estes devem dominar. É certo que noção do “bom” professor, não é em

termos objetivos fácil de concretizar, dados os inúmeros fatores que a condicionam. Mialaret (1985,p.47) refere que a construção de um “retrato-robot” do “bom” professor e sua análise científica é difícil, se não impossível. Se por um lado parece importante que o professor domine as diferentes matérias de ensino e seja capaz de as transmitir aos seus alunos, é “para além desta plataforma organizada, importante um cunho pessoal no ensino, pulverizando um pouco os objetivos e comportamentos estandardizados” (Cunha, 2008,p.83). O professor ao atribuir um cunho pessoal ao ensino estará a revelar parte sua personalidade e a permitir que os seus alunos as revelem também. Considerando que estas relações interpessoais são cada vez mais uma fonte de desenvolvimento da nossa sociedade, será importante que estas sejam também valorizadas e fomentadas no processo de ensino aprendizagem. Mas ser professor implica várias funções e papéis, os quais se alteram ao longo do tempo e de acordo com as mudanças que ocorrem no mundo. Poder-se-á desta forma dizer que os papéis e funções dos professores bem como da escola são hoje complexos e diversificados e “a Escola, tem portanto, que se inovar e mudar constantemente ao nível curricular, (...) sob pena de não ser capaz de formar os cidadãos críticos, reflexivos, na lógica transformacional e humanizada” (Cunha 2008,p.59). Assim sendo, e segundo a minha perspetiva, na sua dimensão plena, ser professor será o exercício de uma profissão e de uma vocação, um chamamento intrínseco para algo que dá sentido à nossa vida e pelo qual desejamos ser reconhecidos. E este foi então um pensamento que resultou das experiências deste ano, que acabou por deixar a sua marca e me fez perceber que realmente queria ser quem diariamente conseguisse o sorriso de alguém, queria ser professora.

No final desse ano consegui, dada a minha persistência e força de vontade, a transferência para a faculdade dos meus sonhos, e iniciei novamente o meu percurso no ensino superior. Apesar de alguns desapontamentos vividos, o que certamente acontecerá em vários momentos da minha vida, e os quais talvez tenham surgido devido às minhas expectativas serem demasiadamente elevadas, julgo que foi a melhor opção para mim. Tive a oportunidade de fazer parte de um ambiente com o qual sempre me

identifiquei, e onde toda a gente apresenta um objetivo, de alguma forma, comum, que me incitou a trocar, partilhar, vivenciar experiências e aprendizagens no âmbito desportivo que se revelaram fulcrais para melhor desempenhar o meu papel de EE. Pude ainda aprender com alguns dos melhores professores desta área, o que é bastante gratificante. No terceiro ano do meu percurso na FADEUP optei pelo ramo de Exercício e Saúde, uma vez que era aquele que incluía as atividades e aprendizagens que sempre me cativaram. Foi a partir deste ano, que comecei, de forma ocasional, a “lecionar” aulas de dança para crianças do 1º ciclo no Clube Desportivo da Universidade do Porto e ainda iniciei o meu percurso na área do *fitness*. Uma experiência determinante para a minha opção seguinte, uma vez que pelas dificuldades que a turma dos mais novos me criou, quer a nível de gestão e controlo da turma bem como das metodologias e estratégias motivacionais a utilizar para a mesma, me senti desafiada e por vezes angustiada. Uma turma difícil que me levou constantemente a refletir e procurar soluções para de alguma forma atenuar todas as dificuldades que estava a sentir. Foi neste momento que percebi que era necessário algo mais, algo para além do domínio do conteúdo, faltavam-me conhecimentos pedagógicos que me permitissem de forma consciente e responsável detetar os problemas reais e agir. Assim, ao terminar a licenciatura, e com novas propostas de emprego, decidi que a minha opção deveria ser pelo mestrado via ensino visto ser aquele que ia de encontro à minha necessidade de “aprender a ensinar”, bem como às minhas experiências e vivências anteriores, uma vez que sempre me identifiquei com a profissão do meu pai e admirei os meus professores de educação física.

No ano seguinte, e voltando a trabalhar com crianças em infantários rapidamente me apercebi da importância da formação nos professores, isto é, da docência, bem como da necessidade de reciclagem das aprendizagens ao longo da carreira docente, das vantagens de uma experiência prática pedagógica orientada e ainda do conhecimento de uma disciplina denominada Didática.

Esta tem sido a minha caminhada, e parte do trilho que tenho para percorrer, tendo todos estes momentos que vivi contribuído para que neste

momento me encontre a terminar o segundo e último ano do Mestrado de Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Visto que ao longo deste tempo de formação, e dada a minha paixão pela dança e atividade física patentes na minha história, bem como a minha grande ambição em um dia ser reconhecida por aquilo que faço, sempre agarrei todas as oportunidades que me foram surgindo, continuando hoje a lecionar aulas de grupo em ginásios. É algo de que gosto bastante e que tem contribuído para o meu crescimento pessoal e profissional, tendo-me permitido desenvolver algumas das capacidades que um PE necessita de possuir no âmbito do seu estágio e deve aperfeiçoar ao longo da sua carreira. O facto de ter integrado nesta área de uma forma ocasional e de ter sempre como objetivo o “topo”, exigiu bastante de mim, levando a que ao longo deste tempo necessitasse de investir na minha autoformação de forma a conseguir um bom desempenho. Considero que entre outras, desenvolvi a minha autonomia, a capacidade de comunicar com as diferentes faixas etárias, de as observar, aumentando ainda o número de recursos de que dispunha para cativar e motivar os alunos, visto que mais facilmente consigo identificar as suas dificuldades e perceber o que realmente lhes desperta interesse. Tal como afirma Mantoy (1972,p.26) “é sempre que um professor interessa os seus alunos nas aulas, e sobretudo de cada vez que os coloca a executar uma atividade para eles interessante, que espontaneamente a criança presta atenção”. Como tal, e partindo desta ideia, sinto que essas experiências iniciais me deram maior confiança e facilidade para encarar as diferentes situações que foram surgindo, nomeadamente no EP bem como me criaram mais expectativas em relação a esta fase da minha formação.

2.2 As Minhas expectativas em relação ao Estágio Profissional

“Eu não me envergonho de corrigir os meus erros e de mudar as minhas opiniões, porque não me envergonho de raciocinar e aprender.”

Alexandre Herculano

Durante todo este meu percurso sempre aguardei ansiosamente pelo dia em que iria exercer a profissão que sempre sonhei ter. Em vários momentos representei esse dia no meu pensamento, baseando-me naqueles que tinham sido uma inspiração para mim, os meus professores de EF e o meu pai. Contudo, sempre me mantive bastante expectante e curiosa relativamente à forma como iria lidar com esse momento. O que é certo é que mais rápido do que aquilo que eu esperava esse dia chegou, e dessa forma fui confrontada com o EP e com tudo aquilo que este implica.

De acordo com Gomes (2002, p.203). “O EP como, porto de partida para a viragem de longo curso que é a profissão, confronta os EE com distintas situações e estatutos” Considerando-o como uma componente fundamental do processo de formação do professor, servindo como ponte de ligação da fase de aluno para a vida profissional, encarei-o como uma oportunidade privilegiada para contactar com a realidade da escola, segundo a perspectiva de professor, na qual futuramente desempenharia várias funções. Entendi que talvez as palavras que o pudessem caracterizar fossem “APRENDIZAGEM”, “EXPERIMENTAÇÃO”, “VIVÊNCIA”, “REFLEXÃO”, “TRANSFORMAÇÃO”, sendo um momento de extrema importância para a minha formação, e do qual pretendia retirar o máximo de proveito. Como tal, seria uma fase de aproximação e adaptação à nova realidade, que aparecia como embrião para a formação da personalidade do professor que pretendo ser. Como era de esperar, desde o início que tinha grandes expectativas, contudo, tinha os pés bem assentes na Terra. Sempre tive consciência de alguns dos problemas e dificuldades com os quais me iria deparar na escola bem como dos momentos de ansiedade e angústia que iriam surgir, sendo um período importante de reflexão sobre a minha escolha. No papel de EE aspirava “aprender a ensinar”,

desenvolver a minha ação pedagógica na transição do saber para o “saber-fazer”, ampliar as várias competências no âmbito da profissão docente, descobrir o modelo de ensino com que mais me identificaria e ir encontrando o meu estilo próprio de ensino. Felizmente sabia que não estaria sozinha nesta “aventura” contando com o apoio da professora orientadora e professor cooperante na procura de soluções para os problemas com que me depararia no processo de ensino-aprendizagem. Sendo a escola onde me encontrei a realizar o EP, Escola Secundária/ 2,3 de Águas Santas, a minha primeira opção no momento da minha candidatura, e uma instituição da qual sou ex-aluna, provocou em mim logo desde o início um grande entusiasmo e expectativa relativamente à forma como iria ser recebida pela comunidade escolar, nomeadamente pelos meus ex-professores, alunos da turma que lecionaria e o professor cooperante. A minha curiosidade estendia-se às minhas capacidades e à forma como conseguiria transformar em prática todos estes anos de aprendizagem. Estava ainda bastante expectante relativamente a tudo aquilo que poderia aprender e explorar num ambiente do qual sempre quis fazer parte. Senti que era o início de uma nova caminhada visto se avistarem grandes mudanças na passagem “da instituição de formação para a escola, da condição de aluno para a de professor e da teoria para a prática (...)” (Cunha, 2008, p.122). Sendo esta, a profissão que sempre desejei ter, era meu grande desejo poder no final desta experiência confirmar esta decisão. Não pretendendo com isto dizer que não esperava momentos em que a colocaria em causa, contudo, tinha a convicção de que as experiências que vivenciaria junto dos alunos e da comunidade escolar me dariam o reforço positivo que necessitava para vencer esta prova de resistência. Assim sendo, e junto da comunidade escolar, pretendia conhecer um pouco da dinâmica que se vivia na escola, quer a nível do pessoal docente, não docente e dos alunos em geral. Através deste, perceber o funcionamento da instituição em que me inseriria, quais as funções e responsabilidades que cabem aos diferentes intervenientes e de que forma interagem para que exista um ambiente propício ao processo de ensino-aprendizagem. Sabendo que a escola onde me encontraria possuía no Desporto Escolar, atividades que contemplavam as

expressões rítmicas, esta era, à partida, uma das áreas na qual gostaria de colaborar, visto que considerava ser mais uma possibilidade para contactar com os alunos, o grupo de EF e sobretudo aprender. Sempre tive bastante curiosidade relativamente ao facto de vir a ser colega de professores de quem fui aluna. Como tal, considerava que todas as oportunidades de colaboração e observação que gerissem proximidade com a experiência prática destes professores deveriam ser aproveitadas, apresentando-se como um contributo positivo para o meu crescimento como futura docente. No que diz respeito ao meu contacto com os alunos era meu desejo conseguir, para além de uma evolução do seu nível de desempenho e de saberes, reunir elementos que me permitissem sensibilizá-los para a importância da prática de atividades físicas e desportivas, no que concerne à qualidade de vida exigível nas sociedades modernas. Aproveitar algumas das minhas vivências e experiências no ramo da recreação como meio de motivação dos alunos para essas mesmas práticas, visto que como refere Bento et al (2007, p.144), “Mobilizar para o desporto é acordar e envolver o país com uma causa social e cultural”, e como tal, esta era uma das minhas aspirações. Além destas, sempre tive como objetivo a criação de um ambiente empático com turma e suas individualidades de forma a proporcionar um clima positivo de aprendizagem que fosse de encontro às necessidades de cada um e permitisse a evolução de todos. Como diz a sabedoria popular, “Quem semeia colhe. Colhe daquilo que semeia” e eu ambicionava no final conseguir que a minha colheita fosse plena de fartura e abundância.

Sendo a supervisão entendida como o “processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional” (Alarcão e Tavares 1987,p.18), esta contemplou também um conjunto de expectativas relativamente à Professora Orientadora e ao Professor Cooperante. Da relação com a Professora Orientadora e o Professor Cooperante, esperava orientação, acompanhamento e monitorização da minha prática, desafios, críticas, esclarecimentos mas também algumas palavras de apreço e de incentivo. Visto que o Professor Cooperante seria aquele de quem estaria mais próxima, dado

o contacto diário com o mesmo, seria deste que esperava mais frequentemente, e segundo um clima relacional harmonioso, a identificação das minhas dificuldades, insuficiências e necessidades, bem como auxílio na procura de soluções que me permitissem uma melhoria das minhas competências. Sempre perspetivei que seria da relação com o Professor Cooperante bem como da relação com o Núcleo de Estágio que seriam ultrapassados os obstáculos e angústias que desencadeariam o meu crescimento e superação ao longo do EP.

Agora que me encontro a finalizar o meu percurso académico e toda esta aventura, anseio por uma nova oportunidade para voltar a lecionar as aulas de EF. Estará esta para breve? Talvez sim, talvez não...! Mas enquanto isso, continuarei a investir na área do *fitness* com a qual me identifico, me dá prazer e considero ser um complemento interessante à minha futura profissão, bem como na minha formação, visto ser algo que ditará o sucesso do meu futuro.

3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

3.1 Contexto Legal, Institucional e Funcional do Estágio Profissional

3.1.1 Contexto Legal e Institucional

“O Estágio não pode ser encarado como uma tarefa burocrática a ser cumprida formalmente, muitas vezes desvalorizado nas escolas, onde os estagiários buscam espaço. Deve, sim, assumir a sua função prática, revisada numa dimensão mais dinâmica profissional, produtora, de troca de serviços e de possibilidades de abertura para mudanças”

(Rosa Kulcsar)

De acordo com o previsto pelas normas da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, (2010/2011), para o 2º Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, o EP é entendido como “um projeto de formação do estudante com a integração do conhecimento proposicional e prático necessário ao professor, numa interpretação atual da relação teoria prática e contextualizando o conhecimento no espaço escolar”. Este visa a “integração no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, através da prática de ensino supervisionada em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão”. Rege-se pelas normas da instituição universitária e pela legislação específica acerca da Habilitação Profissional para a Docência. Estas competências profissionais, associadas a um ensino da Educação Física e Desporto de qualidade, reportam-se ao Perfil Geral de Desempenho do Educador e do Professor (Decreto-lei nº 240/2001 de 17 de agosto) e organizam-se nas seguintes áreas de desempenho:

- I. Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem
- II. Participação na Escola
- III. Relação com a comunidade
- IV. Desenvolvimento profissional

Em termos institucionais, o EP surge no âmbito do 2º ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. A conclusão deste ciclo concede habilitação para a docência da Educação Física e Desporto nos Ensinos Básico e Secundário constituindo o requisito para o desempenho da atividade profissional pretendida.

A estrutura e funcionamento do EP considera os princípios decorrentes das orientações legais nomeadamente as constantes do Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março e o Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro e tem em conta o Regulamento Geral dos segundos Ciclos da UP, o Regulamento geral dos segundos ciclos da FADEUP e o Regulamento do Curso de Mestrado em Ensino de Educação Física bem como as restantes normativas da unidade curricular do EP. A organização da unidade curricular EP é da responsabilidade do professor regente, em estreita relação com a Comissão Científica e a Comissão de Acompanhamento do Curso de Mestrado em Ensino. A orientação da prática de Ensino Supervisionada é realizada por um docente da FADEUP, o qual desempenha o papel de orientador(a) e é nomeado pelo órgão competente, e pelo professor cooperante, escolhido pela comissão científica, ouvido o professor regente da unidade curricular Estágio Profissional.

As atividades do EP decorrem na Escola cooperante e na FADEUP e podem ser individuais ou de grupo sendo que cada EE pertence a um núcleo de estágio de uma Escola cooperante. De acordo com Gomes (2002, p. 204), “é importante que se procure um nível elevado de congruência entre as conceções da instituição formadora e as do orientador do EP, fundamentalmente por dois motivos. Por um lado, o EP não pode constituir-se como um momento de formação ao arrefio daquilo que a instituição preconiza, fazendo como que tábua rasa das informações, conteúdos e princípios anteriormente transmitidos ao estudante. Por outro, dado que as orientações conceptuais, de um modo geral, coabitam na formação, é necessário relativizar e harmonizar os seus propósitos no sentido do perfil de professor pretendido”.

Ainda, segundo o Regulamento do Segundo Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos

Básico e Secundário, e de acordo com o *Artigo 8º Atribuições do Estagiário*, o PE realiza, entre outras coisas, o serviço docente nas turmas que lhe forem designadas realizando as tarefas de planificação, realização e avaliação inerentes.

Dos três modelos de formação profissional apresentados por Wallace (1991), o EP da FADEUP assenta no modelo reflexivo no qual o professor é confrontado com problemas reais cuja resolução implica a reflexão. Será da aplicação deste modelo que resultará um professor reflexivo que na experimentação analisa, reflete e sabe justificar tudo o que se relaciona com a sua atividade durante o ato educativo: conteúdos, contextos, métodos, finalidades do ensino, conhecimentos e capacidades desenvolvidas pelos seus alunos, fatores inibidores da aprendizagem, o envolvimento no processo da avaliação, a razão de ser professor e os papéis que se assumem. O conceito de ensino reflexivo preconizado por Zeichmer (1993, cit. por Alarcão, p.99), “indica que os supervisores devem ajudar os futuros professores a desenvolver capacidades de reflexão sobre a sua prática a fim de a melhorarem, responsabilizando-se pelo seu próprio desenvolvimento profissional”. Será da aplicação desta perspetiva que resultará a progressiva autonomia e descoberta das potencialidades de toda a envolvência educativa, sendo o EP o espaço eleito para a conceção destes momentos de reflexão.

3.1.2. Enquadramento Funcional

“As organizações escolares, ainda que estejam integradas num contexto cultural mais amplo, produzem uma cultura interna que lhes é própria e que exprime os valores (ou ideias sociais) e as crenças que os membros da organização partilham.”

(Brunet, 1988)

3.1.2.1 A Escola Secundária/2,3 de Águas Santas

A Escola Secundária/2,3 de Águas Santas foi a escola da minha adolescência. Uma escola da qual fiz parte como aluna e na qual vivi grandes experiências que ditaram a minha opção pelo desporto e pela instituição em que gostaria de dar continuidade à minha formação. Ter a oportunidade de regressar a esta escola no papel de PE foi extremamente entusiasmante, tendo-me confrontado com uma realidade bastante distinta daquela em que fora aluna, verificando que esta instituição tem vindo a desenvolver-se ao longo dos tempos, quer a nível organizacional como físico.

A Escola Secundária/2,3 de Águas Santas, instituição onde decorreu o meu EP, situa-se na Rua Nova do Corim, em Águas Santas, Concelho da Maia Distrito do Porto. A freguesia de Águas Santas, devido à sua privilegiada localização e a uma boa rede de transportes públicos, tem conhecido, nas últimas décadas, uma contínua expansão urbanística e populacional, tendo-se mesmo tornado na mais populosa freguesia do concelho da Maia. Contudo, a Escola encontra-se algo estrangulada em termos de acessibilidades, dada a sua localização (PEE 2007/2008).

Esta é uma instituição que se insere num envolvimento propício à prática de atividades físicas e desportivas, uma vez que está rodeada de clubes, pavilhões desportivos ginásios e espaços naturais. A Escola possui uma grande e diversificada oferta formativa, incluindo diferentes atividades para os alunos e ainda projetos de desenvolvimento profissional para professores. Esta apresenta hoje ótimas condições de trabalho para toda a Comunidade resultado das recentes transformações que sofreu na reforma das suas instalações, tendo sido criados diferentes espaços extremamente cómodos e bem equipados. Considero ser uma escola que se preocupa em aderir ao processo de inovação possuindo entre outros, uma página Web, onde divulga atividades e iniciativas e se mantém constantemente atualizada.

Relativamente às condições físicas e materiais apresentadas para a leção da disciplina de EF, e apesar de os espaços estarem em ótimas condições, os recursos materiais para a leção de algumas modalidades

apresentou-se insuficiente, dado o número de alunos e turmas que o partilhavam. Este aspeto causou algumas dificuldades no momento da lecionação de modalidades tais como o Futebol, Ginástica, Badminton restringindo de alguma forma o planeamento e seleção de conteúdos a transmitir, dadas as condições materiais disponíveis.

Em simultâneo com a caracterização da escola, de salientar durante este ano o clima relacional vivido entre os elementos do Núcleo de Estágio e o Grupo de Educação Física, bem como com a restante Comunidade Escolar, em que o Professor Cooperante teve um papel crucial. Apelando à nossa autonomia, capacidade de trabalho e sentido de responsabilidade, dada a incontestável eficiência da sua comunicação pedagógica, da sua capacidade para motivar o núcleo, do seu potencial relacional e disponibilidade psicoafetiva, o Professor Cooperante foi o impulsionador do desenvolvimento das nossas competências e da obtenção do sucesso desejado no EP. Foi um núcleo de estágio que baseou a sua relação num clima de cooperação, de confiança, abertura, conciliação, buscando todas nós, EE, a realização pessoal e a conquista da realização profissional.

3.1.2.2. O Primeiro Impacto

“ A primavera da vida é bonita de viver tão depressa o sol brilha como a seguir está a chover... ”

Rui Veloso

Eram várias as ambições, expectativas e objetivos traçados para esta fase da minha formação, sendo o primeiro momento de contacto com a realidade ansiosamente aguardado. Assim, no momento em que entrei novamente na Escola Secundária/ 2,3 de Águas Santas, senti uma alegria imensa ao rever professores, auxiliares de educação com quem outrora convivi diariamente e que contribuíram positivamente para o meu processo de formação e crescimento pessoal. Verifiquei algumas alterações nas suas instalações, quer a nível das salas de aula como das instalações desportivas que me despertaram alguma curiosidade. Durante este ano, e devido às

remodelações que estavam a decorrer na escola, esta não possuía um espaço exterior para as aulas de EF e a prática de atividade física dos alunos durante o recreio. O polivalente, que era o espaço de encontro e convívio dos alunos nos intervalos e o palco das festas temáticas, desaparecera, criando uma certa dispersão dos alunos ao longo da Escola. Foram alterações que de certa forma me surpreenderam e me provocaram alguma nostalgia e até tristeza.

Após o reconhecimento da minha antiga escola surgiram as primeiras reuniões de grupo onde tive a oportunidade de presenciar debates com alguma vivacidade sobre alguns dos problemas relativos à nossa disciplina. O elevado número de alunos que passou a existir na escola e os espaços que estavam disponíveis para as aulas de EF, desencadearam uma preocupação para o Grupo. Era certo que neste momento ocorreria uma simultaneidade de aulas que acresceriam dificuldades à nossa missão, o que me deixou bastante preocupada. Foi a partir deste primeiro momento que começaram a cair os primeiros "chuviscos" para os quais me remete a música de Rui Veloso. A apenas uma semana de iniciarem as aulas não existia ainda um *roulement* nem uma planificação anual relativa às modalidades a lecionar nos diferentes períodos, o que impossibilitava a iniciação dos vários planeamentos. Tal situação gerou a minha primeira ansiedade e apesar da acalmia do professor cooperante, foi no momento em que me deparei com os alunos que me surgiu uma inquietação:

Que venho eu aqui fazer? E que vêm fazer eles, eles todos e cada um por seu lado? Que espero eu deles? E que esperam eles de mim?

Esta foi uma angústia que me fez ao longo deste ano refletir sobre o ser professor, o que se pretende da profissão docente e o que se espera do professor de EF.

3.2 Ser Professor

“Ser Professor implica saber quem sou, as razões pelas quais faço o que faço e consciencializar-me do lugar que ocupo na sociedade”

(Alarcão, 1996)

Atualmente vive-se numa sociedade de mudança repleta de situações ambíguas e incertas resultantes das constantes mutações. O sujeito desta sociedade necessita de responder frequentemente a estas alterações e se adaptar às mesmas. Assim, para se conhecer o professor da contemporaneidade será necessário conhecer o contexto na sua globalidade pois, de acordo com Morin (1993 cit. por Lebre e Bento, 2004, p.66), “tanto no ser humano, como nos outros seres, existe a presença do todo no interior das suas partes”. Sendo o todo a sociedade, esta está presente em cada um dos indivíduos que a constituem, e assim sendo, o professor atual, deverá, apresentar na sua personalidade uma certa disponibilidade e aptidão para as readaptações (Mialaret, 1981,p.55). Foi ao longo deste ano que fui descobrindo e construindo uma imagem do professor através da experimentação deste papel, tentando simultaneamente criar a minha própria identidade. Do que eu conhecia do ser professor da minha perspetiva de aluna, sabia no que não me queria tornar e da forma como gostaria que os alunos me vissem, contudo não fazia ideia de como iria consegui-lo. Durante o EP fui-me apercebendo das inúmeras funções que são atribuídas aos professores e do seu papel na sociedade, notando ainda que o reconhecimento social e o valor da profissão docente têm vindo a decrescer ao longo dos anos, o que se traduz num desânimo e desmotivação por parte dos docentes que continuam a lutar para fazer vingar a sua afirmação. A ideia de que a função do professor é unicamente a de transmissão de conhecimentos já lá vai! Hoje o papel do professor é complexo e variado. Este para além de transmitir conhecimentos deverá também incutir métodos, instrumentos de trabalho e alguns valores fundamentais nos seus alunos bem como lhes desenvolver o seu espírito crítico, de reflexão dando espaço à criatividade e à curiosidade em termos de aprendizagem. Mas não é tudo! Atualmente o docente possui uma

multiplicidade de funções e papéis quer relativamente à turma que leciona como ao estabelecimento de ensino, à equipa pedagógica e à restante comunidade escolar em que se insere (Mialaret, 1981). Durante o meu percurso fui-me apercebendo de que esta é uma profissão que em certa medida ultrapassa as teorias e algumas das suas utopias, cabendo a cada um fazer de si um professor, cuja mestria dependerá do seu trabalho e dedicação bem como do cruzamento da sua maneira de ser e ensinar. Mas o que é certo é que aqueles que realmente se veem como tal marcam os seus alunos tendo encontrado no meu percurso como estudante, professores que me marcaram porque realmente existia paixão, entrega na sua missão e por isso mesmo transmitiam motivação.

De acordo com Moreira et al (2004 p.67) “a educação deverá ser um ensino universal, centrado na condição humana, lembrando que conhecer o humano é situá-lo no universo e não separá-lo deste”. Deste modo, e numa sociedade em que se vive cada vez mais da imagem e daquilo que esta desperta no Ser Humano, e onde o corpo assume o centro das atenções, o Desporto e a Educação Física apresentam-se como um lugar privilegiado para a expressão do «corpo-todo». A alteração dos valores na sociedade sugere que a EF ao se deparar com os mesmos, modifique a sua ação e intervenção. Assim, e de acordo com Queirós (2004,p.154) “ (...) a EF e o Desporto constituem um conjunto de práticas especializadas dentro da Escola, que contribuem de forma crucial para a construção social do corpo”. De acordo coma autora a EF apresenta-se como o meio do sistema educativo se relacionar com o corpo e intervir na socialização do mesmo, o que leva a que o Professor de EF, assuma atualmente um papel extremamente importante na sociedade. Atendendo ao que é delineado no Programa Nacional para a disciplina de EF, preve-se que esta contribua para a elevação das capacidades motoras do aluno e formação das aptidões, atitudes e valores, proporcionadas pela exploração das suas possibilidades de atividade física adequada, intensa, saudável, gratificante e culturalmente significativa. Neste, “reconhece-se assim, ao professor, a responsabilidade de escolher os objetivos específicos e as soluções pedagógica e metodologicamente mais adequadas, investindo as

competências profissionais da especialidade de Educação Física Escolar, para que os benefícios reais da atividade do aluno correspondam aos objetivos do programa, utilizando os meios atribuídos para esse efeito” (Jacinto et al, 2001, p.8). Contudo cada professor possui os seus valores, crenças, convicções, receios relativamente ao processo de ensino-aprendizagem e à EF em particular, estando a sua personalidade patente na sua intervenção pedagógica. Deste modo, é certo que não são todos, aqueles que cumprem a missão a que se propuseram, tendo assistido várias vezes a aulas de EF desprovidas de aprendizagens, onde os alunos são sujeitos a meras experiências motoras supervisionadas pouco interessantes. Numa sociedade que tem sede de atividade física, esta é uma visão assustadora, visto que a Escola possui atualmente uma maior responsabilidade na promoção de hábitos de atividade física, devendo os professores de EF envolver os seus alunos em atividades físicas e desportivas que permitam a manutenção de hábitos de vida saudáveis ao longo da vida, devendo para tal refletir constantemente sobre a sua prática e decisões tomadas. Não poderia deixar de referir o professor reflexivo, e a necessidade atual da sua permanência na vida de um docente visto que foi junto deste professor que consegui evoluir e superar as várias dificuldades com que me fui deparando no EP.

“Para saber ver é preciso saber pensar o que se vê. Saber ver implica, pois, saber pensar, como saber pensar implica saber ver. Saber pensar não é algo que se obtém por técnica, receita, método (...).”

(Lebre e Bento, 2004,p.64)

Refletir sobre aquilo que estamos a ver ou vimos, implica uma decodificação dos factos e/ou comportamentos que estamos a ver, implica portanto conhecer aquilo que estamos a ver. Deste modo, aqueles que dominam as matérias e possuem maiores conhecimentos, quer pedagógicos como metodológicos, entre outros, possuem uma maior capacidade de refletir sobre os acontecimentos. Segundo a ideia de Dewey (1959 cit. por Lalande e Abrantes, 1996, p.58), ninguém sem experiência e informação sobre alguma coisa tem capacidade para pensar sobre ela. Contudo, esta é uma capacidade que se vai desenvolvendo ao longo do tempo e que nos ajuda no combate às

nossas ignorâncias e na busca do professor competente. De acordo com Lalanda e Abrantes (1996, p.47), “Os dados e as ideias são duas pedras basilares do processo reflexivo, porque da interação entre eles há de surgir uma conclusão”. Será do cruzamento dos dados retirados bem como das ideias e conhecimentos do professor acerca dos mesmos que resultará uma solução. De acordo com as autoras “na organização do pensamento reflexivo uma observação ou percepção dá origem a uma série de ideias que permanecem ligadas em cadeia e em movimento continuado com vista a um determinado fim”. Tal afirmação sugere a necessidade do pensamento reflexivo ser contínuo, na medida em que de cada aula resultam factos que desencadeiam ideias no professor para serem aplicadas na aula seguinte, repetindo-se este processo continuamente em todas as aulas. Foi baseada nesta perspetiva e na realização de constantes reflexões ao longo do EP que consegui melhorar a qualidade das minhas intervenções e me aproximar daquilo que se pretende que seja o professor. Alguém capaz de pensar nos acontecimentos da aula, detetando problemas e procurando soluções de forma a evitar a sua reincidência em aulas futuras. Esta capacidade de refletir não se resume porém ao espaço de aula mas a tudo o que se relaciona com a atuação do professor, levando a que o professor tome um papel mais ativo na educação e não um papel meramente técnico. Os alunos de um professor reflexivo serão reflexivos também, porque este professor criar-lhes-á naturalmente o hábito de pensar sobre aquilo que veem e fazem, no sentido de que estes construam os seus conhecimentos refletindo sobre a sua prática. Assim, espera-se que o professor de EF seja um professor reflexivo detentor de uma abertura de espírito necessária para a ação reflexiva a qual contribuirá para a sua evolução e desenvolvimento profissional.

4. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

4.1 ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM

4.1.1 Uma turma em que as raparigas estão sempre em maioria

Quando me deparei com uma turma específica para lecionar, tomei consciência que seria a confrontação dos alunos com as diferentes atividades de ensino aprendizagem que estabeleceria a modificação das suas estruturas cognitivas bem como a formação da sua personalidade. Assim “o respeito pelas características do desenvolvimento, específicas de cada idade, constituiu um pressuposto importante para a estruturação, cientificamente fundamentada, das aulas de EF.” Bento (1987,p.105).

Uma turma do ensino secundário constituída por vinte e um alunos motivados para a disciplina de EF, sendo dezasseis do sexo feminino, levou-me a refletir sobre as questões do género nesta disciplina. De acordo com Siedentop, (1999), desde sempre que estas questões existem nas escolas e comunidades das diversas culturas, mas a atividade física e o desporto têm sido áreas nas quais a diferenciação de papéis baseada no género tem sido particularmente rígida em detrimento das raparigas. As opções curriculares refletem claramente o tradicional interesse masculino pelo desporto, apresentado critérios e objetivos similares para géneros com características bastante distintas. Segundo o autor, a atenção diferencial com base no sexo e habilidade dos alunos parece ser a forma mais prevalente de comportamentos discriminatórios por parte dos professores de EF, muitos dos quais podem ser não intencionais, mas, ainda assim, prejudiciais para os alunos. Quantas vezes escutei eu nas aulas de EF a frase “Pareces uma menina”, dirigida a algum rapaz com menor aptidão para a disciplina, sendo algo que me causava uma repugna imensa. Entendi uma turma marcada pela presença feminina como uma oportunidade para intervir sobre estes preconceitos sociais. Das várias informações recolhidas, constatei que a maioria das alunas já tinha praticado diferentes modalidades desportivas, o que certamente lhes concedera vivências que as tornavam mais predispostas para a atividade física e, apesar de o currículo não atender às diferenças do género bem como às necessidades

dos alunos com menos aptidão para a atividade física, independentemente do género, a minha intervenção partiria no sentido da aceitação dessas dissemelhanças. Assim, a caracterização da turma sugerida pela Vickers (1989) bem como a avaliação inicial dos alunos foram passos fundamentais para a prescrição das várias atividades no sentido da sua adequação ao nível etário, maturidade, motivação, interesses, ritmo de aprendizagem e dificuldades dos alunos. Esta análise tornou-se elementar para o planeamento de estratégias e seleção de conteúdos adequados à realidade dos alunos, sendo a base para retirar o mais possível proveito das suas potencialidades bem como lhes proporcionar uma evolução com a natureza do seu percurso.

4.1.1.1 *Em busca de um caminho seguro para a minha Turma*

Para que sejam traçados objetivos no sentido da obtenção de um ensino eficaz, torna-se fundamental efetuar uma análise pormenorizada dos diferentes documentos sobre os quais se rege o processo de ensino-aprendizagem, bem como um reconhecimento da escola e todo o seu envolvimento. De acordo com Bento (1987,p.9), “Todo o processo de planeamento deve encontrar o seu ponto de partida na conceção e conteúdos dos programas ou normas programáticas de ensino (...)”. Assim, comecei por uma análise crítica do Projeto Educativo de Escola a fim de perceber as linhas orientadoras gerais, assentes nas características da comunidade educativa, do Regulamento Interno do Agrupamento, na tentativa do entendimento do regime de funcionamento da Escola bem como os direitos e os deveres dos membros da comunidade escolar e concretamente da disciplina de EF. Ainda, examinei o Plano Anual de Atividades do Grupo Disciplinar de EF bem como a planificação desta disciplina para o presente ano letivo na qual me foram apresentados conteúdos, objetivos e sua calendarização e ainda os critérios de avaliação do grupo. Por último foi examinado o Programa Nacional de EF para o ensino secundário, no sentido de que o passo seguinte, o de planeamento, atendessem a todos estes aspetos.

Sendo os alunos o cerne do processo de ensino-aprendizagem, seria a eles, alunos concretos de uma escola concreta, que deveria adequar as matérias, métodos e objetivos, para que estes fossem realizados, com elevado grau de probabilidade, por cada aluno. Assim, e em consonância com a análise dos documentos anteriores, foi realizada uma recolha de informações sobre a turma e suas individualidades. O preenchimento de uma ficha de caracterização individual do aluno no início do ano letivo bem como os dados procedentes da Diretora de Turma (DT) e a troca de impressões com a mesma, a qual tinha sido professora da turma no ano letivo anterior, foram fundamentais para tomar consciência dos problemas e potencialidades dos alunos. Do cruzamento destes dados surtiu a imagem de uma turma que na sua maioria provinha de um ambiente familiar estruturado com um estatuto social de nível médio/baixo, que apresentava alguns problemas de atenção na sala de aula e poucos hábitos de estudo. Contudo, era uma turma disciplinada, afável, com um rendimento escolar satisfatório e que possuía a EF como a disciplina predileta, o que por um lado me deixou extremamente satisfeita e motivada, e por outro me conferiu uma enorme responsabilidade na medida em que era meu desejo manter esta predileção da turma pela disciplina. Como EE tive consciência que o meu reportório de conhecimentos metodológicos e pedagógicos era ainda primórdio, dada a minha imaturidade profissional, o que me causou alguma insegurança e me levou a refletir sobre os diferentes níveis de planeamento para a tomada das primeiras decisões. Percebi que seria do equilíbrio entre a teoria e a prática e da adoção do seu processo mediador, a reflexão, que cada aula forneceria um contributo específico para o desenvolvimento dos alunos. No entanto senti-me inicialmente um pouco perdida, tendo sido o planeamento uma “dor de cabeça” para mim.

Foi a elaboração do Modelo de Estrutura de Conhecimento (MEC) de Vickers (1989) e de cada um dos seus módulos, que me permitiu tratar os vários conteúdos e aprofundar o meu conhecimento sobre os mesmos, bem como analisar os recursos e materiais de que dispunha para o processo de ensino aprendizagem, tomar decisões relativamente aos conteúdos a lecionar, traçar objetivos e selecionar critérios de avaliação para os mesmos. A

elaboração das Unidades Temáticas (UT), no módulo da aplicação, nas quais foram delineadas as funções e objetivos de cada uma das aulas, apresentaram-se como um suporte fundamental para o desenvolvimento das habilidades, capacidades, conhecimentos e atitudes dos meus alunos. Da elaboração da UT passei para a preparação das aulas tendo em conta os dados resultantes da análise das etapas anteriores.

“ Antes de entrar na aula o professor tem já um projeto da forma como ela deve decorrer, uma imagem estruturada, naturalmente, por decisões fundamentais ” (Bento, 1987,pag.89) e, apesar de nada lhe garantir o sucesso do seu projeto, este dependerá certamente da qualidade da sua preparação.

Tendo que lecionar a modalidade de Futebol logo no início do ano letivo, lembro-me das horas que demorei a elaborar este primeiro plano de aula e de todas as preocupações que me atormentaram. Uma aula de uma modalidade que eu não dominava completamente, que dispunha de escassos recursos materiais, e da qual os alunos tinham certamente grandes expectativas. Senti grandes dificuldades na seleção de tarefas para a primeira aula tendo nesse momento contactado com algumas das minhas insuficiências, que suscitaram em mim um certo nervosismo. Quando cheguei a uma versão final do plano, as dúvidas permaneciam: seria aquela uma aula atraente para os alunos? Como iria eu ao longo do ano letivo conservar a motivação de uma turma à partida motivada?

A planificação das atividades atendendo ao rigor pedagógico, didático e científico que deve contemplar exigiu a procura de vários recursos e estratégias para articular vertical e horizontalmente com as competências, os conteúdos, as estratégias e as atividades. O plano de aula foi tomando diferentes proporções ao longo do ano, sendo também este aperfeiçoado no âmbito da preparação das aulas e conhecimento dos alunos, passando de uma “dor de cabeça” a um instrumento funcional e flexível que me permitia gerir a aula e adequá-la as circunstâncias concretas, tal como aconteceu numa das aulas no pavilhão:

“ (...) por coincidência deparei-me com o pavilhão livre, o que é algo quase impossível de acontecer, dispondo de todo o espaço para a minha aula. Assim sendo, e visto que a turma tem vindo a realizar um bom trabalho ao longo das aulas (...) decidi dar-lhe uma recompensa. Foi nesta altura que tive necessidade de alterar o meu planeamento e improvisar perante alunos que estavam extremamente motivados e expectantes. Gandin (2008, p.01) sugere que se pense no planeamento como uma ferramenta para dar eficiência à ação humana, isto é, deve ser utilizado para a organização na tomada de decisões. Contudo, e perante a situação em que me encontrava, tive que atuar sem antes ter refletido sobre a modalidade em questão e os exercícios a propor, aumentando assim a probabilidade de estes não serem os mais adequados e ajustados aos alunos, porém era necessário agir!”

(Reflexão 18, 16 de novembro de 2010)

4.1.2 Contributos de uma experiência prática anterior para reagir ao olhar desafiador da turma...

Depois de passar por uma série de etapas sucessivas de intensa aprendizagem, e mesmo antes de me confrontar com a efetiva realidade de ensino, fui tentada a desempenhar o papel de “professora” nas atividades que tenho vindo a orientar ao longo dos três últimos anos em ginásios. Assim, durante o meu percurso académico fui selecionando as imagens e aprendizagens que me pareceram adequadas à nova missão que me estava destinada. Foi a partir destas vivências e experiências que construí uma base que me permitiu iniciar o EP com alguma confiança no que se refere às relações humanas. Porém, habituada a um ambiente recreativo e de lazer, onde os indivíduos se apresentam extremamente motivados e procuram a exercitação do seu corpo aliada a alguma diversão, tive necessidade de me adaptar ao contexto escola e a todo o envolvimento do processo educativo. Neste contexto, e no momento em que me deparei com a minha turma, senti uma maior responsabilidade dados os atributos, as funções e deveres que são

conferidas ao professor numa escola. Percebi que a minha missão perante a turma consistia numa praticalização de um currículo, onde deveria criar um ambiente de aprendizagem que conferisse um papel ativo aos alunos na construção do seu próprio desenvolvimento.

Inicialmente senti alguma perturbação pelo olhar apreensivo, desconfiado e de certa forma desafiador que percebi da parte dos alunos, o que não deixa de ser natural quando o PE é considerado como “meio professor, meio aluno” (Cunha, 2008,p. 123), levando a que os alunos o encarem como alguém que ainda não domina com segurança a função que deve exercer, vendo-o como um “alvo” mais fácil da sua manipulação. No entanto, foi necessário reagir a esse olhar, e numa primeira fase foi alguma da experiencia prática que possuía que me ajudou a ultrapassar as dificuldades iniciais. Assim, para além da minha personalidade levei para a minha comunicação e relação com os alunos, as minhas vivências e os recursos que estas me concederam, nomeadamente no âmbito da comunicação, da organização e gestão de sessões, observação dos alunos, para conquistar o seu respeito e confiança. Tive necessidade de refletir sobre a minha postura e afastá-la em certa medida do professor animador, sem que este desaparecesse completamente, no sentido de criar um ambiente positivo de aprendizagem. Tratei a EF com seriedade, de forma a abolir a ideia de recreio nestas aulas, despertando a turma para a sua pluridimensionalidade de sentidos. Recorrendo aos conhecimentos que fui desenvolvendo nos ginásios pude ser mais exigente no trabalho de condição física bem como de mobilização articular e alongamento muscular, desenvolvendo paralelamente a cultura desportiva dos alunos, na medida em que foram adquirindo desde as primeiras aulas conhecimentos que até então desconheciam.

“No momento de mobilização articular e alongamento muscular alertei os alunos para a necessidade de realização deste tipo de trabalho, nomeadamente para evitar o aparecimento de lesões, questionando-os ainda sobre os músculos a ser alongados. Alguns dos alunos mostraram conhecer os nomes dos músculos, contudo

para a maioria foi algo novo, tornando-se num momento de aprendizagem interessante.”

(Reflexão 1,17 de setembro de 2010)

Embora com características e objetivos diferentes, o ambiente em que fui experimentando e aplicando algumas das teorias aprendidas não deixou de me trazer alguma experiência no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para sobreviver ao “choque” do contacto com a realidade da escola.

4.1.2.1 A implementação de rotinas para uma gestão eficaz da aula e a conquista do controlo e autonomia da turma...

Cada vez mais a Escola aparece como um espaço privilegiado para intervir sobre uma epidemia social que contaminou os jovens da atualidade, o sedentarismo. Para a maioria destes jovens as aulas de EF apresentam-se como o único momento em que estes são convidados a mobilizar o seu corpo com um determinado objetivo. De acordo com esta realidade será essencial que o professor de EF rentabilize ao máximo o tempo de aula de que dispõe para intervir, e crie oportunidades constantes para que os alunos estejam em atividade. A par do planeamento, a gestão da aula emerge como uma das tarefas centrais do professor para assegurar a eficácia do ensino.

Foi quando me deparei com as movimentações demoradas e relaxadas dos alunos bem como com a sua falta de autonomia e espírito de iniciativa que os problemas de gestão sobressaíram. Por vezes o que estava planeado não era concretizado, não por equívocos de planeamento mas porque a atitude da turma necessitava de ser revigorada. Era necessário criar uma organização e ritmo de aula que tornasse a inatividade “invisível”, sendo no momento de planeamento das atividades que projetava os comportamentos dos alunos e buscava soluções para alterá-los. De acordo com Postic (2007, p.153) “Em pedagogia de grupo, as normas aplicam-se às modalidades de funcionamento do grupo, estabelecidas ou não pelo docente, nomeadamente nos modos de distribuição e de articulação dos papéis em relação ao objetivo fixado”. A

implementação progressiva de regras e rotinas na aula de EF foi a “chave” para que a aprendizagem dos diferentes conteúdos se baseasse num processo educativo mais dinâmico e promovesse a autonomia desejada nos alunos. As características de cada UT suscitaram a seleção de diferentes rotinas, existindo porém regras gerais de funcionamento das aulas que predominaram em todas elas, nomeadamente as regras predefinidas pela Escola para a utilização das instalações desportivas, e outras relativas à aula, que evoluíram com o decorrer do tempo no sentido de que o papel dos alunos fosse cada vez mais ativo e participativo.

O apito foi o estímulo utilizado inicialmente para combater alguns dos problemas de organização e gestão na turma e para controlá-la. Este surgia para criar uma certa tensão nos alunos para que diminuíssem o tempo de transição entre as tarefas visto que ao soar do mesmo todos deveriam estar prontos para iniciá-las. Apesar de este sinal reduzir a variação de comportamentos dos alunos tendo um maior controlo sobre os mesmos, não seria esta dependência por um estímulo que tornaria os alunos mais interventivos, cooperantes e contribuiria para a sua emancipação. Logo desde as primeiras aulas do ano letivo, e visto que os alunos se revelaram disciplinados mas pouco autónomos, foram sendo criadas algumas rotinas de trabalho para combater esta lacuna. Esta decisão surgiu no sentido de que o controlo da turma fosse alcançado com a sua colaboração e não por imposição. Não pretendia criar um conflito com os alunos mas tê-los como meus aliados, no sentido de que aula a aula, a necessidade da minha intervenção fosse diminuída prevalecendo um clima benéfico para o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Arends (1995,p.211) os gestores eficazes desenvolvem sistemas para manter os alunos responsáveis pelo seu trabalho escolar e pelo seu comportamento na sala de aula”, o que me levou a atribuir-lhes responsabilidades desde cedo. Numa fase inicial foi solicitada a intervenção dos alunos na parte inicial da aula visto ter verificado que:

“(..) após algumas aulas onde se realizaram diversos tipos de alongamentos musculares, os alunos estarão capazes de orientar esta parte da aula, concedendo-lhes assim alguma autonomia”.

(Reflexão 5, 1 de outubro de 2010)

Mais tarde considerei importante conceder-lhes maior autonomia na parte final da aula transmitindo-lhes uma série de conhecimentos relativamente aos diferentes grupos musculares e respetivo alongamento que dispensariam mais tarde a sua demonstração.

“ (..)ocorreu na parte final da aula a habitual sessão de alongamentos ao som da música, onde os alunos autonomamente alongam os grupos musculares por mim solicitados. É uma rotina que foi sendo criada ao longo do tempo e à qual os alunos têm correspondido positivamente. Penso que é importante que este tipo de rotinas sejam implementadas uma vez que, além de desenvolverem a autonomia dos alunos, desenvolvem também um conjunto de conhecimentos que enriquecem a sua formação”.

(Reflexão 22, 30 de novembro de 2010)

Dada a progressão dos alunos na orientação da turma na parte inicial da aula foi necessário que a rotina implementada evoluísse também.

“(..) De acordo com esta constatação e tendo em conta que os alunos, já possuíram algumas experiências na UT de ginástica acrobática para a realização de uma ativação geral com música, a partir da próxima aula serão os alunos os responsáveis pela fase de ativação geral da turma devendo esta ser realizada com música. Tal decisão surge no sentido de dar espaço à criatividade dos alunos e desenvolver nos mesmos cada vez mais autonomia.”

(Reflexão 30, 14 de janeiro)

Esta implementação de rotinas foi acontecendo de acordo com as minhas necessidades de aprimoramento da gestão das aulas bem como com a

resposta dos alunos às mesmas, considerando a UT de ginástica talvez aquela que exigiu um desenvolvimento superior da responsabilidade dos alunos. As transições demoradas nesta UT levaram a que fosse iniciado um novo ciclo de responsabilidades adquirindo os alunos responsabilidades na organização e gestão do material da aula bem como foi conferido um papel mais participativo aos alunos dispensados:

“Os alunos demoraram alguns instantes a organizar-se para a manipulação do material, o que poderá ser evitado se para cada aula forem nomeados alguns alunos para esta função. Esta será uma rotina a implementar na próxima aula e a qual permitirá rentabilizar melhor o tempo de aula”.

(Reflexão 22, 30 de novembro)

“A aluna, apesar de dispensada realizou várias ajudas aos colegas, principalmente às alunas de nível menos avançado, como forma de manter um papel ativo nesta aula, elaborando ainda o seu esquema, o qual deverá realizar na próxima aula. Esta atribuição de funções aos alunos dispensados permite uma maior integração dos mesmos na aula, o que se apresenta como um aspeto bastante positivo e que deve continuar a acontecer nas diferentes aulas”.

(Reflexão 34, 28 de janeiro de 2011)

De acordo com Arends (1995) são os gestores eficazes que criam condições para que os movimentos dos alunos fluam suavemente. De acordo com o autor “o tempo não é uma coisa a ultrapassar, é um recurso valioso que deve ser usado com o máximo de vantagens” (1995, p.90). A luta contra o tempo foi constante ao longo das várias sessões, levando-me a procurar soluções que me permitissem o seu ganho nas várias UT.

Assim na Ginástica:

“Para rentabilizar melhor o tempo de aula e ser possível introduzir um maior número de conteúdos por aula, será frequentemente

utilizado nesta UT o trabalho por estações. Assim sendo a parte fundamental da aula consistiu na organização dos alunos por estações, sendo distribuídas fichas informativas relativamente aos elementos que os alunos deveriam realizar em cada uma das estações”.

(Reflexão 14, 2 de novembro de 2010)

Nos desportos coletivos (DC) o planeamento das atividades e dos grupos ditou o ritmo de aula:

“Uma vez que a estrutura da aula não implicou grandes variações a nível da organização dos alunos, as transições foram relativamente rápidas, permitindo assim aumentar o tempo em que os alunos estiveram em atividade. Assim sendo, esta deverá ser uma preocupação a ter no momento de planificação das tarefas, na medida em que as estruturas das atividades se repercutem na dinâmica que os alunos lhes atribuirão”.

(Reflexão 42, 22 de fevereiro de 2011)

“Existiu alguma demora na transição devido à necessidade de constituição das equipas. Para evitar esta situação julgo que será importante, no momento de planeamento, definir previamente os grupos”.

(Reflexão 5,1 de outubro de 2010)

Apesar de todas estas rotinas na gestão da aula permitirem uma aproximação ao ensino eficaz, a sua eficácia não se resume às mesmas. Quando se trata de querer ser um professor eficaz, o domínio de conhecimentos relativos ao ensino e à aprendizagem é crucial. A instrução surge como mais um dos pilares centrais na ação do professor sendo a comunicação da tarefa bem como a qualidade dos *feedback* (s) aspetos determinantes para a eficácia do ensino.

4.1.2.2 A influência da apresentação do conteúdo na progressão dos Alunos

“De acordo com a rotina já estipulada, a aula teve como início um diálogo com os alunos para rever os aspetos trabalhados na aula anterior e apresentar os objetivos da aula, no qual os alunos são questionados sobre os conteúdos introduzidos anteriormente”.

(Reflexão 3,24 de setembro de 2010)

Apesar de alguma facilidade de que dispunha para comunicar com os alunos, dadas as experiências anteriores que possuía, também nos momentos de instrução fui impelida a contemplar algumas rotinas. Segundo Arends (1995, p.286) é na partilha dos objetivos da aula com os alunos que o professor poderá induzir a prontidão para a aprendizagem. De acordo com a ideia do autor, a parte inicial da aula tornara-se num momento de instrução fulcral para predispor os alunos para aula. A eficácia do professor é naturalmente julgada pela sua capacidade de influenciar os alunos e permitir que estes cumpram os objetivos definidos. A forma de articulação e seleção palavras e gestos por parte do professor ditará a qualidade do processo de instrução e consequente a evolução dos alunos. De acordo com Rosado e Mesquita (2009, p.75) é importante que se reconheçam três etapas básicas para garantir a qualidade da informação, “uma a fase de instrução propriamente dita, uma fase de controlo da qualidade dessa informação e uma fase, eventual, de reformulação dessa informação”. Na sequência desta perspetiva tornou-se fundamental após cada momento de instrução verificar se esta tinha sido compreendida por todos os alunos e se existia necessidade de a restabelecer.

“Para que os alunos compreendessem a execução do movimento, exemplifiquei-o algumas vezes no sentido de que obtivessem uma imagem correta do mesmo e a tentassem reproduzir. Evidenciando os alunos algum espanto aquando da minha demonstração, a sua realização desencadeou nos alunos uma maior motivação, a qual contribuiu para que se sentissem de alguma forma desafiados e estivessem mais empenhados em conseguir realizá-lo

corretamente. Assim, no final da aula este elemento foi realizado com bastante mais qualidade relativamente ao momento inicial.”

(Reflexão 34, 28 de janeiro de 2011)

De acordo com Mesquita (1998, p.58) “A forma como a instrução é realizada interfere na interpretação que os alunos fazem das tarefas, o que influencia a realização das mesmas. Muitas vezes, a configuração que as tarefas assumem afasta-se, apreciavelmente, dos propósitos iniciais e do conteúdo informativo veiculado no momento da sua apresentação”. Considerando as inúmeras interpretações que podem ser dadas às palavras, a apresentação dos conteúdos esteve, na maioria das vezes, aliada a uma fiel demonstração. Foi no decorrer das aulas e da observação dos alunos que fui constatando que não era o tempo de instrução que sugeria a sua eficácia, sendo a demonstração acompanhada de palavras-chave de grande objetividade, a estratégia apropriada para o sucesso dos alunos e a ocorrência de transições mais rápidas na aula. A inclusão de algumas sinaléticas, a utilização de sinalizadores que simulavam as movimentações dos alunos, bem como a elaboração de fichas informativas que explicitavam as tarefas a realizar pelos alunos foram também algumas das técnicas que fui encontrando para simplificar os momentos de instrução.

“Após o apito, e de acordo com a sinalética apresentada, a turma organizou-se em xadrez para a realização de uma sequência de exercícios (...)”

(Reflexão 42, 22 de fevereiro de 2011)

A permanência do erro em determinadas tarefas exigiu que alterasse alguns aspetos na minha instrução tendo progressivamente diminuído a quantidade de diretivas aos alunos e os questionasse sobre o seu desempenho.

“Assim sendo, o questionamento dos alunos relativamente às suas respostas é fundamental sendo algo com o qual me preocupei

durante a observação da situação de jogo. Isto, porque não basta que os alunos saibam que erraram, estes devem perceber porquê que erraram e ser ainda capazes de encontrar uma solução/explicação para esses erros no sentido de compreenderem o que devem fazer para melhorar o seu desempenho em jogo”.

(Reflexão 62, 20 de maio de 2011)

“ É crucial que os jovens praticantes desenvolvam processos de análise e de interpretação das situações sobre as quais vão agir, de forma a melhorar a sua capacidade de decisão e compreensão do jogo. Assim sendo, a minha função será apenas a de orientadora, cabendo aos alunos procurar as soluções para os problemas com que se vão deparando no jogo, visto que será a partir dessa análise cuidada da situação-problema, e das suas alternativas de resolução, que os alunos conseguirão adotar a solução ajustada às particularidades contextuais”.

(Reflexão 42, 22 de fevereiro, 2011)

Foi a perceção dos efeitos da instrução que me levou a optar por um determinado estilo de ensino. Assim, pretendi que este se baseasse num modelo que permitisse aos alunos a compreensão dos seus comportamentos, sendo o questionamento também uma forma de mediar e avaliar a clareza das minhas intervenções. Na instrução surgiu ainda uma tarefa muito importante para a progressão dos alunos, a emissão de *feedback* (s), sendo esta uma competência que procurei desenvolver ao longo do EP.

4.1.2.2.1 Qualidade do Feedback versus Progressão dos Alunos

De acordo com Tan (1996, cit por Rosado e Mesquita, 2009,p.86) “Na comparação do comportamento de *feedback* entre professores experientes e novatos as diferenças encontradas não se situam a nível da estrutura do *feedback*, referenciando-se, fundamentalmente, ao domínio do conhecimento específico e contextualizado, materializado no uso de palavras-chave apropriadas”. Todas as funções e comportamentos do professor devem

propiciar um ambiente seguro de aprendizagem, tornando-se fulcral que em qualquer aula sejam fornecidos aos alunos *feedback* (s) de forma a mantê-los empenhados e motivados na tarefa. Na leção das diferentes UT percebi que quanto maior o domínio do conteúdo e das suas componentes pedagógicas maior era clareza da minha exposição e consequentemente maior a qualidade dos meus *feedback* (s) e evolução dos alunos. Naturalmente, e dada a minha inexperiência no tratamento didático das várias modalidades, senti que não dominava de igual forma todos os conteúdos que tive de lecionar. No entanto, a progressão dos alunos dependia da consciência do resultado do seu desempenho, sendo o *feedback* meio de que dispunha para lhes proporcionar esse conhecimento de resultados. Deste modo as questões foram surgindo: De que modo poderei proporcionar um *feedback* eficaz? Que tipos de *feedback* deverei utilizar? Qual o momento ideal para a sua utilização?

O tipo de *feedback* (s) bem como os momentos da sua nomeação foram aspetos que variaram de aula para aula de aluno para aluno e conforme as características particulares de cada UT. O aprimoramento dos meus conhecimentos sobre cada UT ao longo do ano letivo permitiu-me melhorar a qualidade dos meus *feedback* (s) verificando ainda, que era nas modalidades em que me sentia mais liberta que os meus alunos evoluíam mais. Se inicialmente eram proferidos *feedback* (s) de uma forma intuitiva, com o passar do tempo estes viriam a tornar-se mais oportunos e adequados.

Assim, sempre que era necessário apoiar ou corrigir um comportamento que influenciava o desempenho dos alunos, foram necessários *feedback* (s).

“Após a explicação e demonstração da ajuda, os alunos mostraram compreendê-la, apesar de a desconhecerem. Contudo, nem todos a realizaram corretamente, sendo necessário dar-lhes alguns feedbacks corretivos e avaliativos para que a melhorassem ao longo da repetição do rolamento (..)”.

(Reflexão 16, 9 de novembro de 2010)

O momento ideal para fornecer o *feedback* foi talvez o que causou maiores hesitações. De acordo com Rosado e Mesquita (2009, p.84) o grau de adequação do *feedback* e sua eficácia resulta de duas operações; a detecção do erro e a organização do *feedback*. A capacidade de detecção do erro exigiu um conhecimento aprofundado da matéria sendo à medida que os conteúdos se tornavam mais simples para mim, que mais facilmente era capaz de detetar os erros e necessidades dos alunos e lhes fornecer *feedback* (s) adequados.

“Durante a sua realização verifiquei que alguns alunos não tinham entendido o que era pretendido, tendo sido necessário fornecer vários feedback (s) durante a sua realização, tendo-me deslocado por todo o espaço reforçando os aspetos críticos do exercício”.

(Reflexão 39, 11 de fevereiro de 2011)

As necessidades dos alunos ditaram também a direção dos meus *feedback* (s). Em determinados momentos estes foram dirigidos a toda a turma, nomeadamente nos JC, a grupos de trabalho específicos, o que acontecia frequentemente na Ginástica ou a cada aluno em particular o que se verificou em todas as UT. De acordo com Postic (2007,p.183) a perceção que o aluno tem da sua própria capacidade numa situação e a sua decisão de agir, resulta das reações dos outros em relação a si e do significado que é dado ao seu ato. Para além do fornecimento de *feedback* (s), a análise da sua compreensão traduziu-se crucial para a modificação dos comportamentos dos alunos. No sentido de que esta verificação fosse concretizada surgiu a necessidade de respeitar o ciclo de *feedback* sendo o que me permitiria comparar os comportamentos, antes e após a sua emissão:

“Durante a sua realização fui fornecendo vários feedback (s) aos alunos e solicitando a repetição do elemento após feedback para que se tornasse mais fácil para os alunos realizarem as devidas correções e fechasse o ciclo de feedback”.

(Reflexão 33, 25 de janeiro de 2011)

“(...) os processos de *feedback* e as orientações, como a orientação intrínseca/extrínseca, a orientação para a tarefa ou para o resultado e o nível de ansiedade exercem uma grande influência nas sensações de autoestima, competência e autocontrole” (Samulski, 2002, p.117). Na tentativa de promover um clima de aula motivador foi necessário reforçar frequentemente os comportamentos desejáveis, recompensando e encorajando-os através de elogios atribuídos aos alunos. O *feedback* positivo desempenhou um papel essencial para motivar os alunos e levá-los a estar mais empenhados nas diferentes tarefas:

“Assim, o jogo foi, ao longo do tempo, adquirindo mais ritmo e entusiasmo, tendo-me preocupado em proferir feedback (s) corretivos para toda a turma no sentido de amenizar alguns erros mais frequentes mas também proferir feedback (s) positivos com o propósito de motivar os alunos e os manter mais envolvidos e cooperativos”.

(Reflexão 49, 18 de março de 2011)

“Preocupe-me mais uma vez em fornecer constantemente feedback (s) aos alunos, felicitando-os também pelas boas jogadas. Penso ser bastante importante aplaudir as boas jogadas e incentivar os alunos porque traz-lhes maior motivação e lava-os a estar mais concentrados e empenhados no jogo”.

(Reflexão 59, 10 de maio de 2011)

Dos vários episódios das aulas em que os *feedback* (s) geraram um clima de positivo, ressalvo um deles que de certa forma me marcou e me mostrou que os meus *feedback* (s) começavam a produzir os efeitos desejados, entendendo cada aula como uma oportunidade privilegiada para melhorar a sua qualidade.

“Assim de uma forma progressiva pedi que realizasse a posição de “bolinha” executando alguns balanços para a frente e para trás mantendo a posição engrupada, contactando posteriormente com as mãos no colchão. Em seguida pedi-lhe que realizasse a repulsão dos membros superiores no solo com a minha ajuda. Repetiu várias vezes esta sequência de movimentos, sendo posteriormente realizado o rolamento à retaguarda com a minha ajuda. A aluna mostrou-se bastante motivada e revelou uma melhor compreensão do movimento, facilitando-lhe assim a sua execução. Quando lhe sugeri que o realizasse sozinha, a aluna correspondeu positivamente, realizando-o de forma satisfatória. Após ter alcançado este resultado a aluna mostrou-se extremamente entusiasmada continuando a exercitar o rolamento. Após uns minutos a aluna voltou a pedir a minha atenção mas agora para me mostrar que já conseguia realizar o rolamento à retaguarda com os MI afastados sozinha (...)”

(Reflexão 34, 28 de janeiro de 2011)

4.1.3 A DIFERENCIAÇÃO dos alunos na busca da UNIDADE

“Na preparação e realização do ensino em EF é necessário ainda prestar atenção à capacidade individual de rendimento dos alunos. Só desta forma é possível determinar uma carga ajustada ao grau e sentido do seu desenvolvimento (.).” (Bento, 1987,p.105).

O respeito pelos alunos e suas características foi uma constante preocupação no cumprimento da minha missão. A coeducação surgiu como a ideia de uma intervenção que me permitiria uma pedagogia da igualdade e da diferença, anulando por um lado as situações discriminatórias, e aceitando por outro, a diversidade de tratamento como estratégia para criar uma igualdade de oportunidades de aprendizagem a todos os alunos. A avaliação inicial dos alunos realizada no início de cada UT bem como as avaliações formativas ao longo das aulas contribuíram para o conhecimento das competências motoras e saberes dos alunos, sendo a base de um processo de reflexão para

constituição dos diferentes grupos ao longo do ano letivo. Se a princípio a criação de níveis de desempenho nas aulas de EF me pareceu ser a estratégia adequada para respeitar as características individuais dos alunos e promover o desenvolvimento das suas potencialidades, à medida que ia lecionando as diferentes UT, fui verificando que nem sempre a homogeneização dos grupos seria a opção acertada. Por vezes esta divisão dos alunos não tinha repercussões positivas para o seu progresso. Percebi da observação dos alunos que esta não poderia ser uma estratégia a aplicar de “olhos fechados” visto que em certos casos era no contacto com as diferenças que os alunos tinham oportunidade para evoluir. Procurei organizar/aplicar estratégias de ensino adequadas às necessidades e ritmos de aprendizagem dos alunos, promovendo ambientes de aprendizagem em que predominou uma relação de cooperação, de respeito e de crescimento e, de igual modo, onde o aluno foi sujeito interativo e ativo no processo de construção do seu conhecimento. Foi nos vários momentos de reflexão, os quais citarei, que considerei imprescindível tratar cada UT como única, exigindo-me uma metodologia e intervenção específica de acordo com as disponibilidades dos alunos para a mesma.

“Existem grupos que continuam a ter ainda dificuldades na realização dos três toques, contudo outros já os realizam mais frequentemente. Dadas estas dissemelhanças, penso que estará na altura de nesta parte da aula os alunos serem divididos por níveis de desempenho para que se criem distintas condições de aprendizagem que se tornem mais ajustadas aos mesmos. Assim sendo, na próxima aula, procederei já a uma divisão da turma por níveis para que os alunos possuam mais oportunidades para evoluir”

(Reflexão 40, 15 de fevereiro de 2011)

“São evidenciadas ainda, e por parte de certas alunas, algumas dificuldades técnicas e táticas, contudo revelam já melhorias, o que lhes permite uma maior interação com os colegas de equipa. Penso que o facto de ter optado pela realização de

equipas equilibradas, e não por níveis de desempenho tem contribuído para a evolução positiva destas alunas”.

(Reflexão 59, 10 de maio de 2011)

“Contudo, as alunas que se encontram no nível mais avançado revelaram alguma desmotivação durante o jogo de Futebol, visto que a sua equipa é maioritariamente constituída por rapazes, o que lhes limita a sua intervenção no jogo. Como tal, na próxima aula a organização das equipas deverá ser alterada, o que levará a que provavelmente estas não se organizem por níveis mas sejam igualmente equilibradas”.

(Reflexão 7, 12 de outubro de 2010)

“Na parte final da aula, e uma vez que é atualmente mais evidente que os alunos possuem resistências distintas na realização do trabalho de força, foram criados grupos de trabalho para os quais foram prescritos exercícios com distinto número de repetições para que se ajustassem às capacidades dos diferentes alunos. Os alunos seguiram então o plano elaborado para o seu grupo, o que fez com que este trabalho fosse bastante mais adequado e os alunos se sentissem mais motivado, essencialmente os que se encontram num nível mais avançado.”

(Reflexão 32, 21 de janeiro de 2011)

Em determinadas alturas senti necessidade de ajustar as atividades e reorganizar os grupos naquele momento, espaço e circunstâncias. Deste modo, diagnosticava as dificuldades de cada aluno e preparava estratégias que fomentassem o colmatar de determinadas lacunas.

“(.) ao longo da realização dos jogos detetei que a qualidade do jogo era bastante inferior à apresentada quando os alunos estão organizados por níveis e que os alunos estavam menos motivados e empenhados, principalmente os alunos de nível avançado. Assim, rapidamente me apercebi que o que me pareceu adequado no

momento de planeamento, não estava a resultar na prática, levando-me a repensar na situação. Após breves minutos de observação, parei os jogos e voltei a organizar as equipas por níveis, parecendo-me ser a solução mais adequada aos alunos, o que levará a que o torneio agendado ocorra por níveis de desempenho e assim seja mais competitivo e ocorram jogos com maior qualidade, no caso das equipas de nível avançado.”

(Reflexão 44,1 de março de 2011)

“Segundo Mesquita (2005, p.4), “a transição de uma etapa para outra requer que os conteúdos abordados na etapa em questão sejam do domínio dos praticantes (...)”. Assim sendo, e no sentido de criar um maior número de oportunidades para a obtenção de sucesso, decidi incluir duas das alunas que se encontravam no nível anterior no nível seguinte visto que o seu repertório motor lhes permitia estar nessa etapa. Penso que tais alterações foram ajustadas levando a que os alunos em geral se mostrassem mais motivados e empenhadas tendo desta forma aumentando a qualidade do jogo.”

(Reflexão 49, 18 de março de 2011)

As necessidades dos alunos sugeriram a estratégia a utilizar nas diferentes aulas e, mesmo que estes não atingissem a ideia de “Unidade”, mesmo que não fossem todos aqueles que alcançavam os objetivos irrealistas do programa, o intuito foi sempre que todos evoluíssem de acordo com as suas potencialidades.

4.1.4 A aposta no CLIMA de aula

“Apesar das dificuldades, existiu cooperação e entre-ajuda entre cada uma das equipas, sendo que, os alunos mais aptos para esta modalidade, (nível avançado), se preocuparam em fornecer indicações aos colegas com mais dificuldades no sentido de os ajudar a ultrapassar essas limitações e assim trabalharem em equipa. Penso que este foi um aspeto bastante positivo e o qual deve

ser preservado nas aulas, inculcando sempre esta solidariedade nos alunos, a qual é fundamental para a sua vida em sociedade. (...) O desporto e a educação física apresentam-se como duas áreas cruciais para a mudança de comportamentos e a preservação de valores como a honestidade, solidariedade, respeito. Como tal, preocupar-me-ei em inculcar sempre nas aulas este tipo de valores, bem como em investir nas relações entre os alunos para que se tornem melhores cidadãos e saibam viver em comunidade”.

(Reflexão 45, 4 de março de 2011)

Desde o início do ano letivo que uma das minhas grandes ambições se centrou nos alunos e na relação pedagógica que estabeleceria com os mesmos. Sempre foi minha pretensão que as aulas fluíssem num clima agradável, motivador e mobilizador para a prática de atividade física. Pretendia brindar os alunos com novas experiências e conceder-lhes uma participação mais ativa nas aulas, permitindo-lhes organizar a sua própria atividade e progredir, tendo o devido apoio no momento certo. De acordo com Postic (2007,p.165) cabe ao docente “o papel de organizar as situações de aprendizagem, observar os comportamentos de cada aluno face à tarefa, os comportamentos relacionais, de cooperação, de conflito, entre os alunos, e ajustar as suas intervenções às necessidades que são manifestadas”. Será a tomada de consciência das necessidades que originará o progresso, tendo constatado nas minhas aulas que as interações sociais poderiam ser o motor da transformação das condições de funcionamento e desenvolvimento da turma.

4.1.4.1 A minha relação com a Turma e suas individualidades

De acordo com Estrela (2002.p.36) “A relação pedagógica é o contacto que se gera entre os intervenientes de uma situação pedagógica e o resultado desses contactos”. O professor estabelece uma relação com os alunos através da comunicação sendo a criatividade do seu discurso fundamental para o êxito da aula e a conquista da turma. Dos vários fatores que influenciam o clima de

aula entendo a comunicação como um dos principais para modificar os contextos. Apresentar-me como um líder “democrático” e estabelecer um processo de negociação com os alunos para a resolução de conflitos e estabelecimento de regras, foi o caminho que escolhi para me relacionar com eles. Nunca esquecer que a personalidade da turma é o somatório de um conjunto de personalidades que requerem alguma atenção individualizada. Discretamente será importante aproveitar de forma positiva a influência que os líderes têm na turma, levando-os a ter um papel ativo na integração de alunos que apresentem mais dificuldades na sua relação com o outro.

Nas aulas, procurei criar uma atmosfera na qual os alunos desejassem aprender, incentivando-os a observar, a formar as suas próprias ideias, a participar, inculcando-lhes sentido de responsabilidade, de autonomia e de respeito pela pessoa humana. Procurei mostrar sempre espírito de tolerância e de compreensão, associado a atitudes de firmeza e justiça, que implicassem o desenvolvimento do respeito mútuo num ambiente favorável ao processo de ensino aprendizagem. Foi da espontaneidade da nossa relação bem como do respeito recíproco e dos laços mais afetivos que nos uniram, que resultou uma atmosfera de trabalho propícia à entrega e dedicação de todos. Para Arends (1995,p.129) “um ambiente de aprendizagem produtivo é caracterizado por um clima geral onde os alunos se sentem a si próprios e aos seus colegas de forma positiva, onde as suas necessidades individuais são satisfeitas de forma a que persistam nas tarefas (...)”. Implicar os alunos em atividades relevantes, foi uma das minhas grandes preocupações:

“Na fase final da aula e visto que os alunos se mostraram motivados na aula anterior na realização do percurso de força, foi realizado um novo percurso sendo desta vez introduzida a competição entre os grupos. Penso que esta foi uma boa estratégia, visto que o trabalho de força é um trabalho normalmente pouco motivador para os alunos, sendo esta sua vertente competitiva mais aliciante, permitindo que o mesmo se realize com mais empenho e motivação”.

(Reflexão 14, 2 de novembro de 2010)

“Visto, na aula anterior ter constatado um desânimo por parte dos alunos para a iniciação desta modalidade, preocupei-me, nesta primeira aula em apresentar alguns exercícios diferentes dos habitualmente utilizados na mesma. Assim, foram propostos exercícios de equilíbrio e flexibilidade, apelando ao sentido estético e a um trabalho postural importante para esta modalidade. A escolha deste tipo de elementos surgiu para motivar os alunos visto que a novidade e descoberta causam sempre maiores desafios, despertando mais interesse e motivação. Assim pretendi que realizassem um trabalho de flexibilidade e equilíbrio através de algumas posições (“asanas”) características do yoga, sendo uma forma de lhes apresentar também uma nova modalidade com a qual ainda não tinham contactado”.

(Reflexão 30, 14 de janeiro de 2011)

“ (...) foi salientado que os grupos fossem criativos e surpreendentes porque sendo uma mistura, sem receita exata, de curiosidade, interesse, capacidade transformadora e prazer disso tudo que existe potencialmente em nós à espera de ter espaço de expressão (Leal, 2006), considero importante que um professor dê espaço ao seu aluno para ser criativo e a par disso estimule a sua criatividade”.

(Reflexão 19, 19 de novembro de 2010)

A determinado momento apercebi-me de que algumas das características da sala de aula podiam ser alteradas pelo professor e que como refere Arends (1995,p.130), os professores eficazes centram-se naquilo que pode ser alterado, tal como aumentar a motivação dos alunos e encorajar o desenvolvimento do grupo. Concluí que a motivação dos alunos dependia da minha própria motivação e que a sua aprendizagem seria influenciada pelo clima de aula:

“Quanto ao meu papel e desempenho nesta aula, penso que foi bastante positivo na medida em que circulei constantemente pelo espaço, observando todos os alunos, realizei várias ajudas aos diferentes alunos, forneci feedback (s), sugestões e palavras de

incentivo, demonstrei alguns dos elementos gímnicos e acabei a aula realmente cansada. No entanto este foi um cansaço bom de sentir, visto que senti que cumpri os objetivos a que me propus nesta aula e que fui para além dos mesmos, visto que consegui uma grande evolução e motivação dos alunos, tendo sido para mim, e até ao momento, a melhor aula desta UT. Assim sendo, espero conseguir na próxima aula um clima idêntico ao desta aula (...)”.

(Reflexão 34, 28 de janeiro de 2011)

Nos vários momentos de reflexão que me acompanharam ao longo do ano foi constante a referência ao clima positivo da aula. Contudo, existiu a necessidade de me demonstrar verdadeiramente desagradada nos episódios de indisciplina ou menor empenho para que este prevalecesse tal como é expresso no parágrafo seguinte:

“Ainda, e após a realização dos alongamentos musculares, mostrei, através de uma conversa com os alunos, o meu desapontamento com a turma e o seu comportamento na aula, sendo algo que não esperava deles. Neste momento os alunos ficaram muito quietos e atentos às minhas palavras, notando um certo arrependimento nas suas expressões. Penso que aquele breve discurso foi suficiente para que a turma repensasse no seu comportamento, e julgo que terá sido realmente uma situação pontual que não se voltará a repetir. Contudo, caso se volte a suceder, deverei tomar a mesma atitude, visto considerar importante que os alunos tomem consciência dos seus atos e reflitam sobre os mesmos de forma a alterá-los de aula para aula”.

(Reflexão 31, 18 de janeiro de 2011)

No papel de EE não usei qualquer tipo de máscara na minha relação com os alunos, não por estratégia mas porque espontaneamente aconteceu dada a minha inexperiência nesse nível de ensino. Acabei por sair beneficiada pelo facto de construir um relacionamento bastante autêntico de parte a parte. Respeitar cada um dos alunos foi a base para conquistar o seu respeito e criar um clima de aprendizagem bastante produtivo. É certo que as características da turma também favoreceram de alguma forma esse relacionamento

permitindo-me gerar empatia entre nós. Os limites são importantes, mas a relação pedagógica afetiva é fundamental. Um clima de confiança e de incentivo em que se estabelecem relações cordiais com os alunos e nos mostramos pessoas abertas, afetivas, flexíveis e tolerantes, dentro das regras estipuladas, leva a que a aprendizagem surja de uma forma mais espontânea e consistente. Quando tanto as nossas palavras como o nosso olhar, os gestos corporais de aproximação ou afastamento são percebidos pelos nossos alunos, tudo fica mais claro, pois nestas circunstâncias existe um processo de identificação na base da influência do professor. O professor será sempre o líder no seu espaço de aula, por isso a qualquer momento este possui autoridade para alterar a sua postura de acordo com aquilo que receber dos seus alunos, contudo não deve à partida excluir a afetividade da sua relação com eles. Atendendo ao momento difícil que é vivido pelos professores, é assim importante encontrar motivos que nos levem a conseguir com entusiasmo e alegria exercer as nossas funções. A satisfação dos alunos bem como o seu sorriso, expressão de felicidade de estar na aula, terá sempre um efeito motivador no desempenho do professor, não deixando de ser um elemento importante a considerar no conceito de processo de ensino-aprendizagem.

4.1.4.2 Corresponder às expectativas de uma turma motivada

A EF, bem como qualquer outra disciplina curricular, possui conteúdos que pelas suas particularidades são à partida menos apelativos para os alunos que outros. Na minha perspetiva cabe ao professor encontrar estratégias que as tornem mais interessantes, podendo este relacioná-las com o campo concreto de vivências e experiências dos alunos, bem como com os seus interesses e motivações, tocando no lado afetivo e emocional dos alunos. No tratamento dos dados resultantes das fichas individuais dos alunos pude constatar quais as modalidades que os alunos preferiam e ainda aquelas que gostariam de experimentar. O gradual conhecimento da turma bem como os momentos de reflexão na preparação das diferentes aulas, foram sem dúvida

aspectos impulsionares de estratégias para motivar os alunos. Assim, aquando da lecionação de uma modalidade menos interessante para os alunos optei por incluir uma outra que mostravam interesse em experimentar, porque “o fator interesse, no processo de aprendizagem e sua eficácia, apresenta-se fundamental, pois é ele que faz com que o educando unifique e invista as energias no trabalho que se dispõe a fazer, concentrando, assim, o seu espírito e o seu corpo em tal ou tais atividades, identificando-se de uma certa maneira, com elas” (Fernandes, 1990,p.170).

4.1.4.2.1 A Dança como estratégia de motivação para as aulas de Ginástica

A caracterização da turma sugerida pela Vickers (1989) foi essencial para que tomasse consciência das particularidades da turma e, no que diz respeito à disciplina de EF, ter conhecimento das modalidades preferidas dos alunos, daquelas que menos gostavam e possuíam mais dificuldades e ainda daquelas que gostariam de experimentar. Ao constatar que a Ginástica era a modalidade menos interessante para os alunos e a Dança aquela que a maioria gostaria de experimentar nas aulas de EF, porque não conciliar as duas? Não se tratava de lecionar duas UT em simultâneo mas incluir a Dança nos momentos de ativação geral das aulas de Ginástica Acrobática de forma a motivar os alunos para estas aulas. Na observação dos alunos, e tal como já havia previsto, dada a sociedade da “preguiça” em que vivemos atualmente, verifiquei que cada vez mais os alunos apresentam uma postura corporal errada acompanhada de um descontrolo acentuado do seu corpo, tornando-se jovens descoordenados e com fraca aptidão para as atividades físicas e desportivas.

“De uma maneira geral, e agora em jeito de crítica, penso que se deveria dar maior ênfase às atividades rítmicas expressivas, visto que estas se tornam fulcrais para educar o corpo e o movimento corporal, levando a que se criem desde cedo hábitos posturais adequados e belos porque, *o corpo fala. Mesmo quando quer*

esconder sua fala, o corpo não mente (Madalena Freire). Assim sendo, é importante que esta linguagem seja trabalhada e aperfeiçoada para que se torne cuidada e expressiva”.

(Reflexão 22, 30 de novembro de 2010)

Perante esta realidade, a Dança para além de ter sido um meio motivacional para os alunos, surgiu como um instrumento auxiliador para o desenvolvimento de capacidades tais como o ritmo, equilíbrio, coordenação motora, orientação espacial, as quais foram fundamentais nesta modalidade para melhorar a consciencialização corporal dos alunos e para que conseguissem alcançar resultados muito positivos nesta UT. A Dança foi ainda fonte de desinibição e de aproximação entre os alunos e, entre eles e a minha pessoa, o que contribuiu para que mais rapidamente conquistasse o respeito da turma e o seu controlo, passando as aulas a decorrer sobre um clima disciplinado e de empatia gerador de aprendizagem. Iniciar as aulas desta UT a dançar tornou-se um hábito, contudo, não estiveram sempre todos motivados, mostrando-se os rapazes um pouco reservados:

“Visto que a turma é maioritariamente constituída por raparigas, torna-se mais fácil conseguir a sua motivação uma vez que mostraram gostar de dança desde o início do ano, porém, os rapazes mesmo não estando à partida tão motivados, mostraram-se empenhados”.

(Reflexão 15, 5 de novembro de 2010)

“Os problemas do sexo, meio e cultura geral também não podem ser negligenciados, pois estes fatores podem não só influenciar sobre o tipo de inteligência, mas também sobre o grau de motivações e nível de expectativas de quem aprende” (Fernandes, 1990 p.173). Apesar do empenhamento dos rapazes na execução da coreografia de dança sentia que era necessário afastá-los de pensamentos preconceituosos da sociedade para que pudessem desfrutar deste momento de aula. Foi numa das aulas da UT que decidi que era hora de ultrapassar esta situação.

“Dado o seu bom desempenho, desafiei-o a também a assumir o controlo da turma na realização da coreografia, sendo ele o responsável por conferir as indicações necessárias para o seu início e possível repetição. Perante tal desafio, o aluno teve uma atitude positiva correspondendo ao mesmo com empenho e entusiasmo criando desta forma um clima desinibidor e motivador para os restantes alunos, considerando ter sido uma boa estratégia para quebrar algum tipo de preconceito que pudesse ainda existir mais vincadamente a nível dos rapazes da turma”.

(Reflexão 18, 16 de novembro de 2010)

Deste episódio pude concluir que cada vez mais a escola deverá ser um meio de modificação social, devendo estar insuflada de espírito de mudança, tal como o ato educativo deverá ser encarado como um processo de formação que vise o desenvolvimento de personalidades equilibradas, libertas de preconceitos, aprimorando novas aptidões.

4.1.4.2.2 O Modelo de Educação Desportiva (MED) como fonte de aprendizagem e socialização na minha turma

Durante o meu percurso escolar e no âmbito das aulas de EF e Desporto que frequentei ao longo dos anos tive o privilégio de conhecer e me relacionar com diferentes professores de EF. O que é certo é que apesar das dissemelhanças de personalidade desses sujeitos, no que diz respeito à transmissão dos conteúdos, todos tinham a mesma maneira de o fazer, assentando a sua apresentação sempre nos mesmos modelos pedagógicos e metodológicos. Como EE, e tendo refletido sobre esta abordagem simplista e desatualizada que tem vindo a prevalecer ao longo dos anos, senti-me no dever de levar para os meus alunos algo de novo, algo que os cativasse e os motivasse para a prática de desporto e que não os fizesse lembrar da professora de EF do ano anterior. De acordo com Bento (1987,p.104) “Para o processo de aprendizagem na escola as transformações didáticas das

modalidades desportivas são possíveis, necessárias e justificadas (...)”. Foi baseando-me nas ideias de Siedentop (1994) e no seu MED, o qual objetiva efetuar a rutura com as abordagens tradicionais das modalidades desportivas, valorizando as componentes afetivas e sociais na formação dos alunos, que encontrei estratégias para apresentar à turma aulas mais motivadoras e entusiastas. Dadas as diferentes condicionantes que a escola me conferia, nomeadamente de recursos espaciais, materiais bem como o número de aulas possível por UT, não foi realizada uma aplicação plena do MED, sendo apenas utilizadas algumas das suas sugestões e orientações no sentido de ultrapassar problemas com os quais me fui deparando.

Numa turma de dezasseis raparigas e cinco rapazes, o Futebol tornou-se um desafio. As raparigas são normalmente intimidadas pelos rapazes nesta modalidade, o que poderá resultar num menor número de oportunidades de participação ou marginalização dos seus papéis. Contudo, nesta turma elas estavam em maioria. Dadas as dificuldades que as raparigas apresentaram desde a primeira aula foi necessário encontrar estratégias que permitissem melhorar o seu desempenho e interesse pela modalidade. De acordo com Mesquita e Graça (2007,p.61) “A variedade de papéis assumida pelos alunos na constituição das equipas (jogadores, árbitros, jornalistas, dirigentes, etc.) evidencia uma redefinição de papéis do professor e dos alunos, sugerindo a filiação do SE às ideias construtivistas prevalentes nos anos 90.” Foi segundo uma preparação pormenorizada e refletida das aulas que surgiu a formação de pequenos grupos (equipas) nos quais os jogadores possuíam diferentes responsabilidades nomeadamente de árbitro, treinador, capitão.

“Foram elaborados dois quadros onde estavam indicados os jogos a realizar, bem como os resultados dos mesmos, e as funções dos alunos que não estavam em jogo.”

(Reflexão 10, 19 de setembro de 2010)

Tal planeamento permitiu a criação de um ambiente de cooperação e de mútuo respeito e tolerância que se tornaram essenciais para a evolução das alunas. O facto de este modelo atribuir um papel ativo ao aluno na construção

do seu próprio conhecimento, na experimentação de diferentes papéis, permitiu que os alunos possuísssem vivências mais contextualizadas e estivessem mais motivados. Existiu uma maior envolvimento, partilha, cooperação e autonomia dos alunos o que tornou o Futebol mais apelativo e apreciado pela turma, sendo o torneio (evento culminante) organizado no final da UT a prova disso mesmo.

“Os alunos estavam todos devidamente equipados, sendo que, cada equipa era representada por uma cor o que facilitou o seu reconhecimento. Fiquei agradavelmente surpreendida ao verificar que os alunos realizaram o “trabalho de casa” empenhando-se na organização das equipas, na divulgação das tarefas e sugestões para o torneio. (...) o torneio proporcionou momentos de alegria e companheirismo entre os alunos, os quais geraram grande motivação e cooperação entre os alunos criando um clima extremamente positivo durante a sua realização sendo algo que repetirei aquando da lecionação de outras modalidades desportivas.”

(Reflexão 10, 19 de setembro de 2010)

Contudo, o desempenho das diferentes tarefas surgiu nestas aulas como um complemento à prática motora, no sentido de dar significado à mesma e não como uma alternativa a esta. Sempre entendi o MED como um instrumento para proporcionar novas experiências de aprendizagem aos alunos sem nunca menosprezar o desenvolvimento das suas habilidades motoras, sendo esse sempre o meu objetivo principal.

Na lecionação das várias modalidades ao longo do ano letivo os alunos foram incitados a experimentar diferentes funções patentes no MED, tendo sido, a realização de um evento culminante (torneio, sarau) no final de cada UT, um hábito e uma necessidade para a turma.

“ (...) considero importante a realização de um evento deste carácter no final de cada UT visto que é uma oportunidade interessante para que os alunos desfrutem das aprendizagens realizadas ao longo da UT e consigam detetar melhorias, tal como os próprios as referenciaram verbalmente no diálogo do final da aula.”

(Reflexão 50, 25 de março de 2011)

Na Ginástica Acrobática os alunos foram confrontados com o MED aquando da criação de grupos heterogéneos para a elaboração dos seus esquemas, tendo estes assumido nesta modalidade uma nova função, a de júri.

“Assim sendo, foram distribuídas as fichas de verificação pelos grupos observadores, as quais tinham como objetivo a identificação de alguns dos aspetos importantes que deveriam estar realçados nas várias coreografias acrobáticas”

(Reflexão 22, 30 novembro de 2010)

Através da aplicação de fichas de verificação, os alunos desempenharam um papel ativo, analisando o desempenho dos colegas, sendo algo que até então não se sucedera. O facto de lhes conferir essa responsabilidade, permitiu que estivessem mais envolvidos e concentrados nas ações técnicas dos colegas permitindo-me também recolher informações sobre os seus conhecimentos relativamente às aprendizagens realizadas, sendo ainda um elemento auxiliador para a avaliação dos alunos.

À medida que ia utilizando algumas das ideias do MED na minha intervenção pedagógica, fui-me deparando com algumas das suas vantagens. Para além de este permitir que os alunos tivessem experiências desportivas mais autênticas, exercia um papel crucial na integração de todos os alunos nas aulas de EF. A multiplicidade de papéis que este sugere permite ao professor de EF incluir todos os alunos na sua aula, mesmo aqueles que possuam determinadas limitações para a prática de atividade física, tal como se sucedeu nas aulas de Ginástica de solo:

“A aluna surge neste grupo com a função de Treinadora, sendo um elemento fundamental para o progresso do grupo, uma vez que devido às suas condicionantes físicas, esta aluna apenas pode realizar as ajudas, e visto executá-las com segurança,

consegue transmitir às suas colegas a confiança de que necessitam par as realização dos diferentes elementos.”

(Reflexão 32, 21 de janeiro de 2011)

O facto de uma aluna ter tido um papel ativo durante uma UT da qual à partida estaria excluída, e de poder contribuir para o progresso das colegas, tornou-se crucial para a sua motivação nas aulas, tendo sido valorizado aquilo que a aluna poderia oferecer à UT. Foi ao depara-me com estas situações que percebi que o MED se apresentava como um modelo que fazia sobressair as qualidades dos alunos e aniquilava a ideia de exclusão nas aulas de EF. Permitindo-me inculir valores de respeito, cooperação, confiança e solidariedade essenciais para a relação dos jovens com a sociedade, levou-me a considerá-lo uma fonte de aprendizagem e motivação para os meus alunos e as minhas intervenções futuras.

O professor que ajustar as suas intervenções às necessidades dos alunos, estará a permitir-lhes conhecerem-se enquanto aprendem, tomando consciência das suas dificuldades e superando-as. “A individualização dos percursos deve diferenciar meios, não os fins, e não conduzir à renúncia dos objetivos comuns, a coberto de uma orientação pelas aptidões” (Postic, 2007, p.162)

4.1.5 As dificuldades em avaliar

A avaliação surge talvez como a tarefa mais difícil e mais desafiante para o professor, contudo, tal como apela Bento (1987,p.149) é um incómodo necessário. De acordo com o autor, “conjuntamente com a planificação e realização do ensino, a análise e avaliação são apresentadas como tarefas centrais de cada professor”. A necessidade da sua realização surgiu desde o início do ano letivo a fim de diagnosticar as capacidades e conhecimentos dos alunos para que o processo de ensino-aprendizagem se ajustasse aos mesmos. Sendo a primeira vez que me via com esta responsabilidade esta foi sem sombra de dúvidas a tarefa mais difícil para mim. Realizar uma seleção de critérios avaliativos para alunos que eu não conhecia, apesar das diretrizes que

o professor pode seguir, tornou-se bastante complicado. Recordo-me perfeitamente que na primeira avaliação inicial que realizei, que ocorreu na UT de Futebol, terminei a aula um pouco desapontada e até atordoada na tentativa de registrar tudo aquilo a que me tinha proposto. Dadas as dificuldades com que me deparei, tive necessidade de refletir sobre o assunto recordando esse mesmo momento no parágrafo seguinte:

“ As dificuldades que senti foram ao nível do registo dos dados dos alunos na ficha de avaliação inicial devido ao número de conteúdos a avaliar e à dificuldade em reconhecer os alunos. Será necessário que numa próxima avaliação recrute um menor número de conteúdos para a avaliação da turma no sentido de que esta tenha maior probabilidade de ser bem sucedida. Considero ter sido bastante importante que o professor cooperante me deixasse aplicar a ficha de avaliação inicial que elaborei sem que interviesse na mesma, no sentido de eu me confrontar com os problemas e posteriormente ter de encontrar soluções para os mesmos. Foi desta confrontação com a realidade que agora entendo o que será necessário alterar para o próximo momento avaliativo”.

(Reflexão 1, 17 de setembro de 2010)

Após este episódio de algum insucesso tive consciência que era necessário produzir instrumentos de avaliação que para além de estarem de acordo com os objetivos do ensino-aprendizagem fossem de aplicação simples e prática, no sentido de se tornarem mais eficazes. Percebi também que no momento de seleção de critérios avaliativos me deveria concentrar no essencial visto não ter conhecimento dos momentos de instrução a que os alunos foram sujeitos anteriormente, podendo todos os restantes pormenores ser analisados ao longo das aulas seguintes. Assim sendo, foi durante a lecionação das diferentes UT que a elaboração dos diferentes instrumentos avaliativos foi sendo aprimorada tornando-se os momentos de reflexão com o Professor Cooperante fulcrais para esse efeito. Diariamente avaliei os alunos e a qualidade da minha intervenção nas reflexões realizadas após cada aula, nunca menosprezando o processo em detrimento do resultado. Para uma

vigilância constante do processo de ensino no sentido de avaliar e controlar o estado e rendimento dos alunos e assim poder manipulá-lo, surgiu a avaliação formativa. Este tipo de avaliação foi contemplada através dos relatórios que os alunos realizaram sempre que não estavam aptos para participar na aula, nos torneios intraturma organizados em determinadas UT e ainda nas fichas de verificação que os alunos completavam no decurso da observação do desempenho dos colegas. Este momento avaliativo surgiria como mais uma oportunidade de aprendizagem para os alunos, onde estes receberiam *feedback* (s) sobre a sua evolução ao longo das aulas. Foi esta avaliação contínua do desempenho e conhecimentos dos alunos que contribuiu para o melhor conhecimento dos mesmos, tornando-se a avaliação sumativa uma extensão natural de todos estes momentos.

No âmbito da avaliação sumativa por vezes senti necessidade de que esta decorresse em dois momentos distintos de forma a conseguir avaliar todos os conteúdos transmitidos. Esta estratégia acabou por trazer algumas vantagens aos alunos em determinadas modalidades como foi o caso da UT a que me refiro no parágrafo seguinte:

“Para iniciar a aula foi realizada uma breve conversa com os alunos, onde foram divulgados os resultados da avaliação sumativa das pegas e figuras acrobáticas efetuada na aula anterior. Foi realizada uma breve apreciação a cada grupo e apresentados os aspetos que cada um deles deveria melhorar. Julgo que foi algo positivo, oportuno e proveitoso visto que os alunos poderiam ainda nesta aula melhorar estes aspetos e obter um melhor desempenho na avaliação sumativa dos seus esquemas”.

(Reflexão 21, 26 de novembro de 2010)

Para a realização da avaliação sumativa sempre tive a preocupação de criar situações que propiciassem a ideia de avaliação autêntica sugerida por Mesquita e Graça (2007,p.60) a qual se reporta “a desempenhos contextualizados, procurando-se um alinhamento da instrução com a avaliação”. Assim, na avaliação sumativa foram privilegiados os contextos em

que os alunos estavam habituados a exercitar as suas habilidades, porém surgia a necessidade de atribuir-lhes uma classificação. Entendi esta classificação como um reforço ou penalização que poderia conferir ao aluno de acordo com o progresso dos seus conhecimentos, habilidades e atitudes. Tendo consciência que esta classificação atribuiria um determinado reconhecimento social ao aluno, não pude deixar de me sentir pressionada pelo efeito do sentimento de justiça que estas situações sempre envolvem. Assim, senti-me impelida a recorrer a meios que aparentemente me transmitissem maior segurança.

4.1.5.1 A utilização de meios audiovisuais como auxílio na tarefa de avaliação

A gravação de vídeo em momento avaliativo da UT de ginástica acabou por produzir em todo o processo um duplo efeito, permitindo por um lado a recolha de elementos mais precisos dos conteúdos a avaliar, enquanto facultava também aos alunos a observação do seu próprio desempenho. A possibilidade de confrontar os dados registados com as imagens captadas permitiu-me analisar pormenores interessantes do desempenho dos alunos que no momento avaliativo não tive capacidade de observar. Também esta é uma aptidão que deve ser estimulada a evoluir ao longo do tempo para que o professor seja mais perspicaz nas suas observações. Contudo, numa fase inicial em que tudo parece ser importante de ser observado, a utilização de meios audiovisuais apresentou-se como um recurso curioso para me auxiliar nesta tarefa. Assim, após a visualização dos vídeos pude ser mais rigorosa e imparcial na análise das prestações dos alunos, sentindo que este tipo de estratégia me permitia examiná-los com mais cuidado e precisão, contribuindo para a atribuição da sua classificação. Considero a utilização deste tipo de tecnologias nas aulas de EF como uma forma do professor aderir ao processo de inovação que marca a sociedade atual, a exemplo do que está a pretender fazer-se no domínio das arbitragens das competições oficiais de quase todas as modalidades, construindo a sua prática de ensino tirando partido das

vantagens que estes meios lhe podem oferecer. O facto de facilitar aos alunos ter consciência do seu desempenho favorecerá a introdução de correções úteis no âmbito da evolução das suas capacidades bem como ao permitir que o professor observe o seu próprio desempenho contribuirá para o seu desenvolvimento profissional. Partindo destas observações das próprias aulas o professor poderá obter um *feedback* sobre a sua ação e desenvolver estratégias refletindo criticamente sobre o seu ensino, criando-lhe uma atitude mais presente na investigação da sua ação.

4.1.6 O contributo da observação de aulas para a evolução das minhas sessões

No contexto do EP a supervisão surgiu para monitorizar a minha ação no contexto real de ensino, tendo a presença assídua do Professor Cooperante desempenhado um papel fundamental na concretização dos objetivos. Confesso que inicialmente o seu olhar atento me causou algum desconforto e até inquietação pelo facto de não vislumbrar o significado das suas reações. Contudo, com o decorrer do tempo passei a considerar a sua presença nas minhas aulas um privilégio visto ser das suas análises que resultava o melhor conhecimento de mim própria e a superação das minhas dificuldades. Os momentos de reunião com o Professor Cooperante e o Núcleo, onde ocorriam reflexões detalhadas dos acontecimentos após cada aula, foram extremamente enriquecedores para o envolvimento ativo de todos no processo de desenvolvimento de cada um dos elementos em particular. A partilha dos problemas, dificuldades, incertezas, soluções e pontos de vista, constituíram a base para mais conscientemente refletir sobre as diferentes aulas.

A passagem de observada a observadora constituiu um momento marcante na consciencialização das minhas tarefas ao permitir projetar-me nos processos de observação das minhas colegas. Contudo, este apresentou-se como um processo que acarretava algumas dificuldades derivadas da contingência das diversas variáveis nele intervenientes, tornando-se necessário selecionar metodologias de observação para conduzir o nosso olhar sobre a

aula. De acordo com Estrela (1986, cit. por Alarcão, 1996,p.111), a observação pode ser subdivida em observação ocasional, observação sistemática e observação naturalista sendo numa fase inicial esta última, o tipo de observação utilizado para registar tudo o que acontecia na aula sem qualquer tipo de foco. Esta permitiu ter um panorama geral da sessão e identificar alguns dos seus problemas mais marcantes, sendo a partir da mesma que surgiu a necessidade de utilizar métodos de observação sistemática, tais como o “Time-line” e “ALT - PE (TPA - EF) ” para combater os problemas de gestão da aula. Senti que a aplicação destes métodos produziu um efeito positivo na lecionação das aulas que se seguiram estando mais consciente das diferentes situações de ensino que desencadeavam determinados comportamentos dos alunos, precavendo-me da ocorrência das mesmas no momento do planeamento. Ao longo da observação das várias aulas tive oportunidade de analisar diferentes metodologias e estratégias de intervenção e refletir sobre a minha própria ação. De acordo com Estrela (1986,p.61) “ A observação de situações educativas continua a ser um dos pilares da formação de professores (...), demonstrando a investigação que não há um modelo de bom professor, mas sim uma infinidade de modelos possíveis”. Desta forma, e fazendo uma retrospectiva dos momentos de análise das várias sessões, é evidente a contribuição dos mesmos para a progressão do professor, cabendo ao docente munir-se de métodos de observação que lhe permitam estar mais consciente das situações em que se insere e de si próprio para que dessa forma evolua conjuntamente com os seus alunos.

4.2 PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA

4.2.1 A descoberta do papel do DT

Na minha integração e relação com a Comunidade fui tomando contacto com as várias funções e papéis que o professor desempenha na escola. A direcção de turma é uma das funções que por vezes o professor tem que assumir e, apesar de não ter desempenhado efetivamente essa função, tive oportunidade de acompanhar o Professor Cooperante nesse desempenho. Assim, fui-me apercebendo das diferentes formas de intervenção do professor diante da turma que lhe foi atribuída. Nessa sua relação entre os pais, encarregados de educação, alunos e restantes professores da turma, de que o professor se apresentava como o elo de ligação, pude constatar várias situações que me permitiram melhor compreender o papel da sua missão. É dever do DT facultar regularmente aos pais ou encarregados de educação a informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens e o percurso escolar dos filhos, bem como quaisquer outros elementos relevantes para a sua educação. Assim, e para o cumprimento deste dever, o DT possui um dossier da turma no qual estão todas as informações relativas aos diferentes alunos e as quais lhe permitem um melhor conhecimento e acompanhamento dos mesmos. Torna-se fundamental que toda esta informação se apresente devidamente estruturada, organizada e atualizada para que o DT possa responder às inquietações quer dos encarregados de educação como dos restantes professores. Foi por este dossier que o Professor Cooperante se fez acompanhar frequentemente nas diferentes reuniões com encarregados de educação, surgindo por vezes situações em que o contacto com os mesmos causaram alguns constrangimentos. Sendo a turma em que o Professor Cooperante desempenhava a função de DT uma turma de 7º ano de escolaridade em que os problemas disciplinares eram constantes, o contacto com alguns encarregados de educação mostrou-se frequente e indispensável. Foi na convivência com essas situações reais que tomei conhecimento de alguns dos problemas com os quais me poderei deparar futuramente e que me

preocuparam. Assisti, de perto, a momentos desconfortáveis para os pais, e para o próprio DT, em que este teve de informá-los de comportamentos indisciplinados com alguma gravidade que geraram processos disciplinares aos seus educandos. As faces de incredibilidade e estupefação são imagens que me marcaram e das quais me recordo dessas reuniões. Estes são também problemas apresentados pelo DT em conselho de turma, onde ele presta todas as informações aos outros professores, tratando também de incentivar e promover a interdisciplinaridade na proposta de atividades conjuntas e no âmbito do PEE. Visto que na turma existia a necessidade de adequar métodos e encontrar estratégias para o sucesso de alunos com Necessidades Educativas Especiais, acompanhei ainda reuniões do Professor Cooperante com a docente da educação especial, na busca de um maior número de oportunidades para estes alunos nas diferentes disciplinas. Assim, o DT desempenha também um papel fundamental na integração destes alunos no seio da turma. No papel de DT é-lhe atribuída também a responsabilidade de lecionar a disciplina de Educação Cívica, sendo nestes momentos de relação e proximidade com os alunos que existe a pertinência de apresentar temas que lhes produzam efeitos benéficos.

Poder acompanhar o Professor Cooperante nesta missão permitiu-me hoje ter consciência da importância do papel do DT numa Escola, e da responsabilidade que é atribuída aos professores que o desempenham. O DT será um professor extremamente influente quer na resolução dos problemas da turma quer na ligação com os encarregados de educação, sendo o seu empenho e dedicação que ditarão os efeitos da sua intervenção.

4.2.2 A minha participação e relação com a Comunidade

Para que o professor conheça o micromeio em que se insere e desenvolva a sua ação em consonância com o mesmo, necessita de se envolver com ele e de o explorar. De acordo com Mialaret (1999, p.18) “apesar de, aparentemente, o educador estar só em presença dos seus alunos, de facto pertence geralmente a uma equipa educadora, próxima ou longínqua, que

constituiu um dos elementos da determinação da sua conduta". Assim, a proximidade ou distância que o professor possui da comunidade em que se insere influenciará a sua relação pedagógica e a sua maior ou menor afinidade com a mesma. Procurando uma maior ligação e interação com a Comunidade, pretendi ter um papel ativo na mesma e colaborar nas diferentes atividades que foram sendo organizadas. Inicialmente, e pelo facto de já ter sido aluna na Escola, a primeira dificuldade foi em distanciar-me do papel de aluna na minha relação com antigos professores de EF. Apesar de estes me incitarem frequentemente a dirigir-me a eles como "colegas", foi extremamente difícil encará-los dessa forma. Foi na partilha de experiências e na convivência em projetos comuns que esse distanciamento imposto foi sendo ultrapassado contribuindo para que a minha integração e relação fluísse com a normalidade desejável.

No que concerne às atividades do Grupo de EF participei nas várias reuniões do mesmo, nas quais foram debatidos vários problemas da disciplina, o que permitiu um melhor entendimento da realidade em que decorria a minha intervenção. A possibilidade de participar na organização e gestão de atividades junto do Grupo, foi fundamental para conhecer melhor a cultura da Escola em que me inseria, bem como os seus hábitos, tradições, e assim desenvolver uma conduta mais adequada às mesmas. Das várias atividades que foram organizadas ao longo do ano letivo, tive oportunidade de colaborar conjuntamente com o núcleo de estágio e o professor cooperante nos torneios interturmas que se realizaram nos três períodos letivos. A participação do núcleo foi mais marcante no torneio de Futebol contudo, sempre tivemos um papel ativo em todos os torneios. Verifiquei que esta atividade é já uma tradição na escola, a qual se realiza desde os meus tempos de aluna, envolvendo sempre um elevado número de participantes, o que requer dos docentes um enorme cuidado no momento do seu planeamento. A inclusão do 2º ciclo na Escola levou a que também nos torneios, existisse uma maior preocupação com a integração destes alunos, sendo calendarizados dias específicos para a realização de jogos pré-desportivos em determinadas modalidades desportivas. No âmbito do Futebol, tive oportunidade de arbitrar

alguns jogos de Futebol do 2º ciclo, contactando de perto com estes alunos tendo sido uma experiência bastante interessante, considerando esta faixa etária extremamente entusiasta neste tipo de atividades mas também cumpridora, tendo sentido um enorme respeito por parte destes alunos.

Foi no contacto com as questões do planeamento e organização das diferentes atividades, que pude tomar consciência das dificuldades que estas por vezes acarretam para os docentes. No corta-mato organizado pelos professores de 2ºciclo, uma atividade em que também desempenhei algumas tarefas e que se dirigia aos alunos deste ciclo, constatei a dificuldade que existe atualmente em encontrar colaboradores que se sensibilizem com este tipo de atividades e disponibilizem alguns recursos para a sua realização. Tais constatações mostraram-me que possivelmente a realização deste tipo de atividades poderá ficar comprometida por falta de recursos atendendo à crise que se vive atualmente.

Relativamente ao desporto escolar confesso que fiquei um pouco desapontada dadas as minhas expectativas iniciais. O facto de a Escola contemplar as atividades rítmico-expressivas no âmbito do desporto escolar, apontava para a possibilidade de uma maior participação minha neste setor, o que não veio a acontecer. Uma vez que o desporto escolar tem vindo a conquistar, na área das atividades rítmico-expressivas, um lugar de destaque nas competições em que tem participado, os seus elementos estavam extremamente empenhados e focalizados nessas competições. Tal situação limitou em certa medida a minha intervenção. Porém, foi-me concedida pelo professor de EF responsável por estas atividades, a oportunidade de acompanhar o trabalho que tem vindo desenvolver com os alunos e a participar em algumas das sessões. Assim, pude conhecer um pouco da realidade do desporto escolar e interagir com alunos de diferentes faixas etárias que partilhavam o mesmo gosto pela dança. Acordado com o professor responsável pelo grupo, pude, para além do conhecimento desta realidade, partilhar também com os alunos um pouco da minha experiência na área da Dança. Assim, apresentei nas fases de ativação geral de determinadas sessões, alguns ritmos que os alunos não estavam habituados a dançar, nomeadamente

os urbanos, proporcionando-lhes vivências distintas que pudessem contribuir para no seu processo de formação e motivação. Da minha interação com o grupo verifiquei que este era extremamente dedicado, empenhado e afetivo, apresentando-se muito disciplinado e com objetivos bastante bem delineados. Observei que neste âmbito, dado o seu carácter facultativo de natureza lúdica, cultural e artística, a postura do professor se distanciava bastante daquela que era adotada nas aulas de EF, existindo uma relação de maior proximidade e afinidade quer com os alunos como com os seus encarregados de educação. Considero que este contacto com a utilização criativa e formativa dos tempos livres dos educandos foi extremamente enriquecedor tendo-me permitido estar mais próxima de um papel que poderei vir a desempenhar na Escola e para o qual me devo preparar.

Na tentativa de promover a atividade física na Escola e visto que a Piscina Municipal de Águas Santas se encontra relativamente próxima da mesma, o Núcleo de Estágio empenhou-se em estabelecer um protocolo com esta instituição no sentido de conferir à Comunidade algumas vantagens que a levassem a procurar mais frequentemente este local. Contudo, e apesar do nosso empenho, não obtivemos até ao momento uma resposta à nossa proposta esperando contudo, que esta surta ainda efeitos na Comunidade e que lhe conceda benefícios, tal como era pretendido.

Relativamente à minha turma em concreto, participei nos seus concelhos de turma, em que a partilha de informações entre os diferentes professores se apresentou como um elemento importante para um melhor conhecimento de todas as variáveis relacionadas com a turma. A minha presença no convívio organizado pela turma para professores, alunos e encarregados de educação, foi também um momento enriquecedor na medida em que, pude privar com alguns dos encarregados de educação dos meus alunos, recebendo deles *feedback* (s) que positivamente me incentivaram a prosseguir na minha linha de conduta.

Foram todas estas vivências que me trouxeram uma maior consciencialização da importância da Comunidade em todo este processo de formação.

4.2.3 Promover relações entre a comunidade na expressão da sua criatividade – I Sarau AESCAS-

Desde o início do ano letivo que o Núcleo de Estágio ambicionava organizar uma atividade na Escola que se apresentasse diferente de todas as outras que já tinham sido concretizadas. Um dos objetivos pretendidos era marcar a nossa passagem enquanto estagiárias pela Escola, e criar um impulso para futuras iniciativas do género. Das várias alterações que a Escola sofreu nos últimos dois anos, a sua transformação em Agrupamento foi de certa forma aquela que gerou uma maior necessidade de restabelecimento das relações na Comunidade. Tal transformação mostrou ser fundamental estabelecer sinergias entre as diferentes escolas que constituíam o Agrupamento, para assim dar a conhecer as suas potencialidades e promover atividades com relevância educativa para os alunos. Atendendo às necessidades vigentes na Comunidade nasceu o I Sarau do Agrupamento de Escolas de Águas Santas (AESCAS). Este foi um evento que exigiu um enorme trabalho e dedicação por parte do Núcleo de Estágio e do Professor Cooperante para que pudesse alcançar o sucesso pretendido. Sendo a primeira vez que estava envolvida na organização de um evento desta dimensão, tornou-se um momento extremamente desafiante que me fez contactar com diferentes necessidades e contrariedades sobre as quais foi essencial refletir constantemente. Das várias situações adversas com que me deparei, aquela que se tornou mais complicada foi encontrar colaboradores dispostos a contribuir para realização do evento, visto que prevíamos um número de cerca de quatrocentos participantes no mesmo. Além de esta se ter apresentado como a tarefa mais difícil foi também a que causou maiores constrangimentos para o Núcleo, devido ao sentimento de incredulidade que emerge na sociedade atual. Toda a organização deste evento foi pensada ao pormenor, desde os seus participantes, aos convidados, os recursos materiais, os pedidos atempados de autorização para a utilização das instalações e materiais, a contratação de técnicos especializados para as questões de luz e som, a decoração do espaço e ainda as ofertas para os participantes e

respetivos responsáveis. Foi na reflexão sobre todas estas questões que me senti a interagir verdadeiramente com a Comunidade e a contribuir para o seu maior dinamismo, tendo-se estabelecido um vínculo com o Grupo de EF crucial para o êxito deste evento. Contudo, foi no momento da sua realização que surgiu o sentimento de pertença à Comunidade e do seu reconhecimento. No instante em que vislumbrei a bancada do pavilhão gimnodesportivo repleta de gente, o cansaço acumulado ao longo daquelas semanas parecia ter desaparecido, sendo extremamente gratificante observar o ambiente de alegria e festividade que estávamos a proporcionar à Comunidade. Cada atuação, desde do 1º ciclo ao secundário, refletiu a criatividade e empenho dos alunos e docentes responsáveis pelas mesmas, sendo notória a sua satisfação, e a nossa também, perante as reações do público.

Com um enorme orgulho posso dizer que o I Sarau AESCAS foi um grande sucesso, causando um forte impacto na comunidade, onde foram estabelecidas várias relações positivas. Considero que este foi um momento de grande aprendizagem para mim, e um evento que ficará na história da comunidade, o qual, eventualmente, poderá ser o ponto de partida para que os docentes atribuam maior relevância a este tipo de iniciativas, e as fomentem com maior frequência, no sentido de promover a integração de toda a Comunidade.

4.2.4 “As interações sociais e relacionais dos diversos “atores” escolares, bem como o grau de satisfação face à gestão e ao clima que se vive atualmente na escola de ES/2,3 de Águas Santas, após as recentes alterações físicas e organizativas que ocorreram na mesma”.

Estudo de investigação-ação

De acordo Dewey (1968, cit. por Alarcão, p.113), o verdadeiro projeto de investigação necessita de uma liberdade por parte do professor para a sua concretização, encarando essa liberdade como “saber observar, saber pensar sobre as coisas, julgar os dados e tirar conclusões”. De acordo com o autor,

“pensar sobre o projeto a desenvolver implica um procedimento lógico próprio que deve acompanhar todo o processo, de uma forma razoável e reflexiva. Deste modo será possível chegar-se a conclusões através da observação, das sugestões que vão surgindo e que apontam pistas, das hipóteses que se levantam, dos possíveis caminhos a percorrer, dos avanços e recuos que vão ocorrendo, não esquecendo o objetivo do estudo”. Foi da liberdade e do interesse em observar a Comunidade Escolar, que surgiu a identificação e colocação de questões no âmbito das Relações com a mesma, Área 3 das áreas de desempenho, nas quais pretendia refletir. Assim, as recentes alterações que ocorreram na Escola, fruto do movimento iniciado pelo Engenheiro José Sócrates, ex-primeiro ministro, na remodelação das escolas secundárias nacionais, foram o ponto de partida para que me interessasse por este tema e quisesse interpretar os seus efeitos no clima de ensino-aprendizagem da Escola.

Enquadramento do Estudo

De acordo com Brunet (1995,p.125) "para podermos determinar as causas do comportamento de um indivíduo em situação de trabalho, precisamos tomar em linha de conta as suas características pessoais, mas também o seu ambiente ou clima de trabalho". Ora, na escola há que se considerar o clima e a cultura como responsáveis pela sua identidade, sendo estes os fatores que permitirão distingui-la de todas as outras, e os quais ditarão os comportamentos que nela ocorrerão. O desejo de permanecer em determinado espaço resulta em grande parte do quão seduzidos se sentem os indivíduos pelo mesmo. Postic (2007,p.248) refere que “a sedução é tanto mais impercetível quanto ela nem sempre é encanto aparente”. Com isto pretendo dizer que, existirá maior atração quanto mais autêntico for o processo de sedução, tendo este reflexos evidentes no sucesso da relação educativa.

Foi partindo de uma observação atenta e objetiva das circunstâncias oferecidas pelo meio ambiente da Escola Secundária/2,3 de Águas Santas bem como da minha integração na comunidade, que surgiu a pertinência de refletir sobre a sua relação. O facto de ser ex-aluna da Escola permitiu-me ter um

maior conhecimento sobre Comunidade, em circunstâncias parcialmente idênticas, sendo essas recordações anteriores que me levaram a envolver neste momento de pesquisa. Confrontando as minhas memórias com a atualidade detetei grandes alterações físicas e organizativas na Escola bem como nas relações estabelecidas pela Comunidade Escolar. Visto que estas alterações se estendem à maioria das escolas do País, considere importante perceber o seu efeito nas diferentes situações educativas e concretamente na Escola em que me inseria.

Breve caracterização da Escola

Fundada em 1973/74 pela mão de dois professores, funcionou neste primeiro ano numa antiga escola primária em Pedrouços. Uma escola que apresentava um reduzido número de alunos e que utilizava apenas duas das diversas salas de que dispunha, sendo que uma delas se destinava aos serviços administrativos da secretaria. Esta pertencia à escola da Maia, sendo um dos professores fundadores o encarregado da direção da mesma. Apesar do número inicial de alunos ter sido reduzido, esta terminou o ano letivo com cerca de oitenta alunos passando no ano seguinte, a ter instalações naquela que é hoje a Escola EB 2/3 de Pedrouços.

A queda da ditadura e a implementação de um sistema democrático gerou alterações na Educação surgindo a ideia da escola democrática que assentava em valores como os de igualdade de oportunidades de acesso para todos, liberdade e justiça social. Desde 1975 até 1983 a escola localizou-se na freguesia de Pedrouços e contam professores desta época, que dada a maior liberdade conferida aos professores, nesta instituição existia a possibilidade de algumas aulas serem lecionadas ao ar livre, visto a Escola estar rodeada de espaços verdes, sendo algo que cativava todos os alunos, mesmo aqueles que não pertenciam à turma. Uma escola mais pequena e com menor população tornava a escola mais familiar relativamente à escola atual.

A Escola Secundária de Águas Santas apenas passou a ter instalações próprias em 1986/87 na Rua Nova do Corim, em Águas Santas, onde cresceu

ao nível de infraestruturas e número de alunos, atingindo cerca de 1236 alunos, 150 professores e 45 funcionários administrativos e auxiliares. Foi Escola Cultural entre 1986 e 1991 e desenvolveu inúmeros Clubes de Atividades com os alunos: Comunicação, Jogos Florais, Etnografia, Danças, Rádio, Expressão Corporal, Fotografia, Jardinagem, Informática e o Clube do Jornalismo que inaugurou o Jornal “Crescer”. A escola chegou a ter quarenta clubes com grande adesão dos alunos e professores conferindo estas atividades grande dinamismo à escola, dada participação e colaboração de toda a Comunidade Escolar. Nestes clubes aprendiam tanto professores como alunos e funcionários, não existindo um regime de faltas e avaliativo, podendo a realização e colaboração nos projetos ser contínua. Dada toda esta envolvimento e as horas de trabalho e entrega dos alunos e professores nos projetos, a escola amanhecia muitas vezes em festa. Pertenceu ao Projeto “Viva a Escola” que, mais tarde, deu lugar ao Projeto “Escolas Promotoras de Saúde”, contando com diferentes sub-projetos. Desenvolveu múltiplas atividades no âmbito do Desporto Escolar: andebol, basquete, futebol, ginástica acrobática e danças sociais. Desde 1991 que a escola se tornou Escola-Sede do Centro de Formação de Professores da Maia, integrado no Programa PRODEP para a Educação e em 1998 foi galardoada com a Bandeira Verde, atribuída pelo Programa Europeu das Eco-Escolas pelas atividades desenvolvidas no âmbito da Educação Ambiental. Uma escola de afetos e de festas, festas essas que aconteciam no polivalente da escola em diferentes épocas do ano e que contavam com apresentações de trabalhos de alguns dos clubes, nomeadamente os de expressão artística e corporal. Uma entrega que acontecia por gosto e entusiasmo e não por obrigação.

Atualmente a Escola transformou-se em Agrupamento de Escolas de Águas Santas (AEAS) sendo este um agrupamento vertical constituído por: Jardim de Infância de Moutidos, Escola EB1 do Corim, Escola EB1 da Granja, Escola EB1 de Moutidos, Escola EB1 da Pícu e a Escola Secundária/2,3 de Águas Santas, onde fica a Sede da Unidade Orgânica do Agrupamento. Assim, o Agrupamento de Escolas de Águas Santas, segundo o Diretor da Escola, conta hoje com cerca de três mil alunos e trezentos professores. Foi recentemente

verificado um aumento significativo do número de alunos concretamente na Escola Secundária/2,3 de Águas Santas dada a inclusão do 2ºciclo de ensino, havendo atualmente cerca de mil e novecentos alunos inscritos, não se tendo verificado porém, um aumento do número de funcionários, nomeadamente a nível das instalações desportivas. Uma escola que esteve em remodelação durante os últimos dois anos, não dispôs no início deste ano letivo de um espaço exterior para as aulas de EF e a prática de atividade física dos alunos durante o recreio, o que conferiu algumas dificuldades principalmente aos professores desta disciplina. Contudo, a escola apresenta hoje ótimas condições de trabalho, dispondo os professores e os alunos de um maior número de recursos para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. É de salientar a sã convivência entre esta organização escolar e a CMM, a qual se verifica já há alguns anos, na partilha do Pavilhão Municipal Gimnodesportivo de que a Escola usufrui para as aulas de EF e atividades do Desporto Escolar. Para a lecionação da disciplina de educação física, os professores dispõem atualmente de um ginásio com duas salas, as quais são destinadas às aulas de ginástica, o que considero uma mudança de importância acrescida relativamente à escola antiga.

Segundo o PEE (2007/08), e dada a tradição desportiva que esta zona possui, também a escola se preocupa em oferecer um alargado leque de atividades de enriquecimento e complemento curricular, tal como se tem verificado ao longo dos anos. Assim, a escola conta atualmente com o “Projeto de Dança/Ginástica” sendo um projeto que tenta criar um espaço para o desenvolvimento da Ginástica e Dança estando em conformidade com as técnicas de ginástica Rítmica, Artística, Acrobática e Aeróbica, e técnicas de dança; o Desporto Escolar que apresenta várias modalidades desportivas, (andebol, basquete, futebol, ginástica acrobática, danças sociais) inclusivamente para os alunos portadores de mobilidade condicionada para os quais a escola se mostra sensibilizada. Existem também outros projetos no âmbito da leitura, da ciência, existindo ainda um Jornal da Escola que incentiva a criatividade e expressão escrita dos alunos. É ainda centro de novas especialidades há cerca de três anos, trabalhando com aproximadamente três

mil adultos de todo o concelho da Maia e por vezes até de outros concelhos vizinhos.

Relativamente às características da comunidade escolar e relação dos diferentes agentes educativos, a escola desde os meus tempos de aluna que sempre se mostrou bastante afetiva e calorosa, baseando a sua intervenção numa relação hominizante, cooperativa e comunitária, “ensinando-se reciprocamente a estar, a viver e a trabalhar em conjunto e a fazer da sociedade uma comunidade autêntica, e não um simples agregado de indivíduos”. (Fernandes, 1990,p.131).

Objetivo do Estudo

Tendo em conta as alterações ocorridas na Escola e as constatações evidenciadas ao longo do EP, o objetivo geral deste estudo traduziu-se numa recolha de informações sobre as interações sociais e relacionais dos diversos “atores” escolares, bem como o grau de satisfação face à gestão e ao clima que se vive atualmente na Escola Secundária/2,3 de Águas Santas, após as recentes alterações físicas e organizativas que ocorreram na mesma. Com o mesmo pretendo obter dados sobre:

- a) A forma como os alunos se organizam atualmente nas novas instalações;
- b) As relações que se estabelecem entre os diferentes ciclos de ensino;
- c) A utilização e partilha das instalações desportivas por parte dos diferentes ciclos de ensino;
- d) O grau de satisfação da comunidade face às alterações.

Participantes

Na tentativa de obter uma perspetiva geral e rigorosa dos efeitos que as alterações físicas e organizativas suscitaram na Comunidade Escolar e sua relação, considerei fundamental recrutar elementos com diferentes funções e papéis na escola. Assim, a seleção dos participantes não foi casual tendo

obedecido a um critério: todos os participantes deveriam possuir vivências na Escola antes e após as suas remodelações visto ser necessário que estes fossem capazes de estabelecer uma comparação entre os dois contextos. Assim, o estudo contou com a participação de quatro elementos: o Diretor da Escola, o qual é professor na mesma há quase trinta anos tendo desempenhado em grande parte da sua carreira funções de gestão e organização da escola no âmbito da sua direção; de um Professor de EF e Coordenador do Grupo de EF, o qual é docente na escola há mais de dez anos; uma Auxiliar de Ação Educativa, a qual exerce esta função na Escola também há mais de dez anos tendo, em grande parte do seu tempo de serviço, sido responsável pelas instalações desportivas, e ainda uma aluna de 11º ano do Curso de Línguas e Humanidades que iniciou o seu percurso na instituição no 7º ano de escolaridade.

Metodologia

No presente estudo o tipo de metodologia utilizada refere-se ao método qualitativo, cuja finalidade será uma caracterização das variáveis envolvidas neste fenómeno. Assim centrou-se no pensamento e representações que os participantes fazem das suas vivências no contexto em que se inserem. Para o efeito foi utilizado o tipo de entrevista semiestruturada a qual de acordo com Triviños (1987, p. 152) “ (...) favorece não só a descrição dos fenómenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade (...) além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações”. Ruivo (1990,p.95) diz que “é este processo que melhor possibilita a cada indivíduo exprimir as suas experiências e opiniões, satisfazendo simultaneamente, os quadros de referência fixados pelo entrevistador”. Desta forma, este tipo de entrevista semiestruturada focalizou-se sobre a Comunidade escolar, sendo elaborado um guião de perguntas (Anexo 2) que, posteriormente, foi complementado por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas no decorrer da entrevista, não estando as respostas condicionadas a uma padronização de alternativas A

flexibilidade deste tipo de entrevistas permitirá desta forma uma maior liberdade e espontaneidade quer nas respostas do entrevistado como nas questões do entrevistador, na medida em que estas poderão fluir no decorrer da conversa. Para complementar as entrevistas também foram utilizados métodos audiovisuais (vídeos e imagens

Processo de recolha de dados

Depois de elaborado o guião da entrevista (Anexo 2), foi efetuada uma marcação da mesma com os diferentes participantes, pela comunicação direta e pessoal. As entrevistas foram posteriormente aplicadas e realizadas por mim, ocorrendo estas na Escola ES/2,3 de Águas Santas. Existiu a preocupação em criar um clima de conversa informal tentando criar um ambiente mais descontraído com os entrevistados. Para a recolha das informações procedi à gravação individual das diferentes entrevistas com o devido conhecimento e consentimento dos entrevistados, sendo estes previamente elucidados relativamente aos objetivos e finalidades do estudo e à confidencialidade das suas respostas. Assim, foi explicado aos mesmos que da investigação resultaria um documento escrito sendo preservado o seu anonimato. Após a gravação das entrevistas procedi à sua transcrição integral, mantendo a fidelidade ao discurso dos entrevistados. Para além das entrevistas, foram ainda recolhidas fotografias junto da Direção da Escola relativas à escola antiga e à escola atual bem como um vídeo que teve como principal objetivo a recolha de informações relativamente à evolução da Escola para permitir a sua caracterização.

Apresentação e discussão dos Resultados

Nesta etapa, irei realizar a interpretação e discussão dos dados resultantes da análise refletida das entrevistas, focando-me em algumas categorias específicas evidenciadas no quadro 1.

Quadro 1 - Resultados da análise das entrevistas

Categorias	Subcategorias
Espaço	Antigo: - Polivalente - Bufete - Espaço exterior Novo: - Cantina - Campo de jogos - Bufete - Reorganização dos alunos no espaço - Multiplicidade de funções dos espaços
Condições	Físicas e Materiais: - Alunos - Professores - Instalações desportivas
Organização	- Inclusão do 2º ciclo - Novas funções atribuídas aos responsáveis pelas instalações desportivas
Clima	- Alterações nos espaços (polivalente, sala de professores) - Reorganização dos alunos e professores

Espaço

Relativamente à primeira categoria identificada, a qual incidiu sobre as alterações ocorridas na arquitetura da escola, foi evidente a concordância das opiniões. Tanto o professor de EF como a Auxiliar de Ação Educativa e a aluna partilhavam da mesma opinião relativamente ao desaparecimento do polivalente na estrutura atual da escola. O polivalente, tido pelo Professor de EF (PEF) como o local *“onde praticamente se centrava toda a atividade da escola, atividades extra curriculares, onde conviviam alunos, professores, funcionários (...)”* não existe mais, considerando o professor que o calor humano que se vivia nesse espaço tem hoje tendência a desaparecer. A Auxiliar de Ação Educativa considera que o espaço atual para a convivência dos alunos *“é pequeno e inapropriado para esta dimensão escolar”*. Esta entende que faz falta um polivalente referindo que: *“o antigo além de polivalente tinha aquelas mesas para eles jogarem ping-pong, tinha aqueles “joguitos” das damas, do xadrez (...) tinha umas mesinhas onde eles estavam sentados a conversarem, muitas vezes só isso, e agora não! Agora não têm nada com que se distrair, estão mais dispersos e acho que realmente faz falta”*. A aluna reforça ainda as opiniões anteriores dizendo que sente falta do polivalente *“porque em termos de espaço era muito maior, tínhamos o bufete noutra estabelecimento, estava tudo, eu acho, que mais organizado”*. Relembrou ainda com saudade os tempos das festas no polivalente da Escola referindo que *“o auditório por exemplo é metade do polivalente antigo e não tem palco, (...) faz falta o polivalente porque parecia mesmo uma sala de espetáculo, o palco e depois cá em baixo a assistência”*.

Contudo, o diretor da Escola partilha de uma opinião diferente relativamente às explicitadas anteriormente quando questionado relativamente ao desaparecimento do polivalente, a qual passo a citar: *“Claro, não vamos dizer que o polivalente não era um espaço onde se fizeram coisas lindíssimas, aliás nós temos provas documentais disso mas as mais importantes nem são as documentais são aquelas que nos ficam (...)”* mas nós agora também já temos seis ótimos auditórios pronto, temos aquele espaço que se chama praça

da alimentação que serve como refeitório mas depois de se acabar as refeições, (...) pode funcionar como uma sala de estar (...).

Dado o desaparecimento deste espaço, os entrevistados evidenciaram ainda que existe uma tentativa da sua substituição. O diretor considera que o refeitório será hoje o espaço de eleição dos alunos, afirmando ainda a aluna entrevistada que *“os alunos do secundário passam mais tempo no bufete, que é bufete, cantina e polivalente e os do 2º ciclo passam mais tempo no campo de futebol ou então na biblioteca, onde eles têm lá os computadores e estão nos jogos”* No entanto considera não existir grande interação entre o secundário e os outros ciclos.

O Diretor da Escola tendo uma visão um pouco distanciada dos restantes entrevistados referiu ainda relativamente às novas instalações que o facto de a escola atual ser toda em vidro, como mostra a imagem 1, permite que esta esteja constantemente em exposição ao contrário do que acontecia antigamente com a existência do polivalente, expressando essa ideia no comentário seguinte: *“(.) nós temos uma galeria de exposições aqui permanente, antes não tínhamos essa hipótese. Tínhamos o polivalente onde tínhamos lá uns “pracardezitos” assim mas é um local também onde os alunos se concentravam todos, portanto também não dava para uma coisa deste género tas a ver?”*



Figura 1 - Corredores da Escola Nova



Figura 3 - Polivalente da Escola Antiga



Figura 2 - Cantina da Escola Nova

Tendo em conta as opiniões dos diferentes entrevistados, o polivalente como o lugar colorido da escola, cujas dimensões e condições permitiam a reunião e divertimento de um grande número de alunos (imagem 2), poderá ser tido como um lugar insubstituível na Escola atual tendo o seu desaparecimento trazido um descontentamento evidente à comunidade escolar. A sua ausência na Escola exigiu uma reorganização dos alunos conferindo ainda uma multiplicidade de funções a um mesmo espaço. Se na antiga escola cada espaço possuía uma determinada função, existindo um bar, uma cantina e um polivalente, atualmente a cantina, para além de servir para os momentos de refeição (cantina e bufete) é também um espaço de convívio para os alunos (polivalente), tal como se verifica na imagem 3. Conjuntamente o espaço desportivo que outrora se apresentava essencialmente com uma função letiva surge como um espaço de eleição dos alunos de 2º ciclo nos momentos de recreio. Assim, as alterações estruturais que ocorreram na Escola geraram uma maior dispersão dos alunos e consequentemente diminuí o número de interações entre eles. Relativamente aos dados recolhidos verifica-se que os novos espaços trouxeram consequências para a atmosfera relacional que se vive atualmente na Escola, tendo o desaparecimento do polivalente, sido considerado pela maioria dos entrevistados, negativo para a convivência de toda a Comunidade. Contudo, o diretor da Escola apresentou-se bastante satisfeito relativamente às novas instalações, não atribuindo tanta importância ao desaparecimento desta estrutura.

Condições

Inerente às alterações que ocorreram nos espaços da Escola, surgiram as novas condições de trabalho que a escola pode oferecer atualmente à sua comunidade, sendo estas patenteadas na entrevista ao Diretor e à aluna.

Na perspectiva do Diretor, a Escola possui atualmente ótimas condições de trabalho quer para os alunos como para os professores. Referiu que a sala de trabalho que hoje existe para os professores era impensável há uns tempos atrás, salientando: “ (...) nós víamo-nos sempre atrapalhados para arranjar um espaço para os professores trabalharem. Agora temos uma sala de trabalho que é assim do outro mundo, (...)”. Quando questionado relativamente à influência das alterações físicas no clima de aprendizagem dos alunos o Diretor respondeu dizendo: “Vão, vão, vão ajudar. Para já as condições de trabalho para os professores são totalmente diferentes, não têm nada a ver! A escola está extremamente equipada de tudo que é moderno, topo de gama é um facto, as salas são muito mais confortáveis, temos sistema de ventilação, aquecimento central, quadros interativos, vídeo projetores, já temos computadores, secretárias, oh pá, coisas que eram impensáveis se calhar na tua altura e tu ainda és tão nova, tas a ver? Portanto isto tem, forçosamente que ter correspondência em termos de ensino-aprendizagem (...)” Apresentou ainda alguns exemplos relativamente às condições que a escola hoje oferece aos alunos para o seu processo de aprendizagem referindo que hoje na escola “(...)temos um parque desportivo de excelência que não tínhamos, nós quando começamos isto nem um gimnodesportivo tínhamos, só tínhamos um “campozito” ali ao ar livre para se fazer EF. Agora temos um polidesportivo ótimo, talvez dos melhores do país em termos de recinto desportivo a ser utilizado por escolas, temos duas boas salas de ginástica, (...) temos um recinto desportivo de área descoberta também excelente, temos ótimas condições, os alunos também partilham os espaços, partilham quando estão em aula mas também os partilham noutras situações, temos espaços não muito grandes mas numa área bastante apreciável de exterior onde os alunos também possam estar, cá dentro isto é tudo muito bonito, eu acho. Referiu também que “por exemplo a associação de estudantes, nunca teve uma sala,

agora já vai ter uma sala (...)". Quando perguntei à aluna se as novas condições que a escola possui lhe conferiam mais oportunidades de obter sucesso na escola, esta respondeu: *"Sim, por exemplo a biblioteca, o número de computadores aumentou, temos mais impressoras, penso que o número de livros, de variedade também aumentou, mais salas de espetáculos, temos um anfiteatro que antes não tínhamos, (...) mas em termos de serviços, principalmente na reprografia, é um espaço muito pequeno para a quantidade de alunos que precisa de ir ali"*.



Figura 5 - Biblioteca da Escola Antiga



Figura 4 - Biblioteca da Escola Nova

Na análise das duas entrevistas, a biblioteca é apontada pela aluna como um local que atualmente apresenta melhores condições de trabalho relativamente à escola antiga sendo mais procurada pelos alunos. As imagens 4 e 5 permitem constatar que a biblioteca da escola nova comparativamente à antiga apresenta maiores dimensões, um maior número de livros e computadores bem como uma maior organização na disposição dos mesmos, conferindo aos alunos melhores condições de trabalho; sendo esta uma visão que vai de encontro à perspetiva do Diretor também. De uma maneira geral a aluna mostrou-se satisfeita relativamente às novas condições que a escola lhe oferece, no entanto, mostrou-se preocupada com alguns serviços que não conseguem responder às necessidades dos alunos, nomeadamente a reprografia, considerando que deviam existir mais funcionários no atendimento dos alunos.

Relativamente à perspectiva do Diretor ficou patente um discurso otimista e contagiante relativamente às novas instalações, destacando tudo aquilo que a escola pode oferecer atualmente à comunidade. No seu ponto de vista a comunidade terá todas as condições para realizar um bom trabalho e conferir aos alunos a obtenção de bons resultados no seu processo de ensino-aprendizagem. Respetivamente às condições oferecidas aos professores, a criação de uma sala de trabalho para os docentes surge como uma novidade relativamente à escola antiga, tendo como objetivo melhorar as condições de trabalho dos mesmos. Ainda, e relativamente às salas de aula, foi evidenciado que os professores dispõem atualmente de um maior número de equipamentos tecnológicos nas mesmas, possuindo um maior número de recursos para que possam criar situações de aprendizagem mais criativas e envolventes para os seus alunos.

Ao longo do seu discurso foram ainda evidenciadas pelo Diretor as condições que existem para a lecionação da disciplina de EF, a qual, atualmente, poderá ocorrer em três



Figura 7 - Sala de ginástica



Figura 8 - Pavilhão Gimnodesportivo

espaços distintos: pavilhão, espaço exterior e salas de ginástica tal como expressam as imagens 6, 7 e 8 respetivamente. Comparativamente ao passado, a disciplina de EF dispõe hoje de melhores condições físicas e de



Figura 6 - Campo de jogos

infraestruturas para responder às necessidades dos seus alunos visto que para além do pavilhão gimnodesportivo, possuiu um campo de jogos em área

descoberta e ainda salas de ginástica, o que não existia anteriormente. Estes são espaços que apresentam ótimas condições de trabalho, tal como mostram as imagens 6,7 e 8, contudo, as salas de ginástica apresentam dimensões um pouco reduzidas dado o número de alunos que as turmas apresentam. Porém, estas novas instalações permitem às turmas explorar diferentes contextos, bem como desenvolver diferentes atividades e aptidões nos mesmos, o que se apresenta como um aspeto bastante positivo.

Organização

O facto de a Escola ter necessitado de realizar algumas alterações na sua organização suscitou alguma divergência nas opiniões dos entrevistados. No que diz respeito à inclusão do 2º ciclo na nova escola o PEF considera que esta inclusão implica uma nova organização na escola, a qual se traduz mais em termos de espaço e horários, visto que os currículos se mantêm. Considerando os dois últimos anos atípicos, visto que a escola estava funcionar e simultaneamente estava a decorrer a sua transformação, o docente considera que *“a partir do próximo ano letivo, aí sim, vamos entrar já com uma escola nova em que a escola naturalmente (...) vamos ver o que a direção da escola, eventualmente o próprio pedagógico, vai definir em relação aos espaços (...), será que é vantajoso os alunos do 2º ciclo só conviverem naturalmente só com 2º ciclo? Ou poderão conviver 2º e 3º ciclo? Ou poderão conviver 2º com secundário? Portanto isso é problemático, as ideias divergem, agora a escola é que vai ter que se organizar”*.

A Auxiliar de Ação Educativa e responsável pelas instalações desportivas refere que esta inclusão teve implicações nas funções que desempenha hoje dizendo que a inclusão do 2º ciclo mudou muito a sua maneira de trabalhar, *“por exemplo eu como estou nos balneários notei isso a nível dos pequenitos que muitos deles, uma maior parte, (...) não se sabe vestir, para apertar uns cordões também não sabem e se a manga de um casaco estiver do avesso já não a sabem pôr direita, portanto aí perdemos muito tempo com os próprios alunos não é? (...) e depois claro, não há aquele*

tempo que deveria haver para limpar as instalações como devem ser, todo o material dos professores e portanto, como há pouco pessoal também, daí a dificuldade que temos em gerir aqui o espaço gimnodesportivo”.

A aluna quando questionada relativamente à sua convivência com alunos bastantes mais novos que ela referiu que não existe muita interação entre os mais velhos e mais novos no entanto refere que *“por exemplo, na biblioteca, muitas vezes uma pessoa quer lá estar a estudar, (...) e os pequeninos estão no computador e gera ali um bocado de confusão (...) portanto acho que o espaço devia estar mais bem dividido”.*

O Diretor referiu que sempre que há mudanças existem resistências às mesmas contudo, disse não ter sentido grandes dificuldades na integração do 2º ciclo, considerando que os professores de secundário talvez tenham sido os que se mostraram mais reticentes relativamente a esta integração. Porém referiu que relativamente à integração do 2º ciclo *“logo no primeiro ano começou a correr lindamente, porquê? porque os alunos do 12º ano e até do 11º apadrinharam os mais novos, portanto, (...) os mais novos andam aí na maior, nós não teríamos de nos preocupar mais com os mais velhos, porque os mais velhos, para eles o problema está resolvido, eles já eram os utentes da organização, (...). Os miúdos não andam aí tão bem, não são felizes? Não dá para ver que os “gajos” são felizes, há alguma dificuldade?”.*

Transportando esta integração do 2º ciclo para as aulas de EF e a necessidade de partilha destes espaços com alunos de secundário as opiniões já foram mais convergentes, tendo sido a perspetiva do Professor de EF, aquela que se distanciou um pouco mais dos restantes entrevistados, referindo que devemos evitar ao máximo reunir alunos com idades muito distintas *“ (...) ou seja, 2º e 3º ciclo será pacífico, (...) provavelmente um miúdo de 5ºano com um de 9ºano ou 10º ou secundário ou 12º, provavelmente já não será assim tão pacífico (...) portanto, agora temos é que evitar ao máximo o número desse tipo de convivência não é?”.*

A Auxiliar de Ação Educativa refere que *“ (...) como os mais velhos são maiores criticam os mais pequenos. Os pequenos ao princípio têm um bocadinho de vergonha deles e muitas vezes até iam tomar banho era*

vestidos, as vezes com cueca e soutien, iam assim tomar banho". Contudo, não vê problemas nesta partilha de chuveiros dizendo que "é saudável porque eles aprendem a desembaraçar-se melhor e a desinibir-se também, é saudável".

A aluna partilha da opinião anterior referindo que esta situação *"não interfere em nada. Os balneários são individuais, só mesmo na zona dos banhos é que pode interferir, mas mesmo assim nunca houve problemas".* Contudo, verificou que por parte das alunas mais novas existe uma maior inibição porém afirma também que esta é comum às diferentes faixas etárias porque *"por exemplo na minha turma, vai tudo de cueca!"*.

A perspectiva do Diretor da Escola vem também de encontro às duas anteriores não vendo grandes dificuldades nessa situação, apesar de considerar necessário tomar algumas precauções. Contudo, entende que isso será uma tarefa dos Professores de EF dizendo que *"isso é uma coisa que vocês professores de EF trabalham muito bem e têm essa obrigação, isso até vos compete mais a vocês, e os professores de EF também, como todos os outros professores são cinco estrelas portanto, quando confrontados com esses desafios, digamos assim, sabem bem lidar com eles (...)".*

Relativamente à nova organização da escola, parece ser, de uma maneira geral, ainda prematuro para os entrevistados possuírem uma opinião consistente sobre o assunto, tal como foi evidenciado pelo Professor de EF. Contudo, existem elementos da comunidade escolar que já sentiram algumas diferenças com esta inclusão do 2º ciclo, nomeadamente a Auxiliar de Ação Educativa, à qual hoje lhe são atribuídos novos papéis e funções. Os alunos de 2º ciclo apresentam uma maior dependência da mesma levando a que perca mais tempo nos balneários, prejudicando a realização das restantes tarefas de gestão e organização do espaço gimnodesportivo. Aparentemente esta integração dos mais novos parece ter sido bem aceite pelos mais velhos, apesar de alguns distúrbios que estes por vezes lhes suscitam nos momentos de estudo.

No que diz respeito às instalações desportivas e tendo focado já as novas funções que foram atribuídas aos auxiliares dessas instalações com a

inclusão do 2º ciclo, a partilha dos balneários e chuveiros pelas diferentes faixas etárias parece, à exceção do Professor de EF, não ser um problema para os entrevistados. Apesar de no pavilhão existirem balneários individuais, a zona de chuveiros é comum a todos. No entanto, esta é entendida pela maioria dos entrevistados como saudável, sendo a inibição, apontada pela aluna como comum às diferentes faixas etárias, visto que a maioria das alunas leva para o banho pelo menos uma peça de roupa vestida. Apesar de estas relações serem tidas como positivas para o crescimento dos alunos pela maioria dos entrevistados, o Professor de EF não partilha da mesma opinião, considerando que devem ser evitadas ao máximo. Porém, e para evitar o aparecimento de qualquer tipo de problemas desta natureza, é dada maior relevância ao papel do Professor de EF, o qual perante estas alterações, deverá, mais do que nunca, estar atento a estas questões no sentido de promover relações saudáveis entre os alunos independentemente do espaço que partilhem. As novas instalações desportivas, salas de ginástica, facilitam de alguma forma a intervenção dos professores visto que possuem balneários individuais em que o duche é apenas partilhado pelos pares.

Das diferentes entrevistas, e apesar de alguma preocupação patente no professor de EF relativamente às diferentes faixas etárias que coabitam atualmente na escola, a escola nova e sua comunidade parece estar a reagir positivamente às alterações organizativas, apresentando-se esta numa fase de adaptação às mesmas.

Clima

Nesta categoria serão apresentados alguns pontos comuns com as categorias anteriores, na medida em que o espaço, as condições e a organização que a escola possuiu atualmente têm repercussões na vivacidade da comunidade.

No momento do questionamento dos entrevistados relativamente ao Clima que se vive atualmente na Escola após as alterações físicas e organizativas, as opiniões foram bastante consensuais, à exceção do Diretor

da Escola. As perspectivas tanto do Professor de EF como da Auxiliar de Ação Educativa são bastante similares passando a citá-las:

Professor de EF: *“Eu posso dizer que nós praticamente conhecíamos-nos todos, até porque a antiga escola tinha uma vantagem, que todos circulavam mais ou menos no mesmo espaço, obrigatoriamente as pessoas tinham que se cruzar umas com as outras e agora não, praticamente uma pessoa entra na escola e há parte da escola que ou não conhece nem vai lá, e portanto as pessoas também não se chegam a cruzar (...) muitas vezes não sabemos se são pais se são professores, portanto vai acontecer e aconteceu já nestes dois anos de existência da nova escola”.*

Auxiliar de Ação Educativa: *“Ora bem, como a escola antiga era mais pequena, tanto nós funcionários como os professores, e até os alunos, conhecíamos-nos minimamente todos, éramos como se fosse uma família, agora é impossível! Praticamente uma grande maior parte dos professores, eu não os conheço, porque não nos encontramos, a distância é tão grande entre os pavilhões, os setores de trabalho, que não dá para nós nos encontrarmos; só o haver dois bufetes por exemplo, acho que logo isso priva aquele convívio entre nós e os professores e antes não, antes a gente falava-se, havia uma relação até pessoal de amizade entre nós todos, não havia aquela diferença entre professores e auxiliares e mesmo os alunos também. Agora não, agora praticamente é impossível conhecermo-nos nesta comunidade escolar que está toda muito diversificada (...), perdeu-se e muito e muito”.*

Quando perguntei à aluna se o ambiente da Escola, dadas as características atuais, era melhor comparativamente ao passado, ela rapidamente me respondeu: *“Muito sinceramente, não, eu lembro-me de ter andado lá no 7º, 8º e 9º e o ambiente era melhor, eu pelo menos acho, também se calhar por esta mistura, porque são muitos anos, é muita gente e são pessoas diferentes não é?”*

Contudo o diretor, distanciando-se dos restantes entrevistados, entende que a Escola *“ (...) Relativamente ao passado está diferente, não está melhor não está pior, há coisas que nós mantivemos e foi efetivamente o aspeto*

relacional, as pessoas relacionam-se muito bem e achamos que é grande nossa preocupação, porque achamos que em qualquer organização o principal é isso, as pessoas têm que se sentir bem na organização, têm que se dar com os pares, têm que se dar com os pares a todos os níveis e se as pessoas tiverem essa vontade de vir para a escola isso é meio caminho andado para termos sucesso (...), portanto se as pessoas estiverem bem, quem beneficia com isso tudo claro que são os nossos utentes que são os nossos alunos, e o sucesso está garantido!

Apesar desta perspetiva do Diretor o professor de EF quando questionado relativamente à possibilidade da comunidade recuperar o calor humano que este mencionou existir na escola antiga, prontamente respondeu: *“Acho muito impossível, é totalmente, eu pelo menos acho que é totalmente impossível”, acrescentando, “acredito que os grupos vão-se reorganizar novamente e provavelmente esse calor humano vai existir ao nível do departamento, provavelmente ao nível do grupo, mas depois estender isso a toda a escola é capaz de ser um bocado complicado”.*

As perspetivas anteriores mostram que de uma maneira geral o clima relacional na escola “arrefeceu”. O número de interações sociais entre os diferentes membros da comunidade diminuiu, levando a que o clima relacional que se vive atualmente na Escola seja pior comparativamente ao passado. As razões que os entrevistados apontam para esta diminuição de “calor humano” prendem-se essencialmente com, o aumento do número de alunos e das suas faixas etárias bem como com o aumento do número de professores, e ainda das dimensões da Escola, tal como se pode constatar na imagem 10. Assim, existiu uma transformação de uma escola familiar para uma escola impessoal, o que causou alguma insatisfação principalmente aos professores e funcionários da escola. O facto de escola não possuir hoje um espaço em que todos tenham que se cruzar obrigatoriamente, como era o caso do polivalente, gerou a uma maior dispersão da comunidade, e se antes todos se conheciam, atualmente existe um maior distanciamento entre as pessoas. As imagens 9 e 10 refletem em certa medida a evolução que a escola sofreu e algumas das

suas transformações, nomeadamente a nível das dimensões que possui atualmente. O arrefecimento da escola esta também patente nas cores que hoje a caracterizam. O cinzento é a cor predominante no exterior da escola atual, o que de forma impercetível parece transportar-se também para o seu interior, dada a forma como as relações evoluíram neste ambiente. Se a escola antiga transpirava pela sua policromia vivacidade e alegria, a escola atual terá de ser colorida com pincéis que ainda é preciso descobrir.



Figura 9 - Escola Antiga



Figura 10 - Escola Nova

Limitações

Relativamente às limitações com que deparei na realização do estudo saliento o facto de este estudo ter utilizado apenas o método qualitativo o que lhe conferiu alguma subjetividade, característica deste tipo de estudos qualitativos, na interpretação das entrevistas. Saliento também a escassez de tempo para a realização das entrevistas, limitando o número de entrevistados, as opiniões ainda pouco fundamentadas devido às alterações na Escola serem ainda recentes e a existência de poucos estudos sobre este tema, dificultando a recolha de informações sobre o mesmo.

Conclusões gerais

A preocupação fundamental deste estudo foi procurar conhecer as relações sociais e afetivas que se estabelecem atualmente na Comunidade da Escola Secundária/2, 3 de Águas Santas após as transformações que esta sofreu. Da análise das entrevistas realizadas bem como da observação das imagens recolhidas, concluí que a história de uma organização não é um simples olhar deitado sobre o passado, podendo ser uma das ferramentas poderosas na compreensão do presente. Não se pode compreender a evolução da “educação-instituição”, e dos seus problemas de funcionamento sem ter em conta os fenómenos demográficos. Estes determinarão a relação entre o número de alunos e o número de professores, não se podendo analisar as relações humanas no interior de uma instituição sem ter em consideração os aspetos quantitativos desta situação.

Concluí também que a arquitetura escolar tem consequências sobre as condições de desenvolvimento da Comunidade, bem como no tipo de relações humanas que esta desenvolverá. As características do estabelecimento de ensino poderão inspirar a criação de uma vida coletiva, uma vida de encontros, de discussões, de cooperação, ou isolarão cada grupo tornando-os independentes uns dos outros. Assim, as condições físicas de uma Escola surgem no micromeio com todas as suas vantagens e inconvenientes tendo influência na atmosfera psicológica da Comunidade. Relativamente ao clima relacional de uma instituição concluí ainda que este será influenciado pela sua cultura organizacional.

Verifiquei que o Diretor da Escola se distanciou frequentemente dos restantes entrevistados nas opiniões que apresentou. Dado o seu papel na escola e sua menor relação com os alunos e professores nos diferentes espaços, este apresentou uma visão mais otimista. Tal facto permitiu-me ainda concluir que o conhecimento das relações que se estabelecem numa Comunidade, será tanto mais realista quanto maior o envolvimento com a mesma.

Conclusões finais

Gostaria de destacar que os resultados desta investigação não podem ser entendidos numa perspetiva descontextualizada e geral, dado que a sua natureza e o seu significado estão inteiramente ligados às relações afetivas dos sujeitos e à forma como estes as percebem no contexto em que se inserem. Assim, esta é uma perspetiva mutável, sujeita a frequentes transformações fruto da contingência das relações humanas. Contudo, considero que este estudo contribuiu para tomar conhecimento dos diferentes tipos de relações que podem ocorrer numa Comunidade Educativa bem como dos fatores que as podem influenciar. A sua elaboração permitiu-me ainda estar mais próxima dos diferentes membros da Comunidade e entender a forma como se organizam e se relacionam, sendo informações que me ajudaram no meu processo de integração na mesma. Mais ainda informou-me da importância do clima relacional e da necessidade de um investimento nas relações afetivas para a integração e satisfação de toda a Comunidade Educativa. Visto que constatei alguma hesitação por parte dos entrevistados na resposta a algumas questões, devido à fase de adaptação que estão a viver na Escola, considero que, futuramente, seria interessante aprofundar este estudo para assim se poderem confrontar as expectativas atuais dos entrevistados com a realidade alcançada.

4.3 DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

4.3.1 Do projeto (PFI) à sua concretização (Relatório de Estágio)

No momento em que tive de projetar o meu EP na elaboração de um documento, o PFI, senti que estava a traçar planos para algo desconhecido. Assim, encarei-o como um documento que me serviria de guia para o EP, no qual tracei alguns objetivos para este ano de descoberta. Contudo, não o considerei como um documento estanque, sendo apenas um reflexo da condição em que me encontrava bem como das aspirações e intenções relativamente ao meu desempenho no EP. Hoje ao relê-lo entendo a relevância e pertinência da sua elaboração tendo-se apresentado como uma base para a concretização e exposição de um caminho percorrido, o relatório de estágio. Desta forma a elaboração do relatório de estágio surge atualmente como uma constatação da concretização do esboçado no PFI. Sinto que aquilo que imaginei se tornou em grande parte realidade, finalizando atualmente o desenho do esboço que antes havia traçado com alguns retoques que me pareceram pertinentes.

4.3.2 Da passagem de Aluna a Professora

Durante o EP esta foi sempre a minha “luta”, abstrair-me da condição de aluna para que os meus alunos me encarassem como uma autêntica professora. Apesar de possuir uma imagem sobre daquilo que deveria ser e realizar, não tinha ainda desempenhado o papel de docente nas condições reais do processo educativo, o que me causava alguma insegurança e ansiedade própria de uma aluna. Esta insegurança inicial causava uma maior dependência do Professor Cooperante para reagir à entrada no mundo dos professores. Necessitava de “aprender a ensinar”, de adquirir os valores, atitudes, destrezas e conhecimentos, comuns ao grupo a que pretendia pertencer, sendo algo que levaria o seu tempo. De acordo com Cunha (2008,p.117) a aprendizagem da profissão docente e o desenvolvimento do

professor, são uma problemática complexa que se estenderá durante toda a vida profissional. Assim, foi no sentido transmitido pela prática às minhas ações que surgiu progressivamente a transição desejada. Foi na relação dialética entre as exigências que a turma me propôs e a autonomia que o Professor Cooperante me concedeu que se apoiou grande parte do meu crescimento. Tomando consciência das funções e papéis do professor, fui ao longo do tempo tentando construir uma identidade atendendo às minhas características pessoais e às exigências desta profissão. Assim, e após as minhas vivências, considero que no âmbito do processo de ensino-aprendizagem, o professor deverá possuir quer qualidades ligadas à técnica pedagógica como qualidades humanas e relacionais. Considero que o clima relacional que se estabelece na aula com os alunos é fundamental para o seu processo de ensino-aprendizagem, devendo o professor “apresentar uma personalidade equilibrada na qual o aluno confie, uma referência humana com a qual este se possa identificar” Postic (2007,p.128). Desta forma, e de acordo com o tipo de relação estabelecida, o professor poderá mais facilmente conhecer as reações dos seus alunos e identificar o tipo de intervenção mais ajustada aos mesmos. Senti que à medida que desfrutava das relações com os meus alunos e da autonomia que me foi concedida pelo Professor Cooperante, era invadida por uma maior confiança nas minhas intervenções, tornando-me cada vez mais independente e ousada. Contudo, considero que as sugestões e “alertas” do Professor Cooperante e da Orientadora de EP foram cruciais para que conseguisse traçar um caminho que me levasse a transpor a ponte que me conduziria à minha emancipação. Foi refletindo sobre essas indicações que procurei travar a “luta” que havia iniciado, o que levou a que os alunos me aceitassem e reconhecessem na profissão que escolhi.

4.3.3 Aprender a refletir

A reflexão é sem dúvida uma das qualidades importantes do ser humano. De acordo com Alarcão (1996,p.175), a reflexão, “ baseia-se na vontade, no pensamento, em atitudes de questionamento e curiosidades, na

busca da verdade e da justiça”. Pensar nos atos que praticamos procurando descobrir o seu lado mais correto é um processo, que nos faz avançar no dia a dia para melhores desempenhos. Ao longo do EP uma das maiores necessidades que senti foi a de refletir sobre as minhas ações. Contudo, “o pensamento reflexivo é uma capacidade. Como tal, não desabrocha espontaneamente, mas pode desenvolver-se” (Alarcão, 1996,p.181). Aprender a refletir foi um dos processos em que me envolvi e que influenciou a compreensão de mim mesma, da minha ação e também dos meus alunos. Se inicialmente as minhas reflexões se apresentavam algo descritivas, com o decorrer do tempo, e desenvolvendo a minha capacidade reflexiva, estas foram-se tornando cada vez mais pertinentes. O desenvolvimento desta capacidade permitiu-me atingir um conhecimento mais profundo e flexível, que me possibilitou melhorar as estratégias de resolução dos problemas. De acordo com Cunha (2007,p.78) “cada professor deverá ter a capacidade de desenvolver o seu próprio quadro interpretativo sobre o ato educativo, o qual resulta de uma reflexão sistemática e fundamentada acerca do significado das experiências da prática (...)”. Neste entendimento a reflexão surge como um processo imprescindível para o sucesso da prática educativa, sendo neste diálogo do professor com a sua ação que este se tornará um profissional mais competente. Assim, foi na análise e avaliação constante do meu desempenho que aprendi a tirar partido das minhas potencialidades. Assumindo o papel de professora reflexiva, descobri as vantagens dessa aprendizagem para a melhoria do meu desempenho, sendo no momento em que comecei a refletir com maior espontaneidade sobre a prática, que estabeleci mais eficazmente metas e objetivos para as aulas. Contudo, e apesar de ter sentido uma evolução na minha capacidade de reflexão, considero que este é um processo extremamente complexo, e que implica um estado permanente de questionamento do professor que o ajudará a desenvolver o seu sentido autocrítico ao longo da sua vida profissional. Neste sentido, e para que o professor se torne num profissional competente e construa um percurso apreciável, é importante que aprenda a usar esta capacidade visto tratar-se de um dom muito valioso que a natureza proporcionou ao Ser Humano.

4.3.4 A observação e o recurso visual para o Meu desenvolvimento profissional

Por vezes torna-se necessário encontrar métodos que ajudem a extrair significados da experiência prática. Contudo, a autoavaliação é um processo que coloca a responsabilidade no sujeito da ação, em que este deve ser capaz de se auto criticar para poder tomar consciência das suas ações e melhorá-las. É preciso reconhecer que a diversidade de métodos e técnicas que existem atualmente correspondem a uma evolução da sociedade que se estenderá também ao processo de ensino-aprendizagem. Os progressos técnicos permitiram aos métodos técnicos audiovisuais expandirem-se, levando a que surgisse uma perspetiva construtivista do ensino. Durante o EP fiz-me acompanhar de um espírito de investigação no sentido da descoberta e envolvimento pessoal na minha prática. Assim, recorri em determinados momentos a métodos distintos que me auxiliaram a tomar consciência daquilo que deveria melhorar. A observação e análise da prestação dos alunos bem como das minhas colegas de estágio, através da adaptação de métodos de observação (Anexo 1), apresentou-se como uma estratégia interessante no meu processo de formação. As diferentes observações realizadas constituíram-se potenciais unidades de reflexão que se traduziram em ferramentas pedagógicas e permitiram um esclarecimento da interação entre a teoria e a prática contribuindo para a minha evolução. Para além destas observações, o facto de proceder também a análise da minha prestação através da gravação de vídeo de situações pontuais, implicou um maior comprometimento com a minha ação educativa. Desta forma, foi possível intervir sobre a minha prática, tornando-me mais responsável e ativa na mesma. Não pude deixar de sentir os efeitos positivos que esta prática teve em todo o meu processo de autoanálise no âmbito do meu desenvolvimento profissional como já tive ocasião de referir no capítulo referente à realização da Prática Profissional.

5. CONCLUSÕES E PERSPETIVAS PARA O FUTURO

Agora que acabei de cortar a meta da prova de resistência que previ no início do EP sinto-me envolvida por uma brisa de satisfação por considerar que essa prova foi superada, embora tenha consciência de que nada estará terminado. Nas várias etapas que percorri como é apanágio dos atletas em competição, tive momentos em que fui obrigada a rever as minhas estratégias de acordo com os imprevistos que iam surgindo. Hoje posso perceber que cada um desses obstáculos representou para mim estímulos que me conduziram à superação. A prática por vezes camuflada de algum empirismo esquece a importância que a teoria tem para uma caminhada mais segura. Foi no contexto real que pude apreciar a importância do conhecimento para a compreensão da verdadeira realidade. Foi na prática, que tive oportunidade de testar esses conhecimentos, de perceber a sua essência e de os melhorar. É sempre muito difícil dada a grande diversidade de estímulos a extrair com fidelidade o conteúdo de todas as vivências, restando sempre a sensação de que algo fica por dizer. Não posso no entanto deixar de referir que foram imensos os ganhos que agora constato na elaboração deste documento. O elevado número de aprendizagens efetuadas, de competências desenvolvidas, relações estabelecidas, vivências e convivências, conceitos de equipa, atitudes de partilha e entre-ajuda, constituíram um manancial que me faz desfrutar deste sentimento de conquista.

“Difícil é precisar quando e como o mestre se torna mestre. A passagem a essa qualidade designa sem dúvida, uma promoção, mas essa promoção não se identifica com este ou aquele rito de passagem, pelo qual um indivíduo se eleva numa hierarquia social” (Gusdorf, 1963, p.131). A competência não está ao alcance de todos e não tem o mesmo preço para toda a gente. A natureza serve-nos com determinados talentos que devem ser orientados para que se alcance o efeito da sua potencialidade. A orientação pedagógica constituiu sem dúvida um suporte de inegável valia para uma maior segurança nesta minha caminhada. É certo que não esperava num primeiro contacto com a realidade atingir uma perfeição na mestria ambicionada. Porém, fazendo um balanço relativamente às minhas expectativas iniciais, considero que os objetivos traçados não foram descabidos. Grande parte daquilo que eu

ambicionava acabou por ser concretizado, sendo ainda brindada com algumas surpresas que muito me ensinaram. A relação com a Comunidade e concretamente com os alunos, foi um dos momentos que mais suscitou o meu crescimento quer a nível pessoal como profissional, sendo invadida por um sentido de responsabilidade que constantemente foi posto à prova em situações que não me eram familiares. Perceber o que é pertencer a uma Comunidade com características próprias e determinado estatuto cultural permitiu-me procurar uma identidade. Esta ligação pôde revelar-me alguns dos aspetos que a sociedade reflete no seu dia a dia e de que forma eu poderei intervir nela. As diferenças que encontrei na Escola relativamente aos tempos em que fui aluna mostraram-me que algumas coisas mudaram, e que a EF tem hoje um papel mais importante numa sociedade mais sedentarizada. E apesar de entender que ainda há muito por descobrir, sinto que hoje estou mais preparada para entrar no mundo da docência. Tenho no entanto, consciência de que há ainda um longo caminho a percorrer, partilhando da perspetiva de Cunha (2008, p. 132) de que “o processo de formação de professores tem que ser visto como um processo contínuo e coordenado para que o professor possa responder às permanentes mudanças da sociedade atual”. Da minha natural ambição de desejar ser reconhecida por aquilo que sou e faço, tal como já havia dito anteriormente, atribuo um enorme significado às palavras sábias de Alarcão (1996, p.176) as quais referem que “os professores desempenham um importante papel na produção e estruturação do conhecimento pedagógico porque refletem (...)”. E foi assim, treinando a minha capacidade de reflexão que fui evoluindo e, simultaneamente, procurando estratégias que me permitissem ampliá-la.

Admitindo que existe sempre a possibilidade de melhorar, entendo que futuramente deverei continuar a investir em ações de formação em temas que considere pertinentes de acordo com as necessidades de cada momento. Tendo ainda curiosidades relativamente à área do treino, pressinto que esta poderá vir a ser uma das formações que poderei vir a realizar. Antevendo que a situação difícil do País, não me facilitará o desempenho de funções de acordo

com a formação adquirida, fica a incerteza do futuro mas uma grande vontade de continuar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alarcão, I., & Tavares, J. (1987) *Supervisão da Prática Pedagógica – Uma perspectiva de desenvolvimento e Aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.

Alarcão, I., & Tavares, J. (1996) *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto Editora.

Amaral, M.J., Moreira, M. A., Ribeiro, D. (1996) O Papel do Supervisor no Desenvolvimento do Professor Reflexivo: Estratégias de Supervisão em Isabel Alarcão (ed.) *Formação Reflexiva de Professores: estratégias de supervisão*. Porto Editora.

Arends, R.I. (1995). *Aprender a Ensinar*. McGraw-Hill de Portugal, Lda.

Bento, J.O. (1987). *Planeamento e avaliação na educação física*. Livros Horizonte.

Bento, J. O.(2007). *Em defesa do desporto*. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto. Volume 7, no.2, 143-144.

Brunet, L. (1995): *Clima de trabalho e eficácia da escola*, António Nóvoa. (ed.): *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Dom Quixot

Cunha, A.C. (2008). *Ser Professor: Bases de uma sistematização teórica*. Braga: Casa do Professor

Cunha, A.C. (2007). *Formação de Professores: A investigação por questionário e entrevista: um exemplo prático (1ªed)*. Vila nova de Famalicão: Editorial Magnólia.

Escola Secundária/2,3 de Águas Santas (2008-2011). *Projeto Educativo de Escola*. AESCAS.

Escola Secundária/2,3 de Águas Santas (2010/2011). *Regulamento Interno da Escola*.

Estrela, M. (1992) *Relação Pedagógica e Indisciplina na Aula*. Coleção ciências da educação. Porto: Porto Editora

Estrela, A. (1986) *Teoria Prática de Observação de Classes: Uma estratégia de formação de professores* (2ª ed). Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica

Fernandes, E. (1990) *Psicologia da adolescência e da relação educativa*. Edições Asa

Gomes, P (2002). “*Cultura e contemporaneidade na Educação Física e no Desporto Estágio pedagógico: notas para um percurso didático*. Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.

Gusford, G. (1963). *Professores, Para quê?* (2ª Ed). Lisboa: Moraes Editores

Graça, A. e Mesquita, I. *A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos*. Consultado a 20 agosto 2011, disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpcd/v7n3/v7n3a14.pdf>.

Jacinto, J., Carvalho, L., Comédias, J., e Mira, J. (2001) *Programa de Educação Física 10º, 11º e 12ºanos: Cursos Científicos Humanísticos e Cursos Tecnológicos*. Ministério da Educação: Departamento do Ensino Secundário

Lalanda, M.C., e Abrantes, M. M. (1996). *O Conceito de Reflexão em J. Dewey em Isabel Alarcão (ed.). Formação Reflexiva de Professores: estratégias de supervisão*. Porto Editora

Lebre, E., e Bento, J. (2004). *Professor de Educação Física: Ofícios da Profissão*. Porto: FADEUP

Mantoy, J. (1972). *Vocabulário essencial da Psicologia da Criança*. Lisboa: Moraes Editores

Matos, Z. (2010/2011). *Regulamento da unidade curricular estágio profissional do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário*. Porto: FADEUP

Matos, Z. (2010-2011). *Normas orientadoras do estágio profissional do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em ensino de educação física nos ensinos básicos e secundário da FADEUP*. Porto: FADEUP

Mesquita, I. (1998). *A instrução e a estruturação das tarefas no treino do Voleibol: Estudo experimental no escalão de iniciados Feminino*. Tese de Doutoramento. Porto: FADEUP.

Mesquita, I., e Graça, A. (2009). *Modelos Instrucionais no Ensino do Desporto*. In Rosado, A., e Mesquita, I. (Eds.). *Pedagogia do Desporto* (pp. 39-68). Lisboa: Edições FMH – UTL.

Mialaret, G. (1981) *A Formação dos Professores*. Livraria Almedina: Coimbra

Mialaret, G. (1999). *As Ciências da Educação* (pp.1-67). Lisboa: Livros e Leituras.

Mota, J (2004). *O professor de educação física e o paradigma da atividade física e da saúde em Eunice Lebre e Jorge Bento (eds.) Professor de Educação Física: ofícios da profissão*. Porto: FADEUP

Postic, M. (2007). *A Relação Pedagógica* (1ª Ed). Lisboa.

Queirós, P (2004). *Da sociedade ao corpo: Alterações axiológicas- implicações para os profissionais da educação física em Eunice Lebre e Jorge Bento (eds.) Professor de Educação Física: ofícios da profissão*. Porto: FADEUP

Rosado, A., e Mesquita, I. (2009) *Pedagogia do Desporto*. Edições: FMH

Rosado, A., e Mesquita, I. (2009). *Melhorar a aprendizagem otimizando a instrução*. In Rosado, A & Mesquita, I. (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 69-130). Lisboa: Edições FMH – UTL

Ruivo, J. (1990). *O que é um Bom Professor. Representações das Características de Professor, Segundo Professores em Formação. Um Estudo de Caso*. Dissertação de Mestrado não publicada. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Samulski, D.(2002). *Psicologia do esporte*. São Paulo: Manole Ltda

Siedentop, D., e Tannehill D. (1999) *Developing Teaching Skills in Physical Education* (4ª Ed). McGraw-Hill.

Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas

Moreira, W.W., Eline, T.R., Martins,C., Simões. R. *Professor de Educação Física: um profissional da complexidade em Eunice Lebre e Jorge Bento (eds.) Professor de Educação Física: ofícios da profissão*. Porto: FADEUP

Garcia, R., Costa, A., e Pereira, A. (2006). *O desporto entre lugares: o lugar das ciências humanas para a compreensão do Desporto*. Porto: FADEUP.

ANEXOS

Anexo 1- Ficha de observação de aula adaptada pelo Núcleo de Estagio

Data: __/__/____	Aula nº: _____
Professor Observado: _____	Ano/Turma: _____
Observador: _____	Nº de Alunos: _____

ALT - PE (TPA - EF)

Academic Learning Time – Physical Education

Tempo Potencial de Aprendizagem – Educação Física

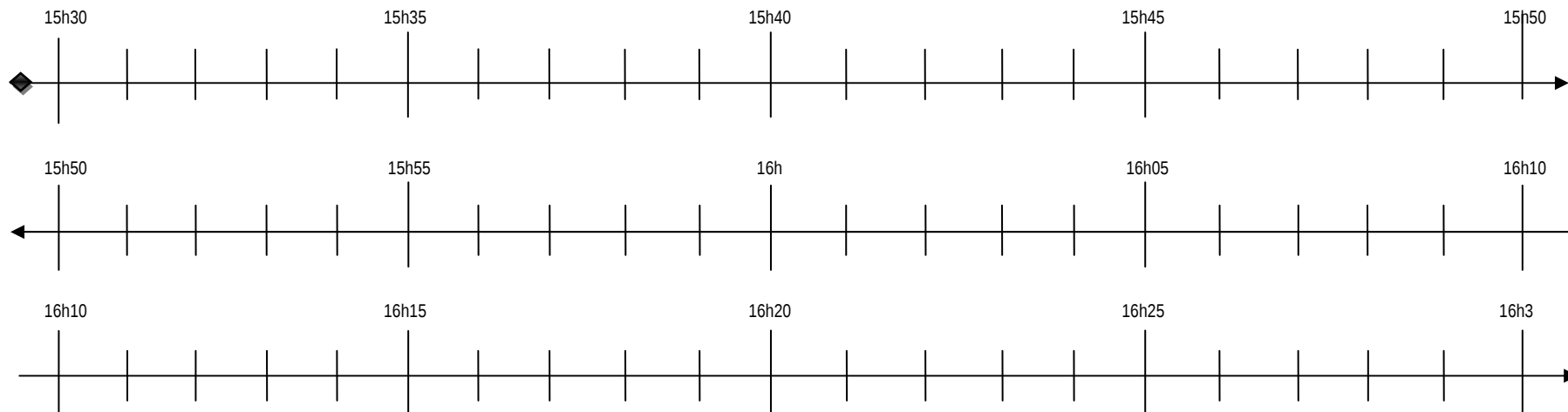
Registo de duração: Time Line

Início ○

● **Fim**

Categorias

- ☞ Comportamento Motor Apropriado **(CA)**
- ☞ Comportamento Motor Inapropriado **(CI)**
- ☞ Comportamento Motor de Ajuda **(CJ)**
- ☞ Não comportamento *motor*
 - ⊗ Interim **(NI)**
 - ⊗ Espera **(NE)**
 - ⊗ Fora da tarefa **(NFT)**
 - ⊗ Cognitivo **(NC)**
 - ⊗ Na tarefa **(NT)**



Anexo 2- Guião das Entrevistas

A presente entrevista insere-se no âmbito de um estudo académico de investigação-ação, enquadrado no Relatório de Estágio Profissional, relativo ao 2.º Ano do 2º Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto – Universidade do Porto, que tem como objetivo geral recolher informações sobre as interações sociais e relacionais dos diversos “atores” escolares, bem como o grau de satisfação face à gestão e ao clima que se vive na escola ES/2,3 de Águas Santas após as recentes alterações físicas e organizativas que ocorreram na mesma. Concretamente, as questões que se seguem pretendem recolher informação sobre: (a) a forma como os alunos se organizam atualmente nas novas instalações (b) as relações que se estabelecem entre os três ciclos de ensino e restante comunidade escolar; (c) a utilização e partilha das instalações desportivas por parte dos três ciclos de ensino.

Agradecemos, antecipadamente, a sua colaboração, solicitando a resposta da totalidade das questões com o máximo de rigor nas (respostas) dadas. Garantimos, para o efeito, que as suas respostas destinam-se apenas a serem usadas no âmbito desta investigação/estudo, não sendo divulgadas de qualquer forma à escola, professores ou a outras entidades.

Diretor:

Sempre que entro hoje na Escola não deixo de recordar os momentos que nela vivi antes da sua remodelação. Acontece-lhe o mesmo?

- 1- Qual a imagem que retém da Escola desse tempo?
- 2- O quê que a Escola oferecer hoje comparativamente com o passado?
- 3- Recorde a última vez que entrou no polivalente. Descreva-me o ambiente que lá se vivia.

- 4- Como acha que os alunos substituíram o convívio que tinham no polivalente?
- 5- Quais as dificuldades que encontrou com a inclusão dos três ciclos de ensino e consequente aumento de alunos?
- 6- Nas instalações desportivas o que pensa relativamente à partilha do balneário entre alunos do 12º ano e 5ºano?
- 7- Dá para fazer um balanço sobre este primeiro ano após as várias alterações que ocorreram na Escola?
- 8- De que forma é que estas mudanças físicas influenciaram o clima de aprendizagem dos alunos?

Auxiliar de Ação Educativa:

- 1- Que diferenças encontra entre o ambiente que se vive na “nova” escola e que se vivia na antiga?
- 2- Como acha que os alunos substituíram o convívio que tinham no polivalente?
- 3- Com a inclusão do 1º ciclo, o que acha que mudou relativamente à sua função na gestão das instalações desportivas?
- 4- Relativamente aos balneários como acha que se processa a partilha entre os mais velhos e os mais novos?

Professor de EF:

- 1- Qual (quais) a (s) principal (principais) diferença (s) que encontra no ambiente da escola com a inclusão dos três ciclos de ensino?
- 2- Do que é que tem mais saudades da antiga escola?
- 3- Como descreve o clima de aprendizagem atual que se vive nas instalações desportivas? Que diferenças encontra em relação ao passado com a inclusão do 2º ciclo?

Aluna:

Quando eu era aluna nesta escola o polivalente era o local onde eu e os meus colegas passávamos mais tempo a conviver!

- 1- Onde achas que os alunos passam mais tempo hoje na escola? E antes da renovação da Escola?
- 2- Achas que as alterações nas instalações da escola criaram mais oportunidades de sucesso para os alunos?
- 3- O quê que achas do facto de conviveres com alunos bastante mais novos que tu?
- 4- Como é partilhar as instalações desportivas com estes alunos?

Anexo 3- Transcrição das Entrevistas

Entrevista 1- Diretor da Escola

(21 de julho de 2011)

1. Sempre que entro hoje na Escola não deixo de recordar os momentos que nela vivi antes da sua remodelação. Acontece-lhe o mesmo?

Qual a imagem que retém da Escola desse tempo?

“Se me acontecesse o mesmo? Eu sou professor cá há muitos anos, há muitos anos já, portanto há vinte e sete, vinte e oito anos, e grande parte da minha vida na direção da escola, com responsabilidades portanto de organização e de gestão. A escola claro que se tem vindo a alterar de uns anos para os outros, a escola quando nasceu era uma escola muito pequenina ainda, tinha o tal polivalente que vocês muito apreciavam, agora já não tem mas pronto, era um local de convívio, era um local de convívio, era ali que toda a gente se juntava, a população escolar era em número muito reduzido cerca de setecentos alunos numa primeira fase. Só existia um pavilhão, o pavilhão A, o pavilhão de aulas depois só mais tarde no ano seguinte é que nasceu o pavilhão B, a oferta formativa da altura referia-se ao 3º ciclo do ensino básico e o secundário em número também reduzido de turmas, portanto era uma escola diferente, uma escola onde pronto, as pessoas todas se conheciam, todas se conheciam, e portanto o clima de escola era bom e pronto e é saudável que vocês a recordem dessa forma como uma referência na vossa vida. Depois claro, a escola foi crescendo, foi crescendo naturalmente, a população aqui à volta da escola também foi aumentando e a escola pronto foi aumentando também proporcionalmente. Foi crescendo de uma forma saudável porque não cresceu depressa e isso é extremamente importante, não cresceu depressa, e portanto nunca houve, nunca se colocou, digamos não digo em dúvida, mas não, nunca se colocou aquela possibilidade de escola vir a deixar de ser uma referência no meio onde estava inserida, não; foi uma escola sempre muito procurada pelos alunos, para crescer tem que ser procurada, portanto uma

escola querida pela população ou tida pela população como uma boa escola, uma boa escola pronto. Não só pela população local mas também pela população mais abrangente a nível de concelho a nível até de distrito, uma escola pronto, tida como sendo uma boa escola, uma boa escola de referência, uma escola onde os alunos gostam de estar, os pais gostam de ter os seus filhos e os professores gostam de estar também, o que acontece ainda hoje em dia e quem vem trabalhar para a escola, neste caso para o agrupamento de escolas de águas santas, mesmo que a título provisório, mesmo que a título provisório, e mesmo que tenha que sair fica sempre com uma vontade muito forte de regressar, mesmo agora e agora se calhar até mais do que nunca. Portanto continua a ser uma escola onde o clima é bom onde as pessoas gostam de estar. Claro que sofreu alterações, sofreu, cresceu como eu já te disse, a sua oferta formativa agora é maior porque tem o 2º ciclo, tem o 2º ciclo e já com uma expressão muito apreciável, já com um elevado número de turmas, a população passou de setecentos para, só aqui neste espaço para cerca quase de mil e novecentos mais do que duplicou, quase triplicou e depois para além disso já não é escola só, também é um agrupamento, transformou-se em agrupamento. Temos aqui à volta as escolas do 1º ciclo e jardins aqui à volta que também pertencem à organização são () que pertencem à organização, portanto, no total cerca de três mil alunos, cerca de trezentos professores somos um centro de formação de professores, é aqui que se organiza a formação de professores para todo o concelho da Maia e da Trofa, mas isso fomos sempre centro de formação de professores e porque tivemos, porque achamos que era um desafio interessante, e foi efetivamente e também dá uma imagem de escola diferente, estas a ver, estas valências também enriquecem digamos assim a organização, somos (CNOS) somos centro do novas especialidades, em três anos já trabalhamos com cerca de três mil adultos sensivelmente mesmo adultos de todo o concelho da Maia e por vezes até de outros concelhos vizinhos por isso estamos a fazer um serviço, ou a prestar um serviço à comunidade muito interessante porque estamos a trabalhar com todos os níveis etários e desde, como te disse há pouco, desde o jardim, aqui há possibilidade agora que somos um agrupamento de os alunos entrarem com

três anos para o jardim e completarem os seus estudos até ao ensino secundário no mesmo agrupamento e isso é extremamente importante quer em termos de ensino-aprendizagem, quer em termos de gestão de disciplina e outras coisas mais. Surge um problema, resolvemos atempadamente de forma a prevenir situações no futuro, pronto!”

2. O quê que a Escola oferecer hoje comparativamente com o passado?

“E eu acho que já te respondi. Relativamente ao passado, está diferente, não está melhor não está pior, há coisas que nós mantivemos e foi efetivamente o aspeto (oculto) aspeto relacional, as pessoas relacionam-se muito bem, relacionam-se muito bem e achamos que é grande nossa preocupação, porque achamos que em qualquer organização o principal é isso, as pessoas têm que se sentir bem na organização, têm que se dar com os pares, têm que se dar com os pares a todos os níveis e se as pessoas tiverem essa vontade de vir para a escola isso é meio caminho andado para termos sucesso com aqueles para quem trabalhamos e para quem temos obrigação de obter bons resultados, com quem temos essa obrigação que é com os nossos alunos, portanto se as pessoas estiverem bem, quem beneficia com isso tudo claro que são os nossos utentes que são os nossos alunos, e o sucesso está garantido!”

3. Recorde a última vez que entrou no polivalente. Descreva-me o ambiente que lá se vivia.

“Claro, não vamos dizer que o polivalente que não era um espaço, era um espaço onde se fizeram coisas lindíssimas, aliás nós temos provas documentais disso mas as mais importantes nem são as documentais são aquelas que nos ficam, aquelas que nós recordamos com saudade e recordam vocês e isso deixa-me a mim então uma alegria muito grande, estão a ver! Porquê? Porque se fizeram coisas efetivamente muito lindas, passou por cá muito gira, muito gira mesmo, nos sempre tivemos, só a título de exemplo,

sempre tivemos a tradição da dança e nós tivemos cá grupos de dança espetaculares, grupos de expressão corporal e repara, a escola cresceu mas nós não deixamos de ter, antes pelo contrário, eu acho que a esse nível nós somos dos melhores e fazemos trabalho com muita qualidade e portanto há coisas para além, e claro que nesse polivalente fizeram-se outras coisas muito giras, mas nós agora também já temos seis ótimos auditórios pronto, temos aquele espaço que se chama praça da alimentação que serve como refeitório mas depois de se acabar as refeições, deixarem portanto, nos outros espaços pode funcionar como uma sala de estar, uma sala para os alunos estarem porque tem o bufete ali logo junto e tudo bem, agora, e depois nos também nunca deixamos de ser criativos, nós vamos com certeza, com certeza, olhar para este espaço agora com mais calma que as obras já estão concluídas e vamos encontrar nos outros, outros onde os alunos possam estar bem, posso dizer que agora a sala dos professores, e tu foste cá professora, a sala de pausa, não estou a dizer a sala de baixo, olha por exemplo para os professores aquela sala de trabalho era impensável há uns tempos, nos víamo-nos sempre atrapalhados para arranjar um espaço para os professores trabalharem. Agora temos uma sala de trabalho que é assim do outro mundo, como se costuma dizer ao ponto de, eu agora até já ter decidido que a sala de pausa lá em cima, aquela dita, onde as pessoas já estão, já traziam o hábito, já transformamos aquilo tudo, já tiramos computadores, já tiramos armários, aquilo vai ser só sala de pausa porque sala de trabalho vai ser a outra e isto está a ficar um espaço extremamente agradável porque vai permitir aquilo que nós na verdade sempre tivemos que é o conviver das pessoas, aquele não vai ser um local de trabalho, vai ser um local de convívio, é importante que, e a organização só beneficia com isso se isso se conseguir e nós vamos conseguir, estamos a criar condições para que isso seja outra vez, eu não digo outra vez, porque isso também não perdemos, agora claro, em alturas de mudança temos essa preocupação. (lembro-me que antes a sala de professores na altura era lá em cima e tinha um bar), mas houve sempre, porque não havia espaço, as pessoas trabalhavam naquele espaço também, agora não, agora nós vamos criar salas onde as pessoas possam estar, onde possam conversar, onde

possam falar da sua vida e da vida dos outros se calhar, tas a ver? Falar do que quiser, um local onde estejam bem estas a ver? Trabalho é trabalho, conhaque é conhaque e nós também precisamos um bocadinho de conhaque é conhaque para conseguirmos isso, o tal clima, pronto o tal clima de escola que todas as pessoas apreciam quer alunos, professores quer funcionários, um local onde as pessoas possam gostar de estar tas a ver? Pronto! (Eu: São as tais estratégias que agora vão surgindo) Vão, e sabes que ninguém sozinho faz uma organização, e eu como responsável por ela, tenho tido a sorte de ter sempre bons colaboradores, eu acho que até são todos aqui não há, cada um tem o seu papel na organização, e na verdade tenho tido a sorte de todos defenderem bem o seu papel, até tu vieste para cá e fizeste coisas tão lindas, fizeste antes como estudante com certeza absoluta, e fizeste também agora como estagiária, no teu início de carreira, fizeste coisas muito bonitas que eu gostei e todos nós gostamos e ainda bem, olha tas a ver os estagiários são muito acarinhados cá na escola, são ou não são? São, é verdade, as pessoas gostam de estar, e no ano seguinte, e depois vocês passam aos outros e depois com certeza que há muitos, outros colegas teus que vão querer vir para cá. Eu encontro professores que já estiveram cá muitos anos mas que ainda hoje dizem: eh pá águas santas aquilo é tão porreiro; e isto é verdade, e isso é extremamente importante, isso é que, não só para professores mas é como te digo também para alunos, os pais, nós temos cá hoje em dia, muitos alunos filhos dos nossos ex-alunos, temos, e com uma vontade, e como sabes também, nós temos muita procura, não podemos admitir todos os alunos que nos procuram felizmente ainda estamos numa dessas, vamos com certeza continuar a estar, nós não podemos dar resposta a toda a gente e os pedidos são imensos, as solicitações são enormes, isto também é bom sinal, é bom sinal, é sinal que há um reconhecimento público de que a escola está a fazer um bom trabalho”.

4.Como acha que os alunos substituíram o convívio que tinham no polivalente?

“Olha por exemplo a associação de estudantes, nunca teve uma sala, agora já vai ter uma sala, já tenho lá uma sala e até acho muito agradável o espaço, eles ali, a sala em termos de logística, eles podem fazer daquele espaço logo ali sabes? Até a própria associação de estudantes, tendo em conta o local onde vão estar tem todo aquele espaço disponível à frente onde eles próprios podem, que eles próprios podem animar e vão animar porque eu já acordei com eles também isso e vamos comprar uma aparelhagem de som para eles porem música e divulgação de atividades que queiram fazer e outras coisas mais naquele espaço ali junto à sua sede, à sua sala e portanto estás a ver, estas coisas vão surgindo naturalmente não é? Agora durante este ano, dois anos, em que a escola andou em obras, muito bem correram as coisas. Isto, pronto, a escola alterou-se completamente e acho que até conseguimos, a comunidade escolar até conseguiu conviver razoavelmente bem com isto, sem afetar aquilo que é mais importante que é efetivamente o ensino-aprendizagem dos miúdos, dos nossos miúdos!”

5. Quais as dificuldades que encontrou com a inclusão dos três ciclos de ensino e consequente aumento de alunos?

“Olha deixa-me dizer que eu não senti grandes dificuldades, antes pelo contrário e se calhar contrario, eu não eu acho que não contraria, tivemos constrangimentos é certo, houve inicialmente até, oh pá, sempre que se faz mudanças há sempre resistência às mudanças, isso é como tudo na vida, mudar é difícil às vezes (eu: e as mentalidades ainda mais) e as mentalidades ainda mais, mudar é difícil, e sabes que nós professores do ensino secundário sempre tivemos, nós, eu quando digo nós, sim no geral, oh pá, são professores do ensino secundário assim já tudo um bocado diferente e tal, e isto de, e portanto habituados a estar no ensino secundário, isto virem miúdos para aqui com aquele nível etário causa logo problemas, causou logo alguma dificuldade de aceitação de, quer dizer as pessoas tiveram alguma dificuldade, eh pá, os miúdos são pequenos, conviver com os mais altos, olha logo no primeiro ano começou a correr lindamente, porquê, porque os alunos do 12º ano e até do

11º apadrinharam os mais novos, portanto, receberam os mais novos, os mais novos andam aí na maior, nós não teríamos de nos preocupar mais com os mais velhos, porque os mais velhos, para eles o problema está resolvido, eles já eram os utentes da organização, o problema maior era o dos novos, aqueles que vinham cá pela primeira vez, oh pá, os miúdos não andam aí tão bem, não são felizes? Não dá para ver que os gajos são felizes, há alguma dificuldade?

(6.Nas instalações desportivas o que pensa relativamente à partilha do balneário entre alunos do 12º ano e 5ºano?)

Depois dizem aí nos balneários! Eh pá, qual é o problema? Qual é o pai que hoje em dia se calhar não toma banho, ou se está a tomar banho e se o filho entra pela porta a dentro da casa de banho ele vai-se esconder? Com certeza que não! Não estou a ver grande dificuldade, grande dificuldade nisso, claro que é preciso ter algumas cautelas, nós sabemos que sim, pronto mas isso acho que também as temos e felizmente não temos tido grandes problemas. É um problema dos próprios encarregados de educação desses alunos, eh pá, eles partilham os balneários com os mais velhos e não sei quê, oh pá, pronto, mas acredito que lidamos muito bem com a situação e felizmente até ao momento não tivemos problemas de natureza alguma por isso estar a acontecer. Claro que eles também estão com os seus pares, estão com os mais novos a tomar banho não estão ali tudo assim misturado, pode haver uma situação ou outra dos banhos. (Eu: a única situação se calhar de inibição dos mais novos) Sim, mas isso é uma coisa que vocês professores de EF trabalham muito bem e têm essa obrigação, isso até vos compete mais a vocês, e os professores de EF também, como todos os outros professores são cinco estrelas portanto, quando confrontados com esses desafios, digamos assim, sabem bem lidar com eles e então... Eu sou muito otimista! Aliás tenho que ser, eu tenho que contagiar os outros tas a ver? Eu tenho que fazer com que... (Eu: eu até já estou a ficar contagiada!) Eu fico feliz por isso!"

7. Dá para fazer um balanço sobre este primeiro ano após as várias alterações que ocorreram na Escola?

“Este primeiro ano, estes dois primeiros anos, nós começamos a receber miúdos do 5º ano há dois anos, os primeiros concluíram agora o seu ciclo, 2º ciclo, vão agora para o terceiro, houve um ano de integração dos alunos mais novos, uma novidade para nós, como já te disse, para toda a gente e depois com obras ao mesmo tempo, quer dizer, nós lançamos o 2º ciclo, numa fase em que a escola também começou a sofrer a tal integração e modernização, portanto, ampliação e modernização do parque escolar e isso causou-nos algumas dificuldades, já te disse há pouco que, lidamos razoavelmente bem com a situação e agora que temos tudo pronto, podemos concluir que os alunos, principalmente os alunos, e para isso todos nós contribuímos, todos nós contribuímos, vocês também, acabaram por não ser afetados porque a forma como a obra se foi desenvolvendo foi sempre a pensar também de forma a que isso não pudesse acontecer e portanto as coisas, agora claro temos todas as condições e mais algumas para oferecer melhor trabalho ainda e vamos com certeza”.

8. De que forma é que estas mudanças físicas influenciaram o clima de aprendizagem dos alunos?

“Olha o clima, o teu trabalho é sobre o clima, e eu tenho-te vindo a falar de tudo mas claro que isto vai sempre bater no mesmo, tas a ver? O clima das organizações, oh pá, é fundamental, as pessoas têm que se sentir bem para que as coisas aconteçam e aconteçam também bem e neste caso aconteçam com sucesso. Hoje em dia não podemos falar só de sucesso escolar, aquele que é traduzido por números, oh pá, os pais preocupam-se um bocado com isso: quantas negativas? Mas nós cá na nossa casa sempre tivemos outra preocupação que foi cuidar o sucesso educativo, trabalhar os nossos utentes os nossos alunos também nesse sentido, no sentido de eles mais tarde poderem exercer bem, bem, o seu dever de cidadania, serem pessoas

educadas. Hoje em dia mede-se tudo é por números, por resultados, que percentagem de sucesso a matemática, que percentagem de sucesso a português, que percentagem de sucesso educativo? Isto é difícil de medir também pronto, medir sucesso a esse nível é extremamente difícil mas deve ser uma nossa preocupação, e a comunidade educativa deve-se preocupar mesmo muito com isso, é obter bons resultados sim, porque nós também não podemos fazer má figura, não podemos ficar mal na fotografia, tudo bem a esse nível, mas também temos que trabalhar essa parte que é fundamental que são as relações, trabalhar o indivíduo por forma a que ele depois mais tarde se integre bem na sociedade tas a ver? E eu também acho que estamos a conseguir isso. (E então acha que estas modificações físicas vão ajudar nessa missão?) Vão, vão, vão ajudar, até, vão, vão. Para já as condições de trabalho para os professores são totalmente diferentes, não têm nada a ver! A escola está extremamente equipada de tudo que é moderno, topo de gama é um facto, as salas são muito mais confortáveis, temos sistema de ventilação, aquecimento central, quadros interativos, vídeo projetores, já temos computadores, secretárias, oh pá, coisas que eram impensáveis se calhar na tua altura e tu ainda és tão nova, tas a ver? Portanto isto tem, forçosamente que ter correspondência em termos de ensino-aprendizagem também, portanto estou convencido; para além dos outros espaços, espaços mesmos, aqueles espaços que no fundo te acabam por preocupar mais, preocupar também, que é a questão dos espaços para os alunos estarem, para haver convívio, nós temos um parque desportivo de excelência que na tínhamos, oh pá, nós quando começamos isto nem um gimnodesportivo tínhamos, só tínhamos um campozito ali ao ar livre para se fazer EF. Agora temos um polidesportivo ótimo, talvez dos melhores do país em termos de recinto desportivo a ser utilizado por escolas, temos duas boas salas de ginástica, se calhar podiam ser um bocadinho maiores, mas isso, pronto, nós também queremos sempre mais e mais e mais. Temos um recinto desportivo de área descoberta também excelente, temos ótimas condições, os alunos também partilham os espaços, partilham quando estão em aula mas também os partilham noutras situações, temos espaços não muito grandes mas numa área bastante apreciável de

exterior onde os alunos também possam estar, cá dentro isto é tudo muito bonito, eu acho. Temos um bom auditório que não é assim um auditório para mil e não sei quantas pessoas mas ainda agora em setembro vamos fazer aqui um evento em que vai estar presente em princípio o Ministro da Educação e temos duzentas e tal pessoas inscritas, quer dizer, naquele auditório vão estar duzentas e não sei quantas pessoas, portanto é uma atividade que se vai realizar aqui que é até é o centro de formação que vai realizar, um encontro pronto, vamos chamar um encontro, um encontro onde já estão inscritas duzentas e não sei quantas pessoas portanto é sempre um espaço, e com ótimas condições, aquela bancada porreira onde os alunos estão bem instalados, onde as pessoas podem estar bem instaladas; podem-se fazer lá coisas muito giras à semelhança do que se fazia no polivalente e eu tenho a certeza que se vão fazer, disso eu não tenho dúvidas nenhuma, aliás já se fizeram, já foram vocês, aí não foram os vossos colegas do ISMAI, já fizeram nesse espaço o seminário. Isto aos poucos vai lá! Tanto que quando nos vieres cá visitar vamos ter muito gosto em te receber daqui por um ou dois anos, já vais isto, olha exemplo disso, por exemplo, pelo facto de isto ser tudo em vidro se reparares bem sempre que se entrava na escola havia qualquer coisa exposta por estes corredores, a escola estava constantemente em exposição de coisas novas! Produz-se a sério e, muitos trabalhos dos miúdos do 2º ciclo. Um indivíduo entrava na biblioteca, coisas giríssimas que estavam aí expostas por tudo que é sítio, umas produzidas pelos alunos do 2º ciclo, outras por alunos de secundário, como foi por exemplo aquelas exposições da república, oh pá, e muitas, “N”, a escola sempre em exposição, portanto até isso a escola permite, as novas instalações permitem, nós temos uma galeria de exposições aqui permanente, antes não tínhamos essa hipótese. Tínhamos o polivalente onde tínhamos lá uns pracardezitos assim mas é um local também onde os alunos se concentravam todos, portanto também não dava para uma coisa deste género tas a ver? Portanto, agora claro, só vos fica bem e eu partilho inteiramente convosco isso, os tempos de outrora, porque foram tempos excecionais, mas com certeza daqui a dez anos quando recordarmos os

tempos de hoje e ao recordares a altura em que estiveste aqui comigo também vais recordar com saudade, acredita, porque a vida é mesmo assim!”

Obrigada!

Entrevista 2- Professor de EF e Coordenador do Grupo de EF.

(18 de julho de 2011)

1. Qual (quais) a (s) principal (principais) diferença (s) que encontra no ambiente da escola com a inclusão dos três ciclos de ensino?

“Eu posso, portanto eu estou cá na escola há cerca de onze, doze anos, e portanto a nova escola tem praticamente dois anos de existência em obra e portanto eu poderei dizer que todas as referências que tenho da escola referem-se ao que era o edifício anterior, o antigo. E refiro-me ao edifício antigo, não tanto ao edifício em si, pois um edifício antigo exige remodelação, outras condições provavelmente mas em termos humanos, como a alteração da escola foi para maior número de pessoas, maior capacidade, eu sinto que algo se perdeu da anterior. Eu posso dizer que nós praticamente conhecíamos todos, até porque a antiga escola tinha uma vantagem, que todos circulavam mais ou menos no mesmo espaço, obrigatoriamente as pessoas tinham que se cruzar umas com as outras e agora não, praticamente uma pessoa entra na escola e há parte da escola que ou não conhece nem vai lá, e portanto as pessoas também não se chegam a cruzar e daí leva a que se a população na altura imaginemos andava à volta dos cento e pico professores, neste momento andar já provavelmente perto dos duzentos, há muitos professores, e não só professores, alunos, funcionários, nós vamos cruzar e muitas vezes não sabemos se são pais se são professores, portanto vai acontecer e aconteceu já nestes dois anos de existência da nova escola”.

2. Do que é que tem mais saudades da antiga escola?

“Basicamente sinto saudades de um espaço que era o polivalente desta escola onde praticamente se centrava toda a atividade da escola, atividades extra curriculares, onde conviviam alunos professores, funcionários, e portanto é esse calor humano que existia na altura e que, tem tendência a desaparecer. Nós os que estamos cá na casa já há algum tempo lutamos para que isso não

desapareça mas nos sentimos que isso naturalmente vai desaparecendo ao longo destes, pelo menos destes dois anos”.

3. Que mudanças ocorreram com a inclusão do 2º ciclo? (questão adicionada na entrevista)

“Portanto, aí tem a ver essa mudança inclusão, faz com que haja uma nova organização na escola, organização em termos de espaços, porque em relação aos currículos nós já sabemos naturalmente que há uma divisão mas depois em relação há escola, como é que ela se vai organizar em termos de espaços e em termos de horários, para já estes dois últimos anos foram anos atípicos porque estávamos quase, era um estaleiro, a escola era um estaleiro, portanto estávamos em obra, tudo foi feito provisório, a partir do próximo ano letivo, aí sim vamos entrar já com uma escola nova em que a escola naturalmente vai-se organizar, em que eventualmente, e agora vamos ver o que a direção da escola, eventualmente o próprio pedagógico vai definir em relação aos espaços para evitar, porque isto é uma situação que leva, como é que hei de dizer, nem todos têm a mesma opinião, as mesmas ideias, será que é vantajoso os alunos do 2º ciclo só conviverem naturalmente só com 2º ciclo? Ou poderão conviver 2º e 3º ciclo? Ou poderão conviver 2º com secundário? Portanto isso é problemático, as ideias divergem, agora a escola é que vai ter que se organizar. É verdade que em concreto em relação à EF, e que nos diz respeito e que é mais preocupante não com os espaços desportivos, porque esses estão enquadrados com um professor, mas diz mais, portanto em relação aos balneários aí sim, requer algum cuidado da nossa parte, apesar de os balneários nesta escola, e isso temos essa vantagem também, está, vestiário e balneário, estão separados e não haver aquela mistura como em algumas escolas antigas em que o balneário praticamente é um só e estão duas três turmas ao mesmo tempo, aqui há alguma separação. Mas mesmo assim, o

tempo é que nos vai dizer o quê que irá acontecer e tudo dependente da própria organização que se estabelecer não é?”

4. Como descreve o clima de aprendizagem atual que se vive nas instalações desportivas? Que diferenças encontra em relação ao passado com a inclusão do 2º ciclo?

“Pronto lá está, há aqui duas situações, nós como temos dois espaços distintos, espaços cobertos, ou seja o gimnodesportivo e lá em baixo as salas de ginástica, o que nós temos por exemplo nas salas de ginástica são balneários independentes em que o vestiário e a própria parte de banhos está separado, portanto, é só para uma turma. Realmente no gimnodesportivo não temos essa situação ou seja, a parte de chuveiros é polivalente, é para todos e aí pode haver essa junção, essa, se tivermos alunos de básico, portanto de 2º ciclo, com, com secundário. Pronto é uma situação que nós escola, quem está a organizar a escola tem que ter em atenção, neste momento é prematuro eu estar a ter uma opinião, ou melhor, a minha opinião é que devemos evitar ao máximo criar grandes, portanto, em termos de idades, muito afastados, ou seja, 2º e 3º ciclo será pacífico, eventualmente, um 6º e 7º ano, 5º,6ºano,7ºano será pacífico, provavelmente um miúdo de 5ºano com um de 9ºano ou 10º ou secundário ou 12º provavelmente já não será assim tão pacífico e portanto a escola vai ter que ter esse cuidado de eventualmente e também, e ao mesmo tempo serão os erros, os nossos erros, quer dizer, uma pessoa depois está dependente de todo o horário que se vai estabelecer dentro daquela turma e provavelmente dentro dos horários, dependendo do número de turmas muitas vezes é possível fazer esse jogo para um determinado período do dia ter só básico ou só 2º ciclo mas provavelmente haverá situações ou alturas que por mais que se esforce, já não vai permitir e portanto, agora temos é que evitar ao máximo o número desse tipo de convivência não é? Mas pronto vamos aguardar e vamos tentar melhorar todo o nosso trabalho não é?”

(Para terminar, uma última questão: Espera recuperar aquele calor humano nestas novas instalações? Acha possível?)

“Acho muito impossível, é totalmente, eu pelo menos acho que é totalmente impossível. Normalmente eu nunca digo que não, porque dizer não implica logo deitar a toalha ao chão, desistir, e eu não sou daquelas pessoas que desista com facilidade, portanto, e penso que a escola também não deve desistir, vamos ter que lutar e acredito que os grupos vão-se reorganizar novamente e provavelmente esse calor humano vai existir ao nível do departamento, provavelmente ao nível do grupo, mas depois estender isso a toda a escola é capaz de ser um bocado complicado até porque repara, agrupamento temos escolas do 1ºciclo que estão dispersas aqui à volta da nossa escola nós não temos nem tempo, portanto, não conhecemos as pessoas que lá vivem. Essas pessoas vêm a escola secundária, ao centro, à sede, de longe a longe, portanto é impossível que a gente se conheça. Depois dentro do 2º, 3º ciclo e secundário é que seria mais fácil porque quase coabitamos mais ou menos nos mesmos espaços, a verdade é que os horários são diferentes, a escola é muito grande e ainda por cima os circuitos não são os mesmos de entrada na Escola, uma pessoa entra vai pelo lado direito, há outros que entram, viram para o lado esquerdo e naturalmente nunca mais se encontram e logo que terminem saem e é a mesma coisa portanto, muito dificilmente aquele ambiente que existia vá voltar a aparecer. Mas pronto, mas a gente nunca diz que não, não é?”

Entrevista 3- Auxiliar de Ação Educativa

(18 de julho de 2011)

1. Que diferenças encontra entre o ambiente que se vive na “nova” escola e que se vivia na antiga?

“Sim, certamente, eu já estou aqui a trabalhar há vinte e três anos, e portanto a escola está muito diferente daquilo que era nessa altura, sinto mais saudades desse tempo do que atualmente. A escola está muito diferente a todo o nível e portanto traz-me mais recordações a parte antiga”.

(Eu: e essas recordações são claramente relacionadas com as diferenças que encontra agora na escola não é? Por isso, dessas diferenças que encontra agora no ambiente, o quê que destaca mais na nova escola e na escola antiga. O quê que se vivia na antiga escola?)

“Ora bem, como a escola antiga era mais pequena, tanto nós funcionários como os professores, e até os alunos, conhecíamos-nos minimamente todos, éramos como se fosse uma família, agora é impossível! Praticamente uma grande maior parte dos professores eu não os conheço porque não nos encontramos, a distância é tão grande entre os pavilhões, os setores de trabalho, que não dá para nós nos encontrarmos; só o haver dois bufetes por exemplo, acho que logo isso priva aquele convívio entre nós e os professores e antes não, antes a gente falava-se, havia uma relação até pessoal de amizade entre nós todos, não havia aquela diferença entre professores e auxiliares e mesmo os alunos também. Agora não, agora praticamente é impossível conhecermo-nos nesta comunidade escolar que está toda muito diversificada.”

Eu: Perdeu-se então aquele ambiente.... “ de família, por assim dizer, perdeu-se e muito e muito”. Eu: E o que nota assim mais... “é o que dá assim mais na vista, o que nos faz sentir mais a diferença da escola, é isso”

2. Como acha que os alunos substituíram o convívio que tinham no polivalente?

“Agora andam mais dispersos, quando está a chover, eles ficam dentro dos pavilhões ora, com isso eles fazem mais asneiras, há mais estragos porque também os funcionários são poucos dentro dos pavilhões e não dá para ver todos os “tropelios”, por assim dizer, dos alunos não é? Portanto eles espalham-se um bocado cá por fora, o espaço ali no desportivo também é pequeno para tanta gente, é pequeno, portanto eles ao estenderem-se pela escola toda, há aqueles recantos por aí onde eles muitas vezes se escondem e fazendo coisas até que nem devem, não é? (Eu: mas o espaço então o que acha...) “é pequeno e inadequado para esta dimensão escolar. Faz falta, faz falta um polivalente. O antigo além de polivalente tinha aquelas mesas para eles jogarem ping-pong, tinha aqueles joguitos das damas, do xadrez e eles iam-se entretendo muito por ali porque tinha umas mesinhas onde eles estavam sentados a conversarem, muitas vezes só isso e agora não! Agora não têm nada com que se distrair, estão mais dispersos e acho que realmente faz falta”.

3. Com a inclusão do 1º ciclo, o que acha que mudou relativamente à sua função na gestão das instalações desportivas?

“Mudou muito nossa maneira de trabalhar, por exemplo eu como estou nos balneários notei isso a nível dos pequenitos que muitos deles, uma maior parte, vem tudo assim com nove anos para aqui e uma grande parte não se sabe vestir, para apertar uns cordões também não sabem e se a manga de um casaco estiver do avesso já não a sabem pôr direita, portanto aí perdemos muito tempo com os próprios alunos não é? E então nota-se também mais é, há mais alunos com deficiências, e eu acho que a escola também não está preparada para acolher esses alunos, não está porque alguns nem sabem tomar banho não é? E por aí perdemos logo muito tempo, e depois claro, não há aquele tempo que deveria haver para limpar as instalações como devem

ser”. (Eu: porque além disso tem que gerir todo o material...) “todo o material dos professores e portanto como há pouco pessoal também daí a dificuldade que temos em gerir aqui o espaço gimnodesportivo. No entanto acontece o mesmo com os outros pavilhões, não é? É geral! Mas nota-se muito mais trabalho, haveria de haver mais quantidade de pessoal”. (Eu: Então neste momento sente que tem aquela função de ser quase mãe!) “Ai temos que ser aqui mães, ai temos, temos, porque eles muitas das vezes é aqui que aprendem não é? Muitas vezes até na cantina para comerem, aprendem a ter maneiras e sentido de estar à mesa e tudo, é aqui na Escola! Até muitas vezes o período, falo pelas meninas que nem sabem pôr muitas vezes um tampão como me aconteceu o ano passado, nem sabiam pôr um penso higiénico, que algumas ficavam admiradas porque o punham ao contrário e depois vai-se a ver o quê que acontece! Mas há muitos casos assim, com os pequeninos do 5º ano há muitos casos assim que realmente não sabem desenrascar-se de maneira nenhuma”.

4. Relativamente aos balneários como acha que se processa a partilha entre os mais velhos e os mais novos?

“Eles geralmente, como os mais velhos são maiores criticam os mais pequenos. Os pequenos ao princípio têm um bocadinho de vergonha deles e muitas vezes até iam tomar banho era vestidos, as vezes com cueca e soutien, iam assim tomar banho. Os grandes quando viam: -olha aqueles todos vestidos a tomar banho, tira isso, tira isso! E depois numa próxima vez é que eles muitas vezes já iam sem o soutien mas iam de cuecas! Há muitos que ainda hoje no 6º ano vão de cuecas mas sem soutien tomar banho. Outros não, ao fim de duas, três semanas já se sentem mais à vontade e já são normais. Agora para se desenrascarem, tomar banho e vestir-se para vir embora é um bocadinho difícil, 5º e 6º ano é um bocadinho difícil. (Eu: Então acha que é saudável não é..?) É saudável porque eles aprendem a desembaraçar-se melhor e a desinibir-se também, é saudável agora, lá fora acho que há uma diferença muito grande de idades nos recreios e tudo, centrada principalmente

na parte masculina que muitas vezes, ou empurram os pequenitos, ou estão muitas vezes assim a dar-lhe nomes, chamam nomes, isso também acontece muito e usam um palavreado que para os pequenitos ainda não é muito comum, não é? Depende que também há aqueles que já são sábios não é, e já conhecem tudo mas ainda há muitos meninos assim, como se costuma dizer, filhos dos papás, há muitos há, mas eles depressa aprendem a desembaraçar-se porque tem que ser assim, eu não sou apologista disso! Eles deviam estar separados, Separados ou então juntos com o 4º ano. (Eu: Por isso diz que sente um pouco saudades da escola...) ANTIGA, acho que estava bem a partir do 7ºano, acho que sim e mesmo no 7ºano os novitos quando vinham para aqui ainda eram pequenitos, envergonhados e tudo mais”.

(Foi uma mudança então gigantesca) foi uma mudança muito grande, foi e agora é o hábito, agora é o hábito.

Entrevista 4- Aluna de 11ºano

(13 de setembro de 2011)

Quando eu era aluna nesta escola o polivalente era o local onde eu e os meus colegas passávamos mais tempo a conviver!

1. Onde achas que os alunos passam mais tempo hoje na escola? E antes da renovação da Escola?

“É assim os alunos do secundário passam mais tempo no bufete, que é bufete, cantina e polivalente, os do 2º ciclo passam mais tempo no campo de futebol ou então na biblioteca, onde eles têm lá os computadores e estão nos jogos mas não há assim muita interação entre o secundário e os outros anos. (Eu: então eles separam-se, achas que há uma separação) só mesmo quando têm que se deslocar ao bufete para comer. (Eu: Então achas que o local, hoje, onde vocês passam mais tempo, onde convivem mais será no refeitório) no bufete). **E antes da remodelação da Escola, vocês estavam mais onde?**

Desde que eu ando lá, desde o 7º ano, nós encontrávamo-nos sempre no polivalente e mesmo cá fora no espaço exterior (Eu: então passavam mais tempo no polivalente e no espaço exterior, então sentes falta do polivalente?) Sim porque em termos de espaço era muito maior, tínhamos o bufete noutra estabelecimento, estava tudo, eu acho que mais organizado. (Eu: Agora achas que há um espaço que tem várias funções? Neste caso há uma cantina que é...) cantina, bufete e polivalente, zona de convívio”.

2. Achas que as alterações nas instalações da escola criaram mais oportunidades de sucesso para os alunos?

“Sim, por exemplo a biblioteca, o número de computadores aumentou, temos mais impressoras, penso que o número de livros, de variedade também aumentou, mais salas de espetáculos, temos um anfiteatro que antes não tínhamos, um auditório que dá para fazer várias coisas; antes nós tínhamos que alugar o palco e só dava para uma turma, agora como há mais auditórios,

provavelmente dá para mais turmas fazerem o que querem mas em termos de serviços, principalmente na reprografia, é um espaço muito pequeno para a quantidade de alunos que precisa de ir ali. Antigamente havia um corredor inteiro onde tinha duas funcionárias, cada uma com a sua caixa registradora, o que permitia, portanto, era o dobro da velocidade. Agora não, agora é uma funcionária para muita gente e depois não há aquele cumprimento das filas que é normal. (Eu: Então gera ali uma fila de espera, e se calhar nem sempre todos têm oportunidade de...) não, muitas vezes o intervalo não chega, o tempo do intervalo não chega para estar na fila e comer. (Eu: têm que se organizar de outra forma se calhar). (mas já que falaste nos espaços dos espetáculos, porque o polivalente sempre foi o local onde se faziam as festas e tudo mais, existe um palco) agora não, agora não existe um palco! (Mas achas que os espaços que existem para essas festas, que é suficiente?) É assim o palco e o bufete que também serve para festas e jantares, já tem quatro funções, o auditório por exemplo é metade do polivalente antigo e não tem palco, é uma sala completamente quadrada, não tem mesmo nada, faz falta o polivalente porque parecia mesmo uma sala de espetáculo, o palco e depois cá em baixo a assistência. (Eu: se calhar numa escola em que há mais alunos hoje, um espaço mais pequeno não será o ideal!) Não, não, deviam ter aproveitado o espaço de melhor forma”.

3. O quê que achas do facto de conviveres com alunos bastante mais novos que tu?

“É assim, eles não interagem muito connosco principalmente nos intervalos mas eles podem aprender algumas coisas connosco, no entanto por exemplo, a biblioteca, muitas vezes uma pessoa quer lá estar a estudar, onde pessoas mais velhas estão e os pequeninos estão no computador e gera ali um bocado de confusão porque eles também, provavelmente, não têm a mesma idade que nós e querem fazer outras coisas portanto acho que o espaço devia estar mais bem dividido. (Já agora por falares nisso, que eles estão na biblioteca, mas o local onde eles normalmente estão e vocês estão é o mesmo? Vocês costumam estar os de secundário como os de 5º 6ºano nos mesmos espaços,

ou organizam-se em espaços diferentes?) Relativamente à biblioteca tem a parte dos computadores que não tem nada a separar das secretárias portanto é um espaço único. (Eu: no intervalo vocês costumam estar mais onde, os mais velhos?) No bufete ou cá fora. (E os mais novos?) os mais novos costumam estar para o outro lado que é o bufete, perdão, que é o campo e o pavilhão C. (se calhar os mais novos costumam estar mais na parte desportiva, mais do que vocês?) Sim, e não biblioteca nos computadores”.

4. Como é partilhar as instalações desportivas com estes alunos?

“É assim, por acaso nos últimos dois anos tem acontecido nós estarmos duas turmas de secundário com duas turmas de 5º e 6º ano, mas é assim, não interfere em nada, os balneários são individuais, só mesmo na zona dos banhos é que pode interferir, mas mesmo assim nunca houve problemas. (Eu: não notas assim vergonha se calhar...) Sim, das pequeninas, sim as pequeninas olham assim para nós e são mais inibidas e muitas vezes correm para o balneário com vergonha. Da nossa parte nunca aconteceu nada, agora delas, não sei! (Eu: elas tomam banho, porque já ouvi) sim provavelmente o professor dá-lhes sempre a indicação de a seguir a aula tomarem banho. (Eu: Uma funcionária por exemplo referiu que existiam alunas que por vezes iam vestidas tomar banho não iam completamente...) não mas mesmo as de secundário, ninguém vai completamente nu. (Eu: É geral!) É geral, é de todos os anos, é raro, são raras as pessoas. (Eu: Podia ser próprio da idade também, os mais novos terem mais vergonha, principalmente quando estão a dividir o chuveiro com os mais velhos) Não, mas mesmo por exemplo na minha turma, vai tudo de cueca!

Só para terminar, achas que o ambiente da escola, hoje não é, uma escola nova, uma escola diferente, uma escola com mais recursos com maior capacidade provavelmente de fazer atividades diferentes, achas que o ambiente da escola, hoje, é melhor para ti?

“Muito sinceramente, não, eu lembro-me de ter andado lá no 7º, 8º e 9º e o ambiente era melhor, eu pelo menos acho, também se calhar por esta mistura, porque são muitos anos, é muita gente e são pessoas diferentes não é? Se calhar de gerações já diferentes. (Eu: Achas que a distância então entre os alunos a nível de idades pode prejudicar o ambiente?) Sim, também!”